

CARLIZE REGINA OGG NASCIMENTO

**DO AMOR EM TEMPOS DE INTERNET: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS RELAÇÕES
AMOROSAS MEDIADAS PELA TECNOLOGIA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Sociologia da Universidade Federal
do Paraná, como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Sociologia**

**Orientadora:
Profª. Drª. Marlene Tamanini**

**CURITIBA
2007**

Catálogo na publicação
Sirlei R.Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

N244 Nascimento, Carlize Regina Ogg
Do amor em tempos de internet: análise sociológica
das relações amorosas mediadas pela tecnologia /
Carlize Regina Ogg Nascimento. – Curitiba, 2007.
146 f.

Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação , Univer-
sidade Federal do Paraná.

1. Amor - internet. 2. Internet – relações humanas.
3. Relações humanas – internet. I. Título.

CDD 152.41
CDU 159.94



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, após arguir o(a) mestrando(a) **CARLIZE REGINA OGG NASCIMENTO**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "DO AMOR EM TEMPOS DE INTERNET: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS RELAÇÕES AMOROSAS MEDIADAS PELA TECNOLOGIA", é de parecer favorável à *aprovação* do(a) acadêmico(a), habilitando-o(a) ao título de *Mestre* em Sociologia, linha de pesquisa "Cultura e Sociabilidades" da área de concentração em CULTURA E PODER. Curitiba, 05 de outubro de 2007.


Profª Drª Ana Luisa Fayet Sallas


Profª Drª Maria Rita de Assis César


Profª Drª Marlene Tamanini
Orientadora e presidente da banca examinadora

DEDICATÓRIA

Aos homens e mulheres que acreditam numa vida compartilhada, dedico este trabalho e algumas palavras mais:

*Encontro,
acaso*

*Aventurar-se nele,
desejo*

*Sustentá-lo,
graças às diferenças
mas também apesar delas.*

AGRADECIMENTOS

Manifesto aqui meu agradecimento aos que colaboraram para a realização deste trabalho.

À Prof. Dra. Marlene Tamanini, agradeço pelo meticoloso trabalho de orientação desta pesquisa.

À Prof. Dra. Maria Eliza Giusti por ter apontado a Sociologia como um caminho possível para a realização de um curso de mestrado. Ao Prof. Dr. José Miguel Rasia que direcionou meus estudos preparatórios para o processo seletivo de acesso ao curso e orientou a pesquisa durante o primeiro ano de trabalho. Agradeço a Claire Lazaretti, um presente com que a vida brindou-me, pois ganhei uma amiga que, como uma irmã que já trilhara o mesmo caminho, transmitiu-me sua experiência no campo da Sociologia além do carinho e afeto com que sempre me recebeu.

Desejo agradecer às impagáveis Kátia Straube, Darli de Fátima Sampaio e Izabel Liviski, colegas de turma, e de turnos madrugueiros no MSN TABAJARA, que fundamos, para não nos afundarmos em lamúrias. Piadas, chistes, trocadilhos e exortações de incentivo, foi o que trocamos, além de muitas promessas de encontros na cantina e poucas delas realizadas, mas mesmo assim, muito bem aproveitadas.

Agradeço ao psicólogo José Roberto Gioppo, chefe do Serviço de Psicologia do Hospital de Clínicas, pela crença e incentivo à qualificação dos profissionais que coordena. Aos colegas do Serviço pelo estímulo, sugestões e dicas sobre o afazer acadêmico. À Hugo e Jandyra Mengarelli, e ao Luiz Renato Braga, não só pelo empréstimo de livros e textos como pelas trocas originais na articulação entre a Psicanálise e os diversos campos das ciências humanas. À jornalista Michelle Thomé, meu agradecimento pelos convites para participação em debates na rádio CBN, acerca do tema deste trabalho, promovendo a divulgação da pesquisa e à Vilma Gural Nascimento pelas buscas de "obras raras" na Biblioteca Pública do Paraná

Àqueles que me acompanham desde há muito mais tempo, laços primevos, um agradecimento especial:

Ao Márcio Chimelli, cuja contribuição para minha formação crítica e intelectual foi determinante, meus agradecimentos pelas longas conversas que, além de profícuas, ajudaram a esparecer as nuvens do cansaço.

Ao Geraldo Bertoldi, sempre disponível, cujo auxílio propiciou um ganho de tempo precioso do início ao fim do curso.

Aos meus pais, Carlos e Elizéte que me transmitiram o que cada um tinha de melhor em si mesmo e, acima de tudo, ensinaram-me a persistir mesmo na adversidade. Ao meu irmão Carlos Eduardo e sua namorada Carolina, pelos plantões frente à prensa eletrônica enquanto imprimiam as diversas versões da dissertação. Às minhas irmãs Christiane, Celize e ao caçula Carlos Felipe, pela torcida.

Finalmente e, muito especialmente, agradeço à minha filha Mirella que, dos 9 aos 11 anos de idade, acompanhou este trabalho tentando compreender a necessidade de abdicar de lazeres, passeios, e, eventualmente, do auxílio materno nos trabalhos escolares, enquanto sua mãe fazia as próprias "lições de casa". Curiosa, perguntou sobre o que eu escrevia e depois de informada a respeito do tema, ofereceu espontaneamente uma contribuição que entregou-me por escrito. Tratava-se das definições de alguns tipos de relacionamento amoroso, de acordo com a história de seu tempo e de sua leitura de mundo. Cito-as aqui como grata conclusão:

Paquera: é quando você fica só na troca de olhares.

Ficar: é tipo quando você vai para a balada uma noite e você dança com alguém e beija ela ou ele.

Namorar: é você ficar um tempão!!!! com uma pessoa até noivar.

Na verdade até a parte do namoro, a "paquera", o "ficar"... É tudo enrolação para demorar mais para casar. (BERTOLDI, Mirella; 16 fev 2007)

“O amor virtual é o amor por si mesmo. Enquanto está só na Internet pode-se manter a imagem ideal do outro que eu construí para mim. Sair para o encontro na realidade é correr o risco de perder o ideal que eu construí.” C.H53 (usuário, entrevista de campo, fev. 2007)

"Nessa medida, o amor deriva do trágico no estado puro, inflama-se apenas em contato com a individualidade, e se choca contra a impossibilidade de superar a individualidade."

Georg Simmel

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi o de pesquisar a sociabilidade amorosa mediada pela tecnologia eletrônica, bem como as representações que os usuários elaboram acerca desta experiência. A problemática central do estudo investiga se existe a possibilidade de se construir relacionamentos amorosos pela Internet e que tipos de relações podem configurar-se nela. Além disso apresentam-se alguns dos motivos encontrados para a busca de parceiros no ambiente virtual, descrevem-se as práticas vivenciadas pelos usuários, verifica-se a vigência ou não da reprodução de valores tradicionais referentes às relações entre os gêneros e averiguam-se as possibilidades do uso construtivo e/ou deletério da Internet em relação à sociabilidade amorosa. A consecução do trabalho deu-se por intermédio da realização de entrevistas com usuários dos sites de encontros e namoros; recursos virtuais escolhidos por serem construídos para a busca de parceiros. Os resultados foram submetidos à análise qualitativa e revelaram que, de acordo com a definição e expectativa, dos usuários entrevistados, acerca das relações amorosas e/ou sexuais, a Internet não é um ambiente onde se possa construí-los e vivenciá-los porém esta tecnologia é uma ferramenta a mais para busca e aproximação entre pessoas que desejam um parceiro. Verificamos que a Internet propicia não só a aproximação como também o rompimento das relações estabelecidas entre os parceiros e, finalmente, que no ambiente virtual reproduzem-se as relações de gênero calcadas nos modelos tradicionais.

Palavras chave: **amor, sexualidade, tecnologia, relacionamento, Internet, subjetividade, gênero.**

ABSTRACT

The main objective of this study was to research loving sociability mediated by electronic media as well as users' representations elaborated from this experience. The core study problematic investigates the possibility of building up love relationships on the Internet as well as the kind of relations that can be configured in it. Moreover, some reasons are presented in order to search for partners in the virtual environment, users' lived practices are described, the reproduction or not of traditional values regarding gender relations is verified and the possibilities for constructive or deleterious use of the Internet as to loving sociability. This study was carried out by means of interviews with matchmaking sites' users which take up the chosen virtual resources once they target partners' search. Results were submitted to qualitative analysis and disclosed that, according to users' definition and expectations towards loving and/or sexual relationships, the Internet is not the proper environment where they can be built or experienced, however this technology is one more tool for searching and approaching those people wishing for a partner. It was evidenced that the Internet not only enables people's encounter but also partners' relation breakup and, finally, gender relations grounded on traditional models are reproduced in the virtual environment.

**Key words: love, sexuality, technology, relationship, Internet, subjectivity,
gender.**

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Número de usuários e faixa etária no site Par Perfeito	30
TABELA 2 : Faixa etária da amostra pesquisada	31
TABELA 3: Grau de instrução	32
TABELA 4: Renda individual	33
TABELA 5: Tipo de recurso utilizado e categoria econômica	34
TABELA 6.1: Estado civil (total da amostra)	36
TABELA 6.2: Entrevistados que estão sozinhos	37
TABELA 6.3: Casais em que ambos os parceiros foram entrevistados	37
TABELA 6.4: Entrevistados em que apenas um parceiro aceitou participar da pesquisa	38
TABELA 7: Número de usuários que usam a Internet para buscar parceiros	40
TABELA 8: Resultado descritivo dos achados, em porcentagem.	41
TABELA 9: Benefícios e Privilégios	47

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE TABELAS	ix
SUMÁRIO	x
INTRODUÇÃO	11
O CAMINHO DAS PEDRAS OU A CAMINHO DOS SITES	15
1.1 O interesse pelo tema, problemática, hipóteses e objetivos	16
1.2 Abordagem teórico - metodológica	22
1.3 Apresentação do campo	26
1.4 Caracterização da população	29
1.5 Descrição e caracterização dos sites de encontros e namoros	43
1.6 Enquanto isso ... nos bastidores	52
TECNOLOGIA E SOCIABILIDADE	56
2.1 Particularidades da interação virtual: anonimato, máscaras e promessas	56
2.2 Virtualidade, realidade, desterritorialização	64
2.3 A sociabilidade na Internet	72
AMOR E TECNOLOGIA	79
3.1 Do amor...	79
3.2 ... em tempos de Internet	93
EXPERIÊNCIA DO RELACIONAMENTO AMOROSO NOS SITES DE ENCONTROS E NAMOROS	97
4.1 Tecnologia	99
4.1.1 Internet, sociabilidade e mercado	99
4.1.2 Tecnologia e suas possibilidades: do lúdico às amizades; sociabilidades.	101
4.2 Gênero	108
4.2.1 Concepções sobre a expressão das emoções, intelectualidade e poder econômico	108
4.2.2 Táticas e práticas de aproximação	112
4.3 Sociabilidade amorosa	117
4.3.1 Estado civil: configurações e concepções sobre os relacionamentos	117
4.3.2 Do amor em tempos de Internet: amor, sexualidade, gênero e tecnologia.	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

Relacionando amor e tecnologia virtual, a finalidade principal do estudo foi a de pesquisar como se constróem as formas de sociabilidade amorosa a partir dos relacionamentos permeados pela tecnologia nos sites. Além disso objetivamos: levantar os motivos que levam as pessoas a buscarem estes relacionamentos virtuais; descrever as práticas vivenciadas bem como as representações que os usuários construíram sobre estas experiências. Buscamos também averiguar os tipos de relacionamentos amorosos que a tecnologia permite que se configurem e finalmente verificar a vigência ou não da reprodução das relações de gênero calcadas nos valores tradicionais. O trabalho não teve como finalidade o estudo da tecnologia em si pois nosso objetivo foi abordá-la como mediação para construção de relações sociais ou, melhor dizendo, como a parte das relações sociais, circunscrita ao campo amoroso.

Nosso objeto de estudo constituiu-se em compreender quais as imbricações que podem existir entre as tecnologias virtuais e os relacionamentos amorosos, bem como que tipo de práticas amorosas elas permitem construir.

Foi a articulação, entre tecnologia e sociabilidade, suas possibilidades, seu uso construtivo e/ou deletério que estivemos estudando. Mais ainda, como produto de construção social, tentamos verificar que modelos referidos a gênero ela pode estar reproduzindo ou se pode chegar a modificá-los dentro do campo das relações amorosas. A hipótese inicial é a de que no ambiente virtual reproduzem-se valores tradicionais de sociabilidade amorosa existentes na realidade física, em que pesem algumas peculiaridades da realidade virtual como o anonimato, a velocidade, e a possibilidade de se assumir identidades diferentes. Esta questão sempre se manteve tensa, dado ao fato de que estes indivíduos ao entrarem no ambiente virtual além de o fazerem a partir

de parâmetros vividos no mundo cotidiano, pelo menos em termos de expectativas, também se deparam com recursos que lhes permitem engendrar modificações e novas formas de viver a sociabilidade amorosa, dinâmica que precisaria ser compreendida.

Desde que a opção foi pelo estudo do relacionamento amoroso, delimitamos o campo pelos sites de encontros e namoros que se dirigem especificamente às pessoas que estão em busca de parceiros para esta finalidade. Por esta razão os demais recursos de comunicação, (correio eletrônico, conversas instantâneas, etc.) não foram analisados com a mesma profundidade dedicada aos sites de namoro.

A influência da tecnologia na vida cotidiana é bastante significativa e vem permeando cada vez mais as relações sociais que antes eram, na maioria das ocasiões, praticadas em âmbito presencial. A sociabilidade na Internet começou a ser praticada no início da década dos anos 90 (CASTELLS, 2003) e o surgimento dos sites de encontros e namoros data do final desta mesma década.

A importância deste tema reside no fato de que o ser humano constrói sua subjetividade e tudo que dela decorre – como suas ações, significações dadas à leitura do mundo – nas relações sociais que estabelece. Portanto, justifica-se o estudo do tema para se pesquisar se existem diferenças significativas e quais seriam elas na constituição dos relacionamentos amorosos mediados pela tecnologia eletrônica.

O interesse pelo tema partiu da prática da autora na clínica psicoterápica, pela qual observou-se a utilização deste tipo de recurso para os relacionamentos amorosos.

Embora o acesso aos sites seja feito individualmente, sabemos que o particular nem sempre reflete o geral e dado que os sujeitos individuais tanto sofrem influências do meio social em que vivem quanto agem sobre o ambiente social, modificando-o, buscamos na Sociologia os aportes necessários para a pesquisa.

Trata-se de um tema recente pois, como dissemos acima, na Internet, a sociabilidade em geral iniciou-se há aproximadamente quinze anos e os sites de encontros, há menos de dez anos. Encontramos alguns estudos na área da sociabilidade em geral, como os de Nicolaci da Costa (2002, 2005), Bauman (2004), Castells (2000) e Lévy (1999) mas no que se refere exclusivamente à pesquisa da sociabilidade amorosa, tivemos notícia de apenas um estudo (PIP, 2006) que usamos como termo comparativo ao nosso.

O principal conceito do trabalho é o de sociabilidade e ele foi fundamentado na teoria weberiana, (WEBER, 1972) que postula que uma ação social implica em significações subjetivamente visadas pelos indivíduos acerca das relações que estabelecem, dentro dos contextos culturais em que estão inseridos. Esta ação é orientada por razões estrategicamente estabelecidas por valores, afetos e/ou tradições e dirigidas por motivações estabelecidas pela intersubjetividade.

O conceito de representação que utilizamos refere-se às significações que os indivíduos atribuem a sua leitura de mundo, às idéias que constróem sobre o que lhes acontece e que expressam em seus relatos e opiniões, no contexto de uma dada ordem cultural ou de uma estratégia institucional vigente.

Durante o decorrer deste trabalho, em prol da concisão, referimo-nos aos relacionamentos amorosos de forma genérica. A diferenciação entre modalidades que incluem afeto ou relacionamento exclusivamente sexual foi feita quando houve necessidade deste detalhamento. Os demais termos e conceitos foram definidos ao longo do trabalho.

A pesquisa foi perpassada transversalmente pelos estudos de gênero desde a construção das posições masculina e feminina historicamente consolidadas pelos valores tradicionais marcados pela cultura sexista, até a análise das relações de gênero atuais, que estão implicadas nos relacionamentos amorosos virtuais e que demandam um olhar mais complexo dadas as

sutilezas que eles engendram em termos de práticas sociais, re-significação e reprodução de valores.

Este trabalho encontra-se assim estruturado: o primeiro capítulo trouxe a consecução metodológica do estudo, situando o leitor em relação ao trabalho como um todo, partindo do detalhamento da construção do problema, seguido pelos objetivos e hipóteses. Ainda neste capítulo descrevemos tanto a população quanto o ambiente virtual pesquisado e apresentamos as opções quanto aos aportes teóricos utilizados na revisão da literatura que fundamenta o estudo.

O segundo capítulo foi dedicado à revisão da literatura acerca das questões sobre tecnologia e sociabilidade, bem como às particularidades das relações sociais no ambiente virtual.

O terceiro capítulo trouxe o estudo sobre os relacionamentos amorosos partindo das concepções anteriores ao surgimento da tecnologia dirigida para este fim que depois foram articuladas com a realidade virtual.

O quarto capítulo apresentou a análise das representações construídas pelos entrevistados acerca da experiência do relacionamento amoroso no ambiente virtual, captadas no trabalho de campo. Tal análise foi cotejada com a teoria estudada e articulada à problemática, aos objetivos e às hipóteses que a pesquisa objetivou responder.

O CAMINHO DAS PEDRAS OU A CAMINHO DOS SITES

Neste capítulo aborda-se a consecução metodológica utilizada neste estudo iniciando pelo ponto de onde partiu nosso interesse pelo tema, prosseguindo com a problemática, objetivos e as hipóteses do trabalho. Na seqüência apresentamos a escolha do referencial teórico – metodológico utilizado na leitura e interpretação dos resultados da pesquisa, seguida de uma apresentação do campo onde descrevemos o processo de busca, aproximação e caracterização da população pesquisada. Finalizamos o capítulo com a apresentação do ambiente da pesquisa, ou seja, a descrição e a caracterização dos sites, bem como das considerações mercadológicas que circundam o tema.

Sentimos a necessidade de fazer um esclarecimento neste ponto, qual seja, o de que o campo empírico, nesta pesquisa, foi dividido em duas partes. A primeira, de caráter predominantemente descritivo, com os resultados da parte estruturada da entrevista, é apresentada neste capítulo. Contudo, mesmo estes resultados guardam estreita relação com as representações subjetivas dos entrevistados, o que demanda uma análise qualitativa dos mesmos. Dois exemplos desta situação podem ser encontrados nos resultados relativos ao estado civil e à formação acadêmica que, apesar da aparência objetiva, portam idéias carregadas de interpretações sobre o modo como os sujeitos sentem-se na relação com o outro. Por este motivo, a análise interpretativa dos resultados descritivos, foi levada a cabo mais adiante no capítulo referente à leitura feita pela pesquisadora sobre o relato trazido pelos entrevistados, de suas experiências de relacionamento mediadas pela tecnologia. Embora as duas partes estejam profundamente imbricadas, e a rigor indissociáveis, decidimos por esta modalidade de apresentação em virtude das dificuldades que sentimos no momento de fazermos a análise do campo quando da escrita deste trabalho. Outro problema com o qual nos defrontamos, diz

respeito ao modo de citarmos alguns recortes das falas dos entrevistados, sem no entanto identificá-los, o que incorreria em falta ética, se ocorresse. Por este motivo sempre que necessário identificar de alguma forma os entrevistados, e em respeito à ética, utilizamos o seguinte formato: (G.H49), significa que a letra G refere-se à primeira letra do nome do entrevistado e trata-se de um homem de 49 anos. Analogamente para as mulheres, (S.M52), significa que a letra S é a primeira do nome e se trata de mulher de 52 anos. As citações das falas dos entrevistados seguirão o padrão das normas técnicas para citação de autores e serão utilizadas quando considerarmos que a paráfrase não seja suficiente para dar uma idéia precisa daquilo que pretendemos demonstrar.

1.1 O interesse pelo tema, problemática, hipóteses e objetivos

A razão que originou a escolha do tema, inicialmente, partiu da curiosidade pessoal motivada tanto pela polêmica veiculada pela mídia sobre o assunto quanto pela observação de que pessoas do círculo social próximo também estavam fazendo uso deste recurso. Disto resultou a experiência de entrar num dos sites para avaliar, a partir de referenciais pessoais, de quê se tratava. Tivemos oportunidade de verificar que os sites colocavam uma série de promessas e expectativas em relação ao encontro de um parceiro ideal com economia de tempo, dinheiro e esforço, além de um número quase ilimitado de opções entre os parceiros. Tudo por um valor menor do que se gastaria em formas tradicionais de busca, como bares e restaurantes, sob sigilo e anonimato propiciados pelo site. Esta constatação levou-nos a pensar que o estudo do tema poderia explicar como os indivíduos se engajam no mundo a sua volta, como se munem de expectativas sobre o que a tecnologia oferece no campo da sociabilidade amorosa e o modo como buscam, partilham seus relacionamentos dentro dessa dinâmica intermediada pelos sites. Em

seguida, e motivo precípua da busca de um estudo acadêmico, veio a experiência da autora em sua prática clínica, no bojo da qual, dentre diversos mal-estares observou-se, no relato dos pacientes, a dificuldade de se estabelecer ou manter laços conjugais satisfatórios, de acordo com suas expectativas, mas sobretudo o medo de implicação pessoal num relacionamento amoroso. Estas relações costumavam ser permeadas em algum momento pela busca de parceiros nestes meios de sociabilidade eletronicamente mediada.

Durante a preparação para a seleção de mestrado consultamos um dos professores do curso a fim de obter um direcionamento teórico, já que provínhamos de um campo diferente, a psicanálise, que não é estranha à sociologia, porém sua atuação é eminentemente clínica e dirigida ao particular. Poderíamos resumir que se a *práxis* sociológica acontece no campo do coletivo, a da psicanálise inscreve-se na atenção ao sujeito individual. Porém, ambas transitam uma pelo campo da outra, estudando as imbricações entre a existência individual e a coletiva. Neste período, o professor de que falávamos acima informara que o tema deste trabalho não estava dentro daqueles em que suas pesquisas se inscreviam, mas que poderia realizar a orientação quanto ao referencial necessário. Seu auxílio foi de grande valia pois obtivemos a aprovação no processo de seleção. Ironia do destino, justamente ele foi designado como meu orientador. Apesar de sua dedicação, durante os primeiros meses do curso, a parceria não foi possível e ele encaminhou meu trabalho à professora Marlene Tamanini.

Relacionando sociabilidade amorosa e tecnologia virtual, vinculadas às relações de gênero implicadas no relacionamento entre homens e mulheres construímos a problemática que apresentamos a seguir.

A primeira indagação refere-se aos motivos pelos quais as pessoas dirigem-se à tecnologia virtual para busca de parceiros. Estes indivíduos o fazem por alguma razão e atribuem significados, tanto as suas ações, quanto ao que esperam obter do outro a quem estão buscando.

Isto permitiu-nos pensar, a partir dos estudos de Giddens (1993), que estaríamos diante de modificações que poderiam possibilitar novas formas de viver a sociabilidade amorosa.

A segunda pergunta traduz-se da seguinte maneira: o fato de dirigirem-se à Internet para esta busca nos colocou questões acerca da tecnologia e de sua influência nas relações sociais no ambiente virtual, espaço no qual podem existir elementos que funcionariam como mecanismo de controle que se pode exercer sobre o outro, quando um usuário decide vigiar o que o parceiro faz ou com quem se comunica em sites como Orkut. Mais do que isto, pensamos que, como produto a ser consumido, a tecnologia participa da lógica que oferece a realização do desejo de estabelecer laços, para um ser humano que se encontra num mundo que vem proporcionando mais oportunidades de isolamento do que de inter-relações entre as pessoas. Neste sentido, a tecnologia se colocaria como aquela que poderia oferecer companhia a quem não a tem. Estes temas são analisados por Adorno e Horkheimer (1985), Benjamin (1987), Baudrillard (1995) e Deleuze (1992).

O terceiro problema coloca-se como a necessidade de situar a tecnologia eletrônica quanto a suas peculiaridades como virtualidade, materialidade, desterritorialização e a sociabilidade que se pratica nela, elementos com os quais os usuários estão em contato, e que influenciam aqueles que utilizam a tecnologia virtual. Para esta questão reportamo-nos a autores como Castells (2000), Baudrillard (1999, 2001); Bauman (2004); Deleuze (1992); Lévy (1996, 1999) e Virilio (1999).

O quarto ponto da problemática refere-se ao relacionamento amoroso entre homens e mulheres que implica em determinada conjuntura de valores referidos aos emblemas de masculinidade e feminilidade e passou por mudanças significativas no decorrer do séc. XX. (GIDDENS, 1993). Coube colocar perguntas sobre que tipos de relacionamentos poderiam surgir desta busca, como eles se constroem e que práticas são vivenciadas bem como quais seriam as

relações de gênero que poderiam ser observadas no ambiente virtual e, ainda mais, se elas reproduzem o modelo tradicional. Ainda neste ponto propúnhamos perguntar se a própria construção dos sites também não revela a reprodução de modelos generificados. Estas últimas questões foram abordadas a partir de autores como Foucault (2006), Butler (2003), Bozon (2004), que estudam a montagem de modelos que são naturalizados pelo discurso vigente.

Sendo a realidade virtual um meio de encontro que não se dá face a face, que permite assumir identidades fictícias, o que já é sugerido pelo uso de apelidos, refletimos sobre o modo como os usuários lidam com esta condição, bem como com o anonimato e se isto estaria relacionado a condições subjetivas como timidez ou ainda apenas pela diversão de vivenciar fantasias. Nesta mesma vertente investigamos se além de mediação para encontro de parceiros, a Internet não seria utilizada com a finalidade de romper relacionamentos, se o conteúdo da ruptura é diferente daquele utilizado pelos rompimentos por carta convencional, pelas viagens ou abandonos definitivos de um parceiro. Em outras palavras trata-se de investigar o quanto se leva em conta a presença do outro.

A questão mercadológica implicada na construção e utilização dos sites de namoros foi abordada como tema complementar, e não como essencial, com relação à pergunta sobre que preço se paga pela busca de um parceiro neste meio. Além disso, pesquisamos o que se movimenta em termos empresariais e financeiros na exploração dos sites de encontros e namoros, pois que estas empresas não criariam tal recurso se não partissem do pressuposto que as emoções, desejos, necessidades e expectativas dos indivíduos não fossem passíveis de serem intermediados pela tecnologia. Temos uma articulação entre o subjetivo e o social e uma produção de saberes que vincula sentimentos e emoções ao mundo virtual e tecnológico, quando observamos nestes sites a veiculação de uma linguagem sobre compatibilidade e felicidade. Cria-se assim uma

demanda de uso e condições de acesso. Estes assuntos foram estudados a partir do trabalho de Castells (2000).

Finalmente, se os indivíduos atribuem significações a respeito daquilo que os cerca bem como sobre suas vivências, restava colocarmos a pergunta sobre as representações que os usuários elaboram acerca de suas práticas nos recursos virtuais de relacionamento e analisá-las partindo dos pressupostos colocados pela problematização bem como sob a ótica dos autores estudados.

As premissas que constituem as questões apresentadas acima são de ordem cultural e o fato de estarem falando dos significados, buscas e desejos vivenciados no ambiente virtual revelam que essa tecnologia inscreve-se dentro de uma dinâmica sócio-tecnológica, o que é fundamental para a sua viabilização, produção e manutenção. Nela observamos a reprodução de concepções sobre o amor, modos de vida, carências, escolhas e autonomia do indivíduo contemporâneo.

Esta problemática levantou algumas hipóteses tais como a de que a sociabilidade amorosa que se estabelece a partir do uso da tecnologia virtual, permite colher aspectos das experiências com o consumo, com a fragmentação e re-significação da sociabilidade, bem como com a reprodução de valores tradicionais de gênero. Além disso, essas práticas reproduziriam uma variedade de possibilidades demarcadas tanto pela efemeridade e a velocidade dos relacionamentos, quanto pelo individualismo e o isolamento da experiência amorosa. Acreditamos também que além de proteger os mal intencionados, o anonimato seria uma das razões pelas quais os usuários escolheriam a Internet como modalidade de primeira aproximação do outro, não só por dificuldades subjetivas como a timidez, mas também porque seria uma forma que permite a criação de diversas identidades e fantasias. Finalmente, entendemos que a Internet é uma ferramenta a mais, para busca de parceiros.

A partir daí estava desenhado o caminho para um estudo mais aprofundado do tema cujos objetivos foram: a) pesquisar como se constroem as formas de sociabilidade amorosa a partir dos relacionamentos permeados pela tecnologia nos sites. b) descrever as práticas vivenciadas bem como as representações que os usuários construíram sobre estas experiências, c) averiguar os tipos de relacionamentos amorosos que a tecnologia permite que se configurem e, d) verificar a vigência ou não da reprodução das relações de gênero calcadas nos valores tradicionais.

A problematização, assim como as hipóteses e os objetivos, configuraram um trabalho que contempla uma análise dos sentidos elaborados pelos indivíduos para uma experiência vivenciada em dinâmicas múltiplas, construídos sobre uma história com valores pessoais e coletivos anteriores, que servem como referencial para um processo de res-significação ao serem expostos às mudanças sofridas pelas relações amorosas e aos conceitos e práticas sociais acerca da relação amorosa na contemporaneidade. A consecução desta proposta de trabalho foi realizada a partir da pesquisa de campo com usuários dos sites de encontros e namoros, à luz dos aportes teóricos encontrados a respeito do tema.

A construção do objeto do estudo e a eleição dos referenciais teóricos, foram trabalhadas exaustivamente, até que tomassem a configuração atual. A abordagem teórica foi construída partindo-se das discussões sobre tecnologias em geral, tecnologias virtuais e sua relação com os espaços de sociabilidade. Articuladas a estas abordagens as teorias de gênero foram estudadas como referência analítica no interior das práticas de relacionamento amoroso.

1.2 Abordagem teórico - metodológica

O tema deste estudo inscreve-se como uma investigação social que leva em conta o cotidiano das pessoas no que concerne a sua busca de relações sociais no campo amoroso mas não se restringe apenas ao momento atual daqueles que fazem parte da pesquisa, pois,

[...] diríamos que a vida cotidiana não se resume no aqui e agora. Ao contrário, é, sobretudo, fruto de um longo, conflitivo e complexo processo histórico e social. Portanto, para compreender as situações que ocorrem cotidianamente, é indispensável considerar que essas situações ocorrem em determinado ambiente (situações, espaços temporais específicos) e no bojo de certos campos de interação pessoal e institucional que, por sua vez, são mediados por modalidades técnicas de construção e transmissão de mensagens, cada vez mais complexas nos dias atuais. (FRANCO, 2005, p.30-31)

As palavras da autora mostram a importância do estudo compreensivo e interpretativo quando se trata da vida dos seres humanos, construções e significações que orientam condutas não só individuais mas principalmente na relação com os outros, uma vez que no dia a dia homens e mulheres costumam estar nalguma forma de inter-relação social. Temos aqui a razão da eleição dentro do campo metodológico, de contemplar uma abordagem compreensiva para análise do campo empírico. Elegemos esta vertente por estarmos trabalhando com um objeto que é construído pelo corpo social, produto e produtor da cultura que é aqui entendida como um conjunto de idéias, ações, relações e significações elaboradas, agenciadas e ao mesmo tempo compartilhadas pelos indivíduos de uma dada sociedade. Embora situado no presente, este cotidiano está marcado tanto pelo passado, quanto pelo futuro no momento em que um indivíduo formula suas expectativas futuras, a partir do que vivencia ou já vivenciou. Acreditamos que a atitude compreensiva deva levar em conta as condições de anterioridade que construíram tanto as relações coletivas quanto as individuais e que servem de referencial para estes indivíduos dado que a tradição teve sua função na construção das significações atuais, sobre o amor, que os sujeitos elaboram em sua leitura do mundo. (SCHWANDT, 2006). Temos então que a principal

abordagem de leitura neste trabalho será qualitativa o que não exclui algumas variáveis quantitativas quando necessário descrevê-las, a título de informação ou caracterização do campo.

Minayo (1992) em sua análise sobre os métodos quantitativos e qualitativos em ciências sociais diz que estes dois procedimentos não se excluem, mas complementam-se.

A questão, a nosso ver, aponta para o problema fundamental que é o próprio caráter específico do objeto de conhecimento: o ser humano e a sociedade. Esse objeto que é sujeito se recusa peremptoriamente a se revelar apenas nos números ou a se igualar com sua própria aparência. Desta forma coloca ao estudioso o dilema de contentar-se com a problematização do produto humano objetivado ou de ir em busca, também, dos significados da ação humana que constrói a história. (MINAYO, 1992, p.36)

A autora, num trabalho posterior (MINAYO, 2003) explica que o método de abordagem da análise qualitativa se realiza pela compreensão das relações e significados que os sujeitos constroem em sua experiência, dentro do contexto social em que vivem, sendo também influenciados, por este mesmo contexto em suas ações e representações mentais acerca do mundo. Trata-se de um processo onde sujeito e sociedade interagem influenciando-se mutuamente. Resumindo até aqui, neste trabalho, pesquisamos a sociabilidade amorosa entre homens e mulheres, vinculada aos processos e práticas sociais em que estão imersos, as significações que constroem sobre esta experiência vivida no ambiente virtual mas que, ao mesmo tempo, também carrega atrás de si, uma anterioridade vivenciada na realidade física, não menos atravessada pelos valores culturais referentes àquele contexto anterior. Noutras palavras, tanto o indivíduo quanto a sociedade atual, trazem marcas simbólicas de sua história e do modo como se produzem as emoções. A abordagem interpretativa e compreensiva, ou hermenêutica, permite abarcar a cultura em sua dimensão multifacetada, dinâmica, colocando-se à distância de posturas rígidas no que concerne à visão e leitura da realidade social.

O instrumento utilizado para a pesquisa de campo que se harmoniza com esta visão foi a entrevista semi-estruturada, dividida em duas partes:

a) parte estruturada: montamos um formulário, com dados, que possibilitaram uma identificação preliminar do sujeito, tais como: nome, idade, sexo, escolaridade, ocupação, rendimento, estado civil, tipo de relacionamento amoroso que procura - casual ou duradouro, independente de oficialização.

b) parte não estruturada: o tema implica na tomada em conta dos valores de cada sujeito, que foram articulados ao campo da sociabilidade. As questões versam sobre: os motivos que levaram o usuário a acessar os sites de namoros; suas expectativas sobre o que buscava; a comparação entre a vivência no ambiente da realidade física e da realidade virtual; a significação sobre os emblemas de masculinidade e da feminilidade; representação sobre as relações amorosas no que homens e mulheres esperam uns dos outros; definição do que é o amor para cada um deles; descrição de suas experiências relacionais dentro do site. Para isto utilizamos a entrevista não diretiva, proposta por Michel Thiollent (1985) que contempla não só a vivência particular do indivíduo como a interferência sobre o mesmo, dos dados da cultura à qual pertence e que podem influenciar seus modos de relacionamento.

[...] o objetivo da entrevista não-diretiva consiste em captar as identificações através da fala dos indivíduos, mediante a superação das censuras que nelas se manifestam. Isto permitiria uma apreensão da ideologia as suas dimensões social e individual. (THIOLLENT, 1985, p.89)

Os resultados foram analisados qualitativamente buscando nas entrevistas a significação que o sujeito constrói acerca dos relacionamentos que estabelece, assim como os demais elementos que constituem a problemática e atendem aos objetivos e à verificação das hipóteses.

Utilizamos a técnica da análise de conteúdo para tal fim, conforme Bauer e Gaskell (2002 p.192) pois: "A AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes,

opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades." Mais do que isto, contempla a observação do contexto e da relação dos valores de uma época. Todavia em nosso caso particular, a comparação se dá pela intersubjetividade, já que o relacionamento amoroso ocorre, no caso de nossos entrevistados, entre duas pessoas; em dadas culturas.

A análise de conteúdo também permite que se possa extrair daquilo que é dito a significação que fica implícita, não necessariamente manifesta, no discurso do entrevistado. Ela trabalha com a palavra e com a mensagem que aquela veicula. Portanto lida com uma linguagem socializada, simbólica, vívida, por expressar em sua prática sejam as emoções, sejam as racionalizações contidas na fala dos entrevistados. (BARDIN, 1995) Esta mesma autora, comparando a lingüística e a análise de conteúdo explica:

[...] a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. [...] A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A lingüística é um estudo *da* língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades *através* das mensagens. (IBIDEM, p. 43-44.-grifos da autora)

É da linguagem, de sua prática, que se tecem idéias, valores, constructos sociais que afetam os indivíduos. Sabemos por autores como Foucault (2006) e Butler (2003) o quanto, os significados sobre o corpo, seus usos, atribuições de masculinidade e feminilidade são determinados pelos discursos e subjetivados pelo sujeito, direcionando suas condutas e interferindo na constituição identitária.

A análise de conteúdo das entrevistas, do mesmo modo que a montagem do questionário, foi realizada com base nas categorias de sociabilidade, amor e tecnologia que atendem não só aos pressupostos teóricos como à problematização, as hipóteses e objetivos. Desta forma foram selecionados temas-chave como por exemplo: motivo da utilização da Internet para busca de parceiros amorosos que é um dos pontos trazidos por todos os entrevistados e, dentro deste tema-

chave categorizamos as respostas dos usuários analisando-as segundo similitudes e diferenças. Para este procedimento baseamo-nos em Franco (2005, p.57): "*A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.*" (grifo da autora).

1.3 Apresentação do campo

A preocupação com a viabilidade da pesquisa empírica sempre foi uma constante pois sabemos o quão difícil é obter a fala dos sujeitos sobre aquilo que de mais íntimo carregam. Vergonha, pudor e comedimento sobre tudo o que circunscreve o relacionamento amoroso atendem à hierarquia social e cultural sobre as emoções, selecionando os assuntos que possam ser expressos ou não. Foucault (2006) descreve como o contexto social das sociedades disciplinares enquadrava o amor e a sexualidade como assuntos que se devia reprimir desde o discurso mas o autor vai além, mostrando que por trás desta injunção, o que se escondia era o desejo de conformar as condutas de acordo com os valores institucionais vigentes. Tal objetivo era obtido atrelando-se amor e sexualidade à um conjunto de valores morais. (IBIDEM)

O fato de participarem de uma pesquisa por sua própria vontade não impediu que os entrevistados se sentissem constrangidos em falar de sua intimidade. A postura de distanciamento de juízos de valor, por parte da pesquisadora, foi o que permitiu, aos indivíduos, expressarem-se sobre seus sentimentos. Tratando-se de uma pesquisa acadêmica a demanda, para que se fale do assunto, partiu da pesquisadora e ao entrevistado cabia aceitá-la ou não. Porém mesmo tendo concordado em conceder a entrevista, e conhecendo de antemão qual o assunto que seria tratado, o clima de artificialidade persistiu. Observávamos atitudes como racionalizações excessivas por parte dos entrevistados e preocupação com a exatidão das informações o que levava a

pesquisadora a incentivá-los a emitir suas opiniões pessoais sem preocuparem-se com qualquer tipo de objetividade ou formalidade científica. Os percalços não foram poucos, em especial no caso dos entrevistados do sexo masculino, como detalharemos adiante.

A aproximação em direção aos sujeitos era sempre mediada pela pessoa que os indicava e a quem pedíamos que fizesse o primeiro contato. Instruíamos a este intermediador que apresentasse a pesquisa, sugerisse a participação e, no caso do aceite, solicitasse autorização e um canal de comunicação (telefone fixo, celular, endereço eletrônico) para que a pesquisadora pudesse contactar o possível informante. Esclarecíamos também que as entrevistas eram individuais - mesmo nos casos em que duas pessoas houvessem formado um casal, após o encontro dentro de um dos sites - sigilosas e feitas exclusivamente pela pesquisadora.

O local da entrevista foi deixado à escolha dos entrevistados, também no intuito de fazer com que eles pudessem sentir-se o mais à vontade possível, numa situação como esta. Além disso, esta opção atenderia a condição de poupar esforço e deslocamento para as pessoas que aceitaram participar do estudo. Algumas delas (geralmente os homens mais jovens) preferiram realizá-la, por sugestão da pesquisadora, na sala de estudos dos alunos do programa de pós-graduação em Sociologia, e outros preferiram sua residência como local mais apropriado. O motivo de sugerir a Universidade como local de entrevistas, foi o de colocar à disposição das pessoas, uma alternativa neutra para o caso daqueles que pudessem sentir como invasiva a presença de uma pessoa estranha em sua residência. Todavia, a busca desta alternativa, pelos homens mais jovens, solteiros, e universitários, ou recém formados em algum nível de graduação ou pós-graduação, deu-se provavelmente pela proximidade ou identificação dos mesmos, com o ambiente universitário. A questão de uma possível "invasão de privacidade" ficou por conta da escolha de uma mulher e um homem, ambos acima dos quarenta anos, que também decidiram utilizar a sala da universidade. A opção destas duas pessoas não deve ter ocorrido ao acaso, já que

eles formam um dos casais que se encontrou pela Internet. Foram entrevistados em dias e horários diferentes pois que já conheciam esta condição. Houve também aqueles que decidiram pela entrevista em seu próprio local de trabalho, pois havia um espaço com reserva de privacidade para tal.

Os sujeitos que fizeram parte da pesquisa foram encontrados entre os usuários dos sites de encontros e namoros sem qualquer delimitação por categoria de formação acadêmica, ou intelectual. Portanto, eram pessoas das mais diversas condições e não necessariamente iniciadas nas questões filosóficas discutidas no capítulo sobre virtualidade e realidade. Por este motivo, neste trabalho, aceitamos a significação dada pelo senso comum para o termo virtual como algo que não faz parte da realidade palpável, tangível. Entretanto julgamos relevante incluir na entrevista qual o entendimento de cada um dos sujeitos sobre essa questão.

Foram entrevistados indivíduos adultos que tinham acesso aos meios de comunicação eletrônica virtual e que utilizavam os serviços de relacionamento destinados a encontros e namoros. Durante as entrevistas percebemos que alguns dos sujeitos utilizaram outros recursos não tão específicos de busca amorosa, como os chats e messengers, mas pelos quais acabaram encontrando seus atuais parceiros. Estes casos também fazem parte da amostra numa demonstração de que estes encontros podem se dar de outras maneiras, ao acaso, sem que houvesse uma intenção precípua de busca de parceiros amorosos. Do mesmo modo, na vida cotidiana, no ambiente da realidade, pode-se encontrar, casualmente, alguém com quem se estabeleça, um relacionamento amoroso.

Dentre as peculiaridades apresentadas pela população pesquisada encontramos, no caso de duas mulheres, que atualmente convivem com parceiros oriundos dos sites de encontros, uma negativa por parte destes últimos em conceder a entrevista. Diante do convite feito por ocasião da entrevista de cada uma delas, estas mulheres avisaram-nos de antemão que seus parceiros

recusar-se-iam a participar da pesquisa, informando que são refratários a falar sobre o assunto "porque os homens não lidam bem com isso" (M.M52). Uma segunda particularidade ocorreu no caso de um rapaz que indicou seu próprio pai para participar do trabalho. Pai e filho foram entrevistados, também separadamente. Finalmente, quando da última entrevista com um homem, no momento do encontro, ele apresenta-se trazendo junto, a esposa. A situação, inesperada, foi contornada convidando-a para participar da entrevista a fim de não correr o risco de perder o entrevistado.

1.4 Caracterização da população

A amostra foi composta por 21 pessoas, sendo 11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, de orientação heterossexual declarada. A opção pela população heterossexual, deu-se porque se incluíssemos outras categorias como homossexuais e transgêneros, a discussão implicaria num referencial teórico bastante alargado em relação a gênero e dinâmicas de sexualidade além de termos uma ampliação numérica da amostra que aumentaria em demasia o tempo para realização tanto das entrevistas quanto para análise das mesmas. Esta opção foi feita no sentido de atender aos requisitos de exequibilidade da pesquisa. Segundo Quivy e Campenhoud (1992, p.35) "uma boa pergunta de partida deve ser realista, isto é, adequada aos recursos pessoais, materiais e técnicos".

A seguir procederemos à apresentação dos resultados encontrados na parte estruturada da entrevista. Contudo, como já dissemos no início deste capítulo, eles serão apenas descritos pois a análise foi realizada no tópico pertinente.

A faixa etária variou de 18 a 55 anos. Inicialmente pretendíamos fazer um recorte que vai de 40 a 50 anos, porque considerávamos que este grupo, em função da maturidade e vida

financeira estável, utilizaria os sites de encontros com intenções efetivas de obter relacionamentos amorosos de caráter estável. Esta escolha foi descartada pela dificuldade de obtermos a colaboração de homens nesta faixa etária, o que ocasionou maior frequência de homens jovens (entre 18 e 30 anos) em relação ao grupo das mulheres. Nas faixas acima de 30 anos, não existe diferença entre os grupos. Portanto aqui não se trata de que haja uma predominância de mulheres mais velhas na busca pelos sites. A seguir, na tabela 1, para melhor visualização e objetivando uma comparação com a nossa amostra, mostramos os dados divulgados pelo Par Perfeito.

TABELA 1: Número de usuários e faixa etária no site Par Perfeito

Número de usuários (em %)	Faixa etária
30%	19 – 24 anos
29%	25 – 34 anos
21%	até 18 anos
20%	acima 35 anos

FONTE: Disponível em: <www.parperfeito.com.br>. Acesso em: jul.2005

Os dados demográficos do Par Perfeito, embora não façam uma diferença entre os gêneros, tomando apenas o número total de usuários, registram uma predominância dos jovens, numa faixa que vai de 19 a 24 anos, em relação aos mais velhos, acima de 35 anos.

Quanto a nossa amostra, ao realizarmos uma entrevista piloto com um homem de 26 anos de idade, percebeu-se que seria interessante verificar se havia diferença na experiência de busca

de parceiras e nas representações sobre feminilidade e masculinidade, entre as gerações. Na tabela 2 apresentamos a frequência etária em nossa população com a seguinte distribuição:

TABELA 2 : Faixa etária da amostra pesquisada

Faixa etária	Homens	Mulheres
18 – 30 anos	4	1
31 – 40 anos	2	2
40 – 55 anos	5	7

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R .O. Pesquisa de campo, fevereiro de 2007.

Comparando as duas tabelas, (1 e 2), observamos que a amostra de nossa pesquisa apresenta uma população jovem em menor número do que a faixa etária mais velha, mostrando uma diferença em relação à população divulgada pelo Par Perfeito, na qual esta relação se inverte. Quanto à diferença entre as gerações referente à experiência de busca e representações sobre feminilidade e masculinidade, verificamos que ela não se confirmou. A discussão sobre esta experiência de busca e representações em relação a gênero encontra-se no capítulo que traz a análise qualitativa da pesquisa.

O grupo de entrevistados foi encontrado a partir da divulgação entre colegas, amigos e familiares da autora, bem como mediante divulgação do trabalho na mídia radiofônica, por meio da participação da pesquisadora em programas de debates acerca da tecnologia e sociabilidade.

A dificuldade para encontrar sujeitos do sexo masculino levou a uma ampla divulgação do trabalho dentro do próprio curso de Ciências Sociais, pedindo-se que os alunos indicassem conhecidos para que pudéssemos entrevistá-los. Esta última alternativa foi idealizada e realizada pelo professor Marlene a partir de suas listas de contato de alunos da graduação. Quanto a população feminina, variou entre 26 e 52 anos. Aqui encontramos já a primeira diferença em relação aos homens pois não houve dificuldade em obter a cooperação das mulheres. Não significa que todas as mulheres contactadas tenham participado da pesquisa dado que três delas aceitaram o convite e depois o recusaram no momento de marcarmos a data e horário para a entrevista. Quanto ao motivo da desistência, disseram que preferiam não falar de sua experiência e não desejavam dar mais detalhes a respeito.

Pesquisamos também o grau de instrução (tabela 3) e a renda financeira (tabela 4), elementos estes que se presentificam nas relações entre homens e mulheres, obtendo os seguintes achados:

TABELA 3: Grau de instrução

Grau de Instrução:	Homens	Mulheres
2º Grau completo	1	0
3º Grau incompleto	4	1
3º Grau completo	4	7
Pós Grad. <i>Latu Sensu</i>	0	2
Pós Grad. <i>Strictu Sensu</i> (mestrado)	2	0

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R. O. Pesquisa de campo, fevereiro de 2007.

Verificamos que a formação acadêmica concluída em nível superior, e *latu sensu* (nível especialização) teve maior frequência dentro da população feminina porém há maior número de homens com formação acadêmica *strictu sensu* (nível mestrado). Segundo Oliveira (2007) e Picanço (2007) isto poderia explicar-se por uma conjuntura de fatores, que desmotivariam as mulheres à busca do nível de pós-graduação, tais como: presença de filhos pequenos, lugar de inserção em suas carreiras, ocupar a posição de provedora da casa, projetos de vida em relação a casamento e ainda concepções sobre quanto uma mulher deve ou pode estudar.

TABELA 4: Renda individual

Renda individual	Homens	Mulheres
Sem renda própria	1	1
Até R\$1.000,00	2	-
Entre R\$1.000,00 e R\$3.000,00	5	5
Acima de R\$3.000,00	2	4

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R. O. Pesquisa de campo, fevereiro, 2007.

A renda individual, entre os grupos masculino e feminino, mostra o mesmo número de homens e mulheres dentro da faixa de renda entre R\$ 1.000,00 e R\$ 3.000,00 e na faixa acima de R\$3.000,00 a frequência maior ocorre na população feminina. Portanto, na população em geral a renda das mulheres é maior do que a dos homens. Tamanini, (2007) acerca da questão da renda e

escolaridade, considera que aquelas mulheres que apresentam renda a partir de R\$ 1.000,00 manter-se-iam no papel de co-provedoras em relação a um companheiro com quem partilhariam sua vida econômica, sem a necessidade do desgaste de uma pós-graduação. Ao mesmo tempo, ainda segundo a pesquisadora, essa renda lhes dá relativa autonomia se quiserem ficar sozinhas.

A tabela 5 refere-se ao tipo de recurso virtual utilizado, bem como quanto à condição de pagante ou não pagante (esta condição é válida apenas para os sites de encontros, pois chats e messengers são gratuitos). Nela demonstramos que alguns usuários utilizaram todos os tipos de recurso e por isso constam nas três modalidades. Isto acarreta um total maior do que o número de entrevistados. Verificamos então:

TABELA 5: Tipo de recurso utilizado e categoria econômica

Recurso	Homens	Mulheres
Sites de Encontros	7	5
Pagantes	2	2
Chats	4	5

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R. O. Pesquisa de campo, fevereiro de 2007

O tipo de recurso e a condição de usuário pagante ou não, é relativamente independente da condição financeira, entre homens e mulheres. Uma vez que todos os usuários (à exceção de um homem e uma mulher) têm renda própria, poderiam, se quisessem, associarem-se como pagantes. Contudo o que se observa é que uma minoria aderiu a esta condição e a maioria

preferiu a modalidade não pagante. Quando perguntamos sobre o motivo que os levou a entrar como pagantes estes usuários justificaram que o fizeram pela vontade de poder acessar todos os recursos do site, especialmente de poder ler os e-mails, sem exceção. "Sabe, eu abro todos os dias, vejo se tem mensagem pr'á mim. Vejo quem viu meu perfil. Não sei se vale a pena [pagar] mas é que movimenta; é mais uma possibilidade, né?" (A.M44)

Aqueles que não se dispuseram a pagar, disseram que era só por curiosidade que estavam ali, ou porque não acreditavam que ali fossem encontrar alguém, o que poderia significar que priorizam o lúdico, certa liberdade de aventurar-se num recurso diferente: "Entrei só como básico. Nunca paguei. Era só para conhecer os cadastros." (C.H28). Uma das mulheres usou uma estratégia que foi única, qual seja: ela queria ter acesso a todos os benefícios mas sem ter que pagar a mensalidade. Por este motivo entrou numa promoção feita pelo site que dava um mês de acesso irrestrito para quem conseguisse que três outros usuários se tornassem pagantes. Ela acessava os perfis e, com base no que obtinha de informação sobre o homem que a interessava, mandava um e-mail com alguma pergunta instigante, de modo a deixá-lo curioso o bastante para tornar-se pagante. Desse modo esta entrevistada conseguiu ganhar o acesso irrestrito. Nas palavras dela:

[...] E eu, como não tava acreditando muito nesse negócio, disse: Não, como eu tô só de brincadeira não vou pagar mensalidade, semestre, não sei quê. Não sei se vou gostar desse negócio. Daí comecei a entrar naquelas coisas que poderia entrar sem pagar. E eles fizeram lá uma promoção, um negócio que se três pessoas se tornarem sócios, membros lá do Par Perfeito, se inscreverem, se três pessoas responderem a tua carta e se tornarem sócios, você ganha um mês de assinatura. Aí eu não tive dúvida, enderecei umas vinte cartas para todos os possíveis pretendentes. Daí assim, ó: só com assuntos que dessem gancho pr'á eles terem vontade de responder. Por exemplo: tinha um que era jornalista, escreveu lá que era jornalista, "faço isso, faço aquilo, tal, tal, tal." . Então eu perguntava uma coisa assim, impossível a pessoa não ter vontade de responder sobre aquilo entende? Não pessoal, coisa pessoal, sobre ele. Essas coisas eu perguntava depois, já conversando. (S.M52)

Além da condição de pagante ou não pagante, observamos que o número de homens que buscou os sites de encontros é maior do que o de mulheres. No caso delas, há um empate na busca entre os sites e os chats.

Os resultados sobre o estado civil aparecem em totais na tabela 6.1 mas contemplam quatro variáveis que serão descritas em quadros separados para que possam ser mais bem compreendidas. Estas variáveis se referem a: 1) estado civil, ou legal; 2) condição que se refere a estar sozinho ou ter um parceiro: em outras palavras, a estar ou não em relacionamento com alguém, independente do tipo (casamento, namoro, exclusivamente sexual, etc); 3) se ambos os parceiros do casal foram entrevistados ou se apenas um deles participou da entrevista em virtude do outro parceiro não ter aceitado o convite para participar da pesquisa e 4) a definição que cada um atribuiu a sua condição de relacionamento, que era a primeira resposta que o entrevistado informava, quando fazíamos a pergunta: "qual é o seu estado civil?". As explicações sobre a situação oficial vinham depois. No caso dos entrevistados que estão sozinhos, o estado civil coincidiu com a condição de relacionamento informada.

TABELA 6.1: Estado civil (total da amostra)

Estado Civil (jurídico)	Homens	Mulheres
Solteiros	5	2
Separados	2	3
Divorciados	2	3
Casados	2	2

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R. O. Pesquisa de campo, fevereiro de 2007.

A tabela 6.2 traz os entrevistados sozinhos, ou seja, aqueles que não tinham parceiro ou relacionamento em curso. Os casais em que ambos os parceiros foram entrevistados aparecem na tabela 6.3. A tabela 6.4 refere-se aos entrevistados em que apenas um dos parceiros aceitou participar da pesquisa. Pode-se observar nas tabelas 6.3 e 6.4, que temos oito casais formados por intermédio da tecnologia eletrônica. Dentre estes oito casais, quatro deles conheceram-se em chats e nos quatro restantes, os parceiros conheceram-se nos sites de encontros e namoros. Concluimos disto que a possibilidade de encontro de um parceiro num chat, ao acaso, é a mesma que a de encontrá-lo num site de namoros, contrariando a opinião de um dos entrevistados (R.H26) que disse que nos sites de namoros a possibilidade de encontrar um parceiro seria maior porque o recurso era todo montado para esta finalidade.

TABELA 6.2: Entrevistados que estão sozinhos

Entrevistado	Parceiros	Estado civil jurídico	Definição informada do estado civil
A.H36	não tem	solteiro	solteiro
C.H28	não tem	solteiro	solteiro
G.H48	não tem	separado	separado
H.H55	não tem	divorciado	divorciado
V.H28	não tem	solteiro	solteiro
A.M44	não tem	separada	separada
C.M.39	não tem	solteira	solteira
G.M.50	não tem	divorciada	divorciada
L.M.46	não tem	separada	separada
M.M.47	não tem	separada	separada

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R. O. Pesquisa de campo, fevereiro de 2007

TABELA 6.3: Casais em que ambos os parceiros foram entrevistados

Entrevistado	Parceiro	Estado civil jurídico	Definição informada do estado civil
E.H50	S.M52	ambos divorciados	Moramos juntos. Não somos casados
P.H.32	S.M26	casados of.	Casamos oficialmente
S.H45	M.M44	ambos divorciados	Moro com M.

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R. O. Pesquisa de campo, fevereiro de 2007

TABELA 6.4: Entrevistados em que apenas um parceiro aceitou participar da pesquisa

Entrevistado	Parceiros (não foram entrevistados)	Estado civil jurídico	Definição informada do estado civil
C.H53	A.	casado	Já casei, me separei e agora casei com A.
R.H.26	C.	solteiro	Casado
R.H.18	R.	solteiro	Tô namorando.
M.M.52	B.	casada	Somos casados oficialmente
N.M40	R.	solteira	Namoro R. há três anos.

FONTE: NASCIMENTO, Carlize R. O. Pesquisa de campo, fevereiro de 2007

Estas tabelas demonstram que um dado, aparentemente objetivo e preciso, perde este caráter quando submetido a uma leitura que leve em conta as condições intersubjetivas de uma população de determinado contexto sócio-cultural. Foram necessárias quatro tabelas para se ter uma idéia clara do modo como estas pessoas sentem-se em relação aos seus parceiros e em relação ao que a conjuntura jurídica impõe como condição legal. Isto se verifica pelo fato de que para nossos entrevistados a definição informada do estado civil nem sempre corresponde ao estado civil oficial. Esta complexidade é mais bem analisada no último capítulo do trabalho.

Julgamos pertinente incluir, neste ponto, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Pew Internet and American Life Project - PIP (PIP, 2006), como termo comparativo, porém apenas no que tange aos resultados quantitativos dado que a pesquisa citada objetivou realizar uma descrição do panorama geral de utilização dos sites de encontros e namoros e não uma análise qualitativa da experiência de cada um dos entrevistados. A comparação serviu para verificarmos que há algumas semelhanças entre a população pesquisada em nosso estudo e aquela que foi objeto da pesquisa americana. Não encontramos ainda um trabalho similar e de tal porte em nosso país e este é mais um motivo que consideramos relevante para citar a pesquisa.

A Pew Internet and American Life Project (PIP, 2006) é uma instituição que se dedica a pesquisar o impacto social da Internet nas áreas que englobam: crianças, famílias, comunidades, locais de trabalho, escolas, serviços de saúde e da vida política. A pesquisa que resumiremos aqui, foi publicada em março de 2006. Objetivando facilitar a compreensão dos dados obtidos, descreveremos a significação das categorias da população pesquisada pela PIP, nomeadamente:

- **Público em geral** – inclui tanto os usuários da Internet quanto aqueles que nunca a utilizaram
- **Todos os usuários da Internet** – inclui toda a população que utiliza a rede fazendo ou não uso dos sites de encontros e namoros.
- **Usuários dos sites** (de namoros) – refere-se especificamente aos internautas que fazem uso dos sites de encontros e namoros.
- **Não usuários dos sites** – trata-se da população dos internautas que não utiliza os sites de namoros.

A PIP considera que os dois achados principais que ilustram a importância que a Internet vem tomando para aqueles que buscam um romance na América, são:

Primeiro: entre os 10 milhões de usuários da Internet que dizem estar sozinhos e procurando por parceiros românticos, 74% dizem ter usado a Internet de um modo ou outro para favorecer seus interesses românticos.

Segundo: já há conhecimento bastante amplo por parte do público em geral, acerca dos sites de encontros e namoros, pois um significativo segmento da população - 66% - conhece, pessoalmente, pessoas que utilizam os sites de encontros. A tabela 7 apresenta o número de usuários que acessam a Internet para busca de parceiros e a tabela 8 traz em porcentagens uma leitura descritiva dos achados. (IBIDEM)

TABELA 7: Número de usuários que usam a Internet para buscar parceiros

	Usuários dos sites	Não usuários dos sites
Todos os usuários da Internet	11%	89%
Sexo masculino	12%	88%
Sexo feminino	9%	91%
Faixa etária		
18 – 29	18%	82%
30 – 49	11%	89%
50 – 64	6%	93%
65 +	3%	97%

FONTE: Disponível em: <[http://: <www.pewinternet.org>](http://www.pewinternet.org)>. Acesso em: mai.2006

TABELA 8: Resultado descritivo dos achados, em porcentagem.

Todos os usuários da Internet	Usuários dos sites
66% acreditam que os sites de namoros são perigosos porque colocam informações pessoais nele e crêem que os usuários dos sites de namoros mentem sobre sua condição marital. As mulheres, os idosos, e aqueles com menor nível de renda e educação, são os mais precavidos quanto a estes riscos	
61% não vê os usuários dos sites como pessoas desesperadas, que usam os sites como último recurso. Porém 29% mantêm a visão de que os usuários dos sites são pessoas em situação desesperadora	20% concordam que os usuários como eles, estariam numa situação desesperadora. Todavia, a maioria discorda desta opinião.
<p>11% acessaram pelo menos uma vez os sites de encontros e, destes, 7% estão procurando parceiros românticos.</p> <p>Apenas 3% mantiveram relacionamentos longos ou casou-se com parceiros que conheceram pela Internet.</p> <p>97% dos internautas, casados ou comprometidos com relacionamentos de longo tempo, conheceu seu parceiro por intermédio de amigos, familiares, ou ainda em lugares como bares, cafês, restaurantes, trabalho ou escola, entre outros</p>	<p>Dentre os 7% que estão procurando um parceiro, 37% foram a um site de encontros e namoros.</p> <p>43% chegaram a encontrar-se pessoalmente com quem conheceram pelos sites, e destes 17% estabeleceram relacionamentos de longo prazo ou casaram-se com seus parceiros de namoro virtual.</p>
44% não acreditam que a Internet seja um bom instrumento para se encontrar pessoas mas a mesma porcentagem discorda desta opinião, demonstrando que o público está bastante dividido quanto aos méritos dos sites de encontros e namoros	<p>64% acreditam que os sites ampliam o campo de busca em virtude do número de pessoas que acessam estes recursos. 31% discordam desta opinião e 6% declaram que não sabem se os sites, de fato, promovem encontros entre pessoas com melhor afinidade.</p> <p>52% declaram ter tido boas experiências com os sites, enquanto 29% dizem ter tido apenas experiências negativas. 7% declaram ter tido experiências tanto negativas quanto positivas.</p>

FONTE: Disponível em <<http://www.pewinternet.org>>. Acesso em: mai 2006

A pesquisa traz ainda um achado que mostra uma diferença, embora pequena, no que concerne ao uso feito por homens e mulheres.

- 1) Os homens (48%) têm uma maior tendência a ver como benefício o uso dos sites de encontros, se comparados com as mulheres (41%)
- 2) Os homens são mais propensos do que as mulheres a classificar os usuários dos sites como pessoas em situação desesperadora quanto à busca de um parceiro. (IBIDEM)

A partir dos dados da PIP, relatados acima, verificamos que um grande número de pessoas, nos EUA, vem procurando seus parceiros românticos por intermédio da Internet em seus vários recursos de sociabilidade, mas os sites de encontros e namoros não são a preferência da maioria. A pesquisa da PIP foi realizada por intermédio de entrevistas telefônicas obtendo dados de caráter quantitativo. Seria necessária uma pesquisa de cunho qualitativo para se descobrir porque, embora exista um recurso específico para o encontro de parceiros amorosos, ele não seja a escolha da maioria.

Indubitável também é o fato de que mesmo entre toda a população de internautas a grande maioria ainda encontra seus parceiros no ambiente da realidade física, por intermédio dos métodos que poderíamos chamar de tradicionais.

Na comparação entre a pesquisa americana e a nossa, é interessante notar que as opiniões da população americana, em que pesem as diferenças culturais, não diferem muito das encontradas no Brasil (NICOLACI-DA-COSTA, 2002; SAMPAIO, 1999; PORTO, 1999). Dentre as opiniões destes autores nacionais temos que o uso da Internet para encontros ainda é visto com reserva pelo público em geral e aqueles que se valem deste recurso ainda receiam revelar que utilizam estes sites. Isto porque temem tornarem-se objeto de depreciação e chacota. Estes estudos concluem que aqueles que utilizam o recurso, mesmo que não o revelem, o fazem

porque: nunca partilharam desta opinião depreciativa e sempre tiveram uma visão positiva sobre o assunto; ou tinham uma opinião negativa sobre o tema e acabaram mudando de opinião porque já conseguiram resolver a questão subjetivamente encontrando um modo de lidar com o risco de censura, a ponto de não se sentirem mais tão atingidos pela crítica. Segundo Nicolaci-da-Costa (2002) os usuários desenvolvem estratégias para dar conta desta solução de compromisso, lançando mão de alternativas como ironia ou desqualificação das opiniões desfavoráveis, relativizando e suavizando o impacto dos discursos negativos. Quanto à amostra pesquisada em nosso trabalho, encontramos a mesma situação. Não surpreende portanto, que a opinião dos usuários dos sites de encontros, seja majoritariamente favorável. Esta conclusão não chega a ser feita pela pesquisa da PIP, pois embora traga algumas comparações com o público em geral, ela tem seu foco principal nos usuários da Internet de modo geral e mais ainda sobre aqueles que utilizam os sites de encontros.

Cabe agora verificar, pela caracterização dos sites de encontros e namoros, a seguir, de que forma as pessoas que entrevistamos valeram-se destes recursos.

1.5 Descrição e caracterização dos sites de encontros e namoros

A inclusão de uma descrição dos sites de encontros atende não só ao objetivo de dar a conhecer ao leitor o ambiente virtual pesquisado. Desejamos também verificar se na construção ou apresentação das páginas encontramos valorações sociais referidas a gênero e quais seriam elas.

A descrição detalhada dos sites de encontros e namoros resultou da inscrição da autora deste trabalho num destes sites. Uma vez feito o cadastro com um perfil de usuário não pagante, foi possível visitar as páginas e recursos do site, a fim de melhor caracterizá-lo. A empresa

escolhida foi o Par Perfeito que se intitula o maior dos sites de encontros e namoros, divulgando em sua página inicial, que possui cinco milhões de usuários.

Este site tem um alcance nacional e internacional de modo que o interessado pode corresponder-se com pessoas fora do país. Os demais sites foram visitados apenas para se verificar o grau de semelhanças entre os serviços oferecidos. Pôde-se observar que todos têm uma mesma estrutura de base nos serviços que oferecem e as diferenças que apresentam não são relevantes para o objetivo do estudo. Nas palavras de uma de nossas entrevistadas: "Aí eu entrei e me inscrevi no Vox Namoro que é do Par Perfeito, também. Acho que todos eles [sites de encontros] são assim interligados, dá a impressão que é tudo a mesma coisa" (A.M44)

Os sites de namoros e encontros destinam-se a promover a comunicação entre os usuários que desejam encontrar parceiros para relacionamentos amorosos. A pessoa interessada neste serviço deverá preencher um cadastro, com dados de identificação, que não será divulgado, e um perfil. Há duas categorias de inscrição, a saber: usuário não pagante e usuário pagante. Os preços variam de acordo com o número de meses a que o plano de adesão escolhido se refere. O tipo e o número de recursos que poderão ser utilizados também variam de acordo com a categoria econômica à qual o usuário pertence, ou seja, pagante ou não pagante.

O perfil será divulgado entre os demais usuários e deverá conter: descrição das características físicas do usuário, dados gerais sobre moradia, estado civil, presença ou não de filhos, orientação sexual, escolaridade, preferências em diversas áreas de interesse como lazer, cultura, hobbies, bem como a descrição e expectativa daquilo que deseja em relação ao parceiro pretendido, seguindo os mesmos elementos que preencheu para si próprio. Alguns destes itens deverão ser preenchidos com texto descritivo, a fim de que o usuário possa revelar algo que o site não tenha contemplado no questionário objetivo. Estes textos podem revelar um pouco da condição intelectual e subjetiva daquele que escreve, caso o usuário opte por fazê-lo por si

próprio, ao invés de pedir que outrem o faça ou de copiar o texto de outro autor, quiçá outro usuário. Para auxiliar o usuário neste quesito, o site dá alguns exemplos:¹

- 1- Estilo: gordinha, pele bronzeada, seios grandes, pernas grossas, rosto simpático e olhar sensual.
- 2- Tenho um corpo firme, violão, seios pequenos, pele lisa e bonita, coxas grossas, olhos penetrantes e cabelos sedosos.
- 3- Meu corpo é sarado, tenho ombros largos e braços fortes, rosto bonito e pernas musculosas.

Verificamos nesta sugestão que o site indica modelos sobre os corpos com um caráter marcadamente generificado, de acordo com os padrões sexistas tradicionais, ou seja, que reproduzem a naturalização da significação binária de mundo e das relações, a saber: o da mulher voluptuosa e sensual e o do homem forte e viril. Observamos a mesma condição quando pesquisamos os perfis dos usuários pois tanto os homens quanto as mulheres costumam descrever-se de acordo com esses modelos. Isto se repete nas descrições sobre o perfil psicológico, quando as mulheres descrevem-se como românticas, sensíveis ou carinhosas e os homens como dinâmicos, trabalhadores, sinceros. Do mesmo modo, revemos estas características na descrição de quem se busca, pela qual os homens relatam que desejam mulheres sensíveis, carinhosas, cultas, independentes e com classe. Elas demandam que o homem seja inteligente, culto, trabalhador, sincero e confiante. Vemos claramente que na tecnologia eletrônica dirigida aos encontros e namoros, reproduz-se aquilo que encontramos, no ambiente da realidade, quanto ao discurso que determina quais seriam os elementos valorizados, referentes à masculinidade e feminilidade, construídos nos corpos, no desejo e no comportamento. Portanto nos reencontramos com Foucault (1985,1997) e Butler (2003) quando revelam que a discursividade produz corpos, sexualização e práticas, e por meio desta produção exerce um poder nem sempre visível porque veiculado pela palavra e não pela força. Seguem a mesma lógica as frases colocadas pelo site,

¹ Disponível em < www.parperfeito.com.br>. Acesso em: jul.2005

que estimulam as pessoas a acessá-lo, remetendo sempre ao ideal romântico, idealizado e essencializado do amor, que objetiva o amor perfeito, amálgama de dois que fazem um pela compatibilidade sem diferença, ao modo do amor divino que os amantes deviam dedicar à Deus e fazer um com Ele. (ROUGEMONT, 2003). Como exemplo disto podemos ver no site: "Encontre um namoro sério ou algo mais. A pessoa dos seus sonhos pode estar aqui. Encontre: compatibilidade de 100%."² Em nosso caso, a tecnologia eletrônica servindo ao propósito deste exercício, de manutenção da tradição que preconiza uma perfeição isenta de conflito sem que os usuários apercebam-se disso.

Aqueles que desejarem podem incluir, neste perfil, uma ou mais fotografias, o que é recomendado pelo site, como um item que aumenta as possibilidades de procura por outros usuários. Este incremento de possibilidades é bastante estimulado sob várias formas de orientações ou de avisos enviados pelo site, quais sejam:

- a) busca pessoal por "consultas" à psicóloga do site ou leitura dos artigos por ela divulgados.
- b) recomendação de que quanto maior o número de acessos, e de e-mails enviados para outros usuários, maior será a "visibilidade".
- c) envio, pelo site, de e-mails personalizados ao usuário, apresentando-lhe novos perfis, ou associados que ainda não constam na lista de afinidades.
- d) incentivo ao uso da conversa *online*, pelo chat do site, entre outras. Todas as alternativas supõem um aumento no tempo de navegação pelo site e, implicitamente, a inscrição como usuário pagante. Um exemplo disto são as "consultas" à psicóloga, a utilização do chat, resposta e envio de e-mails para usuários básicos (não pagantes), que são benefícios exclusivos para os pagantes (usuários ouro). A seguir (tabela 9) listaremos os benefícios e os direitos de utilização

² Disponível em < www.parperfeito.com.br>. Acesso em: jul 2005

de cada categoria de usuário. Incluiremos também as frases explicativas que constam nesta página do site.

TABELA 9: Benefícios e Privilégios

Benefícios e Privilégios	Associado Básico Utilize algumas ferramentas por tempo ilimitado.	Associado Ouro Utilize TODAS as ferramentas por uma pequena quantia mensal.
Criar e manter o seu perfil	X	X
Agenda de prediletos	X	X
Ver quem lhe adicionou aos prediletos	X	X
Saber quem viu seu perfil	X	X
Acesso aos Thaís Responde	X	X
Responder e-mails	X*	X
Busca completa com todos os filtros	X	X
Fotos no perfil	X	X
Buscas Salva	X	X
Enviar e-mails para outros associados	X	X
Chamar quem está online para PapoDireto	-	X
Enviar cartas para o Thaís Responde	-	X
Suporte por e-mail garantido	-	X
Agenda de prediletos com ordenação	-	X
Enviar fotos para escanearmos e colocarmos em seu perfil	-	X

*(Este asterisco abre para outra página que contém informações que corresponderiam, num contrato escrito, "às letras miúdas".) Diz a informação: *Usuários básicos só podem ler e responder mensagens de usuários Ouro. Usuários Ouro podem ler e responder a todas as mensagens recebidas.* [o grifo é nosso]³

³ Disponível em: <<http://www.parperfeito.com.br/beneficios.html>>. Acesso em: jul. 2005

Preenchido o perfil, o usuário poderá começar a navegar em pouco tempo; o suficiente para o primeiro cruzamento de dados. A partir deste ponto, no caso do usuário básico, a cada vez que ele faz o login (digitação do apelido e senha para acesso de entrada a qualquer programa que exija condição de segurança), abre-se uma página convidando-o a tornar-se pagante. Ele deve fazer a compra da assinatura ou clicar no link "assinar mais tarde". Só então ele consegue entrar em sua própria página.

O primeiro acesso geralmente é feito à página da lista de afinidades. Esta lista é feita com base no cruzamento do perfil do usuário em questão com o dos demais usuários para encontrar aqueles que tenham maior grau de compatibilidade. Desde as páginas iniciais o site divulga que se pode encontrar alguém com 100% de compatibilidade e, de fato, não é raro encontrar um perfil, em geral no topo da lista de afinidades, que guarda índice máximo de afinidade com o do usuário. Pode-se então começar a visitar estes perfis listados e enviar e-mails para aqueles que despertarem maior interesse.

Há ainda outras possibilidades como colocar determinado perfil numa lista de favoritos, o que será imediatamente comunicado ao eleito. Existem alguns sites em que se pode, além disso, enviar "piscadelas" na forma de ícones, ou outras formas figurativas, numa espécie de arremedo do jogo de coqueteria, *vis-à-vis*. Aprendemos com Simmel (2006) que o jogo da coqueteria tem uma função no relacionamento entre homem e mulher, qual seja, a de imprimir um certo gozo, anterior àquele que pode haver no encontro físico. Há nesta experiência uma antecipação do prazer que ainda está por vir:

[...] uma série de acontecimentos vividos, orientada para um sentimento de felicidade final, já irradia sobre os momentos que o precedem uma parte do valor do prazer deste último. O coquetismo é um dos exemplos mais típicos desse gênero de experiência. A princípio, o único prazer da série erótica deve ter sido fisiológico. Mas, a partir daí, ele se estendeu pouco a pouco a todos os momentos anteriores da série. (SIMMEL, 2006, p.99)

Esta coqueteria virtual não deixa de ser uma forma, encontrada pelo site, de aproveitar sua característica intrínseca, qual seja, a de que há um tempo anterior ao encontro presencial, em que as pessoas embora não estejam ao alcance do olhar possam, ainda assim, auferir desde já algum gozo antecipado ao encontro, enquanto conversam pelo site. Assim, vendem-se também emoções por antecipação criando-se uma expectativa que estimula o usuário a perseverar em sua busca.

Além da lista de afinidades há outras categorias de busca, de acordo com alguns critérios selecionados pelo usuário, a saber:

- Por apelido: quando se procura por um determinado usuário de quem já se conhece o apelido.
- Busca rápida: inclui apenas faixa etária, sexo, localização, com ou sem fotos.
- Busca detalhada: contempla um questionário objetivo e detalhado, igual ao que o usuário preencheu em seu próprio perfil, mas dirigido à caracterização do parceiro que se busca.
- Quem está online: busca apenas usuários *online*, com base nos critérios de sexo, idade, localização, com ou sem fotos.

Encontra-se um ardil em determinados recursos. Por exemplo: o usuário básico pode enviar e-mails para quem desejar. Contudo se o destinatário for um usuário também básico, este não poderá ler o e-mail recebido, e vice-versa. Digno de nota é que o usuário que envia o e-mail à outra pessoa num primeiro contato, não tem como saber, *a priori*, se o destinatário é um usuário básico ou pagante. Isto tem como corolário dois fatos:

- a) impede que o usuário tente corresponder-se apenas com os pagantes - que certamente poderão ler e responder as mensagens - o que evitaria, para o primeiro, desperdício de tempo por não saber se será correspondido ou não.
- b) instiga a curiosidade do usuário básico instando-o a tornar-se pagante para ler e responder a todos os e-mails.

Finalmente, quanto aos valores pagos para tornar-se Usuário Ouro, são oferecidos três 'planos' de pagamento, por tempo de uso. Qualquer um dos planos dá direito a todos os benefícios, pelo tempo contratado. Citaremos os valores (julho/2005) bem como as explicações contidas na página do site⁴:

- 6 meses por R\$ 23,32 /mês
(cobrado em 1 pagamento de R\$ 139,90) Economize 41%
- 3 meses por R\$ 26,63 /mês. O preferido!
(cobrado em 1 pagamento de R\$ 79,90) Economize 33%
- 1 mês por R\$ 39,90.

O site não revela o número de pagantes ou o de não pagantes. O objeto da relação comercial entre o site e os clientes, pode-se encontrá-lo definido pelo próprio site que diz em seu anúncio: "Encontre seu par perfeito".⁵ Já vimos que a categoria usuário básico contempla um número restrito de benefícios e aí entra o jogo de *marketing* que tenta convencer este usuário a tornar-se pagante. Utilizaremos um exemplo a fim de tornar a situação, a que o usuário está exposto, mais clara. Para tanto, utilizaremos apelidos fictícios.

Pedro é usuário básico e recebe um aviso de que Eloise enviou-lhe um e-mail. Até aqui ele não tem condições de saber a que categoria ela pertence. Caso ele não tenha lido as "letras miúdas" dos benefícios, ao tentar ler a mensagem da moça, surgirá na tela uma página dizendo:

⁴ Disponível em: <<http://www.parperfeito.com.br/cadastro.html>>. Acesso em: jul. 2005.

⁵ Idem

'Assine para falar com Eloise. Seja Ouro para ler os e-mails dos usuários básicos. Lembre-se que sendo Ouro os e-mails que você enviar poderão ser lidos e respondidos'.⁶

A estratégia utilizada é a de oferecer, de modo irresistível, o benefício ao qual o usuário almeja, apresentando todas as possibilidades de sucesso que obterá em seu intento, caso converta-se em pagante. Em outras palavras, é como oferecer água a quem está no deserto, desde que se pague "uma pequena quantia" por isso. O dinheiro aqui é depreciado, pelo site, que valoriza o objeto. Não importa tanto a quantia que se pague pois o valor reside em outro lugar. Simmel (2006) nos ajuda a pensar nesta atribuição de valores, quando diz:

Assim, não é apenas a atração de uma coisa à venda que determina o preço que aceitamos pagar; inúmeras vezes, ao contrário, é apenas o fato de que é pedido certo preço, de que sua aquisição não é fácil e requer esforços e sacrifícios, que nos torna a coisa atraente e desejável. (SIMMEL, 2006, p.94)

O site, na página de apresentação da empresa, registra: "Nada poderia ser mais recompensador do que satisfazer a esta necessidade básica que é a de nos relacionarmos afetivamente, através de um meio conveniente, efetivo e seguro."⁷

Podemos chamar de amor a este relacionamento afetivo, que é tido como necessidade básica. Portanto, pela lógica do site, o amor, para o sujeito, é uma necessidade básica e tem um "valor de uso." De outro lado, há quem possa oferecer uma modalidade de obtenção do amor por determinado valor de troca. Logo, a mercadoria aqui é o amor.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

1.6 Enquanto isso ... nos bastidores

Estamos falando de relações econômicas na Internet e decidimos verificar de que maneira o mercado se apropria e o que ele movimenta em torno da sociabilidade amorosa na Internet. Utilizaremos os aportes de Manuel Castells, considerado um dos principais analistas da Sociedade em Rede. Iniciaremos com a definição que o autor nos dá sobre empresas eletrônicas e as particularidades que implicam.

Por empresas eletrônicas entendo qualquer atividade de negócio cujas operações-chave de administração, financiamento, inovação, produção, distribuição, vendas, relações com empregados e relações com clientes tenham lugar predominantemente pela/na Internet ou outras redes de computadores, seja qual for o tipo de conexão entre as dimensões virtuais e físicas da firma...Essa transformação sociotécnica permeia o sistema econômico em sua totalidade, e afeta todos os processos de criação, de troca e de distribuição de valor. Assim, capital e trabalho, os componentes-chave de todos os processos de negócios, são modificados em suas características, bem como no modo como operam. Sem dúvida as leis da economia de mercado continuam a vigorar nessa economia interconectada, mas o fazem de uma maneira específica. (CASTELLS, 2003, p.57)

O Par Perfeito é uma empresa eletrônica, segundo esta definição, e entrou em operação no ano 2000. Estamos acompanhando o desenvolvimento do site desde o ano de 2003 e, de lá para cá, observamos algumas mudanças. A mais visível é a aparência das páginas, trazendo um layout melhor organizado. Houve mudanças também quanto ao conteúdo, no que concerne à eliminação das "piscadelas" e o acréscimo de um novo tipo de mensagens. Este último constitui-se no que o site chama de e-mail expresso e pode ser enviado para todas as pessoas que se desejar. Contudo como ele veicula a mesma mensagem para todos os destinatários, como se fosse uma mala-direta, o texto deve ser genérico. Isto mostra que na medida em que se vai mudando a orientação e a configuração dos sites, racionaliza-se a forma de acessar as emoções revelando a impessoalidade, o risco e a fragmentação da parte do mercado. Na primeira versão os perfis informavam a categoria Ouro ou Básico de cada usuário, o que foi eliminado nesta reformulação. Isto

propiciava saber de antemão quais seriam os recursos que o usuário em questão poderia dirigir à pessoa que lhe interessasse. Os benefícios também foram modificados pois na versão anterior, os usuários básicos podiam ler os e-mails de qualquer usuário e não apenas dos usuários Ouro. Todas estas modificações foram realizadas por uma outra empresa eletrônica contratada pelo Par Perfeito, a *Usability*⁸. Este tipo de transação configura o que Castells cita como "transações globais empresa-para-empresa (B2B, de business-to-business)" (IBIDEM, p.56).

A *Usability* é uma empresa especializada em "Arquitetura da Informação, Avaliação Heurística e Testes de Usabilidade e Estratégias de Conteúdo"⁹. Todos estes serviços visam detectar as falhas nos sites quanto ao visual, operacionalidade, facilidade de utilização bem como propor soluções para diminuição da evasão de usuários e fidelização dos mesmos ao site. Na página sobre os estudos de caso, a *Usability* publica o trabalho feito para o Par Perfeito, cujo "objetivo principal é aumentar a conversão de usuários gratuitos em pagantes" e cita o depoimento do diretor do Par Perfeito que diz: "O trabalho realizado pela *Usability* para o Par Perfeito se traduziu em um aumento significativo nos resultados da empresa."

Nossos entrevistados não colocam estes elementos em questão. Eles apenas os utilizam participando de uma lógica pela qual desenvolve-se um compromisso pedagógico, fácil, atraente, e rentável para propor uma aprendizagem sobre como acessar a felicidade, levando-nos a pensar que a tecnologia já estaria incorporada e legitimada pelos usuários, para esse fim. A linguagem formula uma demanda por sentimentos, emoção, engajamento e, a tecnologia faz a intermediação para o indivíduo e a coletividade. Aqui a subjetividade ganha outra dinâmica; desloca-se no tempo, no espaço e coloca sexo, sentimento, e amor no virtual, embora persistam ainda também sob outras formas. Isto significa que já não existe uma normatividade única na vida e na

⁸ Disponível em: <<http://www.usability.com.br>> . Acesso em: jul 2005.

experiência, embora tenhamos observado que nos sites alguns aspectos normativos em relação aos valores de gênero ainda persistam.

Este trabalho de pesquisa não se presta a exercícios de contabilidade mas se decidíssemos fazer uma pequena experiência, poderíamos dizer que, se apenas um por cento (50.000) do total (5.000.000) dos usuários pagasse o plano mais simples (R\$39,90 /1 mês de uso), o site receberia a quantia de R\$ 1.995.000,00 em apenas um mês.

A Pew Internet and American Life Project (2006) traz algumas informações a respeito do mercado dos sites de encontros relatando que desde meados dos anos 1990, quando surgiram os primeiros *websites* de namoros, eles vieram expandindo suas operações em virtude da procura de usuários pagantes criando mais receita do que qualquer outra categoria de conteúdo *online*. Em 2004, obtiveram uma receita líquida de U\$ 470.000.000,00 em consumidores pagantes, cerca de U\$ 40.000.000,00 a mais do que em 2001. Embora tenha havido uma diminuição do crescimento desta receita, a indústria destes sites mantém uma vigorosa base de usuários dispostos a pagar altas mensalidades pelos serviços.

Isto corrobora a opinião de Castells quanto a manutenção das leis da economia de mercado da realidade para o mercado virtual e também nos traz de volta à frase de Marx que profetiza o capital como dominante na vida do ser humano.

O capital é a potência econômica da sociedade burguesa, que domina tudo. Deve constituir o ponto inicial e o ponto final e ser desenvolvido antes da propriedade da terra (MARX, 2005, p.45)

Conhecidos a população e o ambiente pesquisado, bem como o percurso metodológico, passaremos a apresentar o estudo teórico no qual a pesquisa foi fundamentada. Na seqüência abordaremos as questões sobre a tecnologia virtual e a sociabilidade, bem como as

⁹ Idem.

particularidades deste tipo de interação social. Este é um aspecto relevante para a compreensão das implicações não só da interação entre um sujeito e a tecnologia, como também da relação entre vários indivíduos nas relações mediadas eletronicamente.

TECNOLOGIA E SOCIABILIDADE

2.1 Particularidades da interação virtual: anonimato, máscaras e promessas

Acerca das tecnologias de modo geral, há vários estudos apontando tanto para suas vantagens quanto desvantagens e a sociabilidade pela Internet não escapa a isto. Este capítulo pretende contextualizar a sociabilidade na Internet bem como as particularidades deste tipo de relação social. Inicialmente situaremos o surgimento da Internet concebida como instrumento de informação passando ao ponto em que ela começa a ser utilizada como mediação para sociabilidade, chegando ao nosso tema em que o amor, e algumas de suas vicissitudes, entra em cena num campo antes tido como exclusivamente técnico e objetivo.

Castells (2003) relata que a Internet foi originalmente criada para fins militares visando obter-se um meio de comunicação que pudesse sobreviver até mesmo a um ataque nuclear, proporcionando troca rápida de informações, em tempo real. Isto se deveu à Guerra Fria entre os EUA e a União Soviética, um período de tensão e instabilidade política desde meados da década de 50. Em seguida começou a ser utilizada para troca de informações entre instituições acadêmicas, na realização de pesquisas científicas. Os elementos em questão giravam em torno da descentralização da informação, por meio do compartilhamento interativo entre as instituições, assim como do encurtamento do tempo e das distâncias para a manutenção da comunicação, sem que houvesse interrupções.

Os estudantes passaram a trocar mais do que informações de trabalho, conferindo um caráter de comunicação social a esta tecnologia. " Isso incluía o uso da Arpanet para conversas pessoais de estudantes e, segundo consta, discussões sobre oportunidades para compra de

maconha." (CASTELLS, 2003, p.21). No ano de 1970, foi criado o correio eletrônico, por Ray Tomlinson. (IBIDEM, p.20) e este é, até hoje, o recurso mais amplamente utilizado pelos usuários da Internet. Estavam lançadas as ferramentas para a sociabilidade na Internet. Aqui cabe um esclarecimento, a saber: os vocábulos 'ciberespaço', Web e Internet foram utilizados como sinônimos, embora rigorosamente falando, não o sejam. A razão desta escolha será explicada mais adiante.

À medida que estudantes e cientistas foram desenvolvendo programas para melhoria daqueles que já existiam e tantos outros para atender objetivos que foram surgindo com a utilização da rede, a Internet foi sendo modelada pelo uso que se fazia dela, até alcançar os moldes que conhecemos hoje. Pode-se por isso dizer que se trata de um instrumento sócio-técnico, já que vem sendo construído na medida em que a sociedade interage com ele. Os sites de encontros e namoros, assim como os demais recursos de sociabilidade resultaram desta construção social e do desenvolvimento meteórico que a Internet conheceu a partir dos anos 90. (CASTELLS, 2003)

Não só o desenvolvimento como também a difusão da Internet, segundo Castells (2003) foi realizada pelos empresários. A partir dos anos 90, o mundo dos negócios enxergou o potencial econômico da novidade e alavancou-a com a velocidade de um raio. A sociabilidade na Internet foi vista pelo mercado como uma portentosa fonte de divulgação e comercialização de produtos, entre os quais os próprios computadores. Para veicular a propaganda, bem como para transações financeiras, foram criados ainda outros programas que atendessem a esta necessidade.

A produção dos computadores pessoais ou PCs (*personal computers*) demonstra que o mercado enxergou, com precisão, a autonomização dos indivíduos e colocou a sua disposição um instrumento que, além de 'pessoal', traz recursos vários para que o usuário possa personalizá-lo ainda mais. Assim, esta característica da sociedade contemporânea, qual seja, a individuação, a

busca pela independência, tem seu quinhão na produção de mercado visando a utilização da tecnologia.(IBIDEM)

É certo que a máquina pode ser utilizada por várias pessoas, mas mesmo as empresas costumam disponibilizar um aparelho para cada funcionário. No entanto, ainda para preservar a privacidade, quando o uso é coletivo, os programas dos computadores vêm equipados com 'cadeados' eletrônicos, ou seja, as senhas de acesso exclusivo. (CASTELLS, 2003)

A ciência não se faz de comentários e nem se presta a profecias. Embora não se tenha como prever quais serão os efeitos futuros deste novo tipo de interação social, podemos observar o que ocorre no dia-a-dia e acompanhar os movimentos reais e virtuais que dele surjam. Os termos 'interatividade, interativo e interação social serão tomados, neste trabalho, segundo sua significação corrente na língua portuguesa, e já consagrados no jargão da informática e dos estudos sobre a sociabilidade na Internet, ou seja: significam, segundo o dicionário Houaiss, "agir afetando e sendo afetado por outros;" ou ainda " que permite ao receptor interagir com o emissor". Significa que não se trata de uma interação com a ferramenta, mas com outra(s) pessoa(s), cujas ações e reações têm tanto um sentido particular quanto são construídas pelos sujeitos em questão na própria prática da interação. A ferramenta aqui, sendo apenas usada como instrumento para a operacionalização desta relação interpessoal. O conceito de interação social na Internet pode ser pensado a partir da teoria weberiana que postula tratar-se de ação social "uma ação, com sentido próprio, dirigida para a ação de outros" (WEBER,1977, p.139). Quando as pessoas entram na Internet e, mais especificamente, nos sites de encontros e namoros, geralmente, há uma intencionalidade em estabelecer um contato com outrem que, por sua vez, também dá um sentido à sua ação dirigindo-a para o primeiro, quiçá para outros, estabelecendo-se, por vezes, uma reciprocidade de ações entre eles.

A continuidade dos relacionamentos durante o interlúdio virtual é, mais ainda, orientada pelas respostas que se obtém do outro o que proporcionará a possibilidade de os parceiros decidirem pelo encontro na realidade, ou não. Há, portanto, intenções que se baseiam em razões que dirigem toda uma estratégia de busca pela reciprocidade de ação do outro. Todavia esta reciprocidade não significa que cada um dos parceiros coloque exatamente o mesmo sentido em suas ações, como se houvesse uma espécie de ordem irrevogável de univocidade. Pode haver particularidades no detalhamento de sentido que cada um atribui à sua ação pois:

[...] a relação social é assim, por ambos os lados, objetivamente "unilateral". Não deixa de estar referida na medida em que o agente pressupõe uma determinada atitude de seu parceiro diante dele [...] e nessa expectativa orienta sua conduta, o que poderá ter, e no mais das vezes tem, conseqüências para o desenrolar da ação e para a configuração da relação. Naturalmente ela só é bilateral na medida em que haja 'correspondência' no conteúdo significativo de ação de cada qual, segundo as expectativas médias de cada um dos participantes. (WEBER, 1977, p.143)

A expectativa de que algo aconteça, não é um dado de certeza. Tal expectativa nasce do desejo daquele que espera que ela se realize. Se há intenção, há desejo e expectativa. A seara das probabilidades, neste caso, é constituída justamente pelas particularidades individuais, não previsíveis e desconhecidas, *a priori*, pelos sujeitos que se relacionam, donde surgem os riscos que cada um tem que assumir. No entanto, à medida que se negue a diferença, a alteridade do outro, na crença de que é só uma questão de tempo de que o desejo e a expectativa cumprir-se-ão, passa-se para o registro da certeza. (LEBRUN, 2004). Elimina-se a probabilidade de que pode ser impossível que o desejo se realize. Porém não há campo mais fértil, ou minado, de incertezas do que o das relações humanas, pois "[...] la letra de cambio que hemos descontado com el goce anticipado quizá no será pagada cuando llegue el día de su vencimiento." (SIMMEL, 2002, p.154).

O "sentido inovador" - vamos chamá-lo assim no intuito de marcar-lhe o caráter recente - de um fenômeno social, não só envolve a ambivalência e insegurança diante das

conseqüências do que nos é desconhecido, como dificulta a própria lida com o modo de nomeá-lo. Com isto queremos nos referir ao questionamento que nos obrigamos a fazer, quanto a propriedade de uso dos conceitos já estabelecidos para a descrição e conceituação dos acontecimentos que permeiam a vida humana, quando transformamo-los em objeto de estudo. Isto obriga-nos por vezes não só a criar novos conceitos como também incrementar aqueles já existentes, quando não, reformulá-los sob a nova ótica que se instaura com o aparecimento de novas situações. A tecnologia trouxe novos termos para a linguagem e assistimos ao surgimento deles também na área da sociabilidade amorosa quando encontramos vocábulos tais como: amor virtual, cybering, sociabilidade virtual. (NICOLACI DA COSTA, 2005; BEN-ZE'EV, 2004). Esta contingência se potencializa quando o fenômeno social situa-se no campo da linguagem para sua própria realização, pois o relacionamento virtual exige a comunicação lastreada na expressão escrita. Mesmo quando os indivíduos fazem uso das câmeras de vídeo *online*, as ditas Webcam, a diferença se faz pela necessidade da comunicação oral e não escrita; mas ainda assim a interação se faz pela via privilegiada da linguagem.

Aqui, coloca-se outra particularidade deste modo de interação, a saber, o "encontro" virtual, pelo qual os sujeitos envolvidos conversam à distância, não presentes face a face, o que pode contemplar o anonimato, por escrito mas em tempo real. Quê significa isto? Até o advento desta forma de interação as pessoas relacionavam-se face a face; ou por telefone, voz a voz, e sabemos que a voz funciona como marca identificatória ao modo da impressão digital; ou ainda por carta. Sobre esta questão da corporeidade implicada na comunicação eletrônica Paul Virilio, numa entrevista concedida ao jornal O Estado de São Paulo (2002)¹⁰ comenta que haveria a possibilidade de "descorporificação" no uso exclusivo das tecnologias virtuais num futuro

¹⁰Entrevista concedida à Mônica Corrêa. O Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ext/frances/virilio.htm>>. Acesso em: 03 mar 2006.

próximo. Já Nicolaci da Costa (2002) aponta que, por ser um recurso que está sendo analisado há pouco tempo, tem havido muitas previsões desfavoráveis antes mesmo de que se chegue a uma utilização em escala mais larga. Seu estudo foi realizado com os chamados "usuários pesados" de Internet, cujo critério de categorização foi o do tempo de 2h ou mais de utilização ininterrupta diária. A autora não encontrou nestes usuários sinais de dificuldades ou questionamentos quanto a questão apontada por Virilio.

O anonimato pode servir a mais de uma função como a criação de fantasias, de outras identidades, ou de um mundo imaginário (NICOLACI DA COSTA, 2005 a). Pode também ser uma proteção como recomendam os sites de namoros e encontros, ao solicitarem que seus usuários não coloquem dados reais e utilizem apelidos. Ao mesmo tempo, os próprios sites advertem sobre o uso do anonimato para práticas ilícitas e pedem aos usuários que as denunciem, caso tenham notícias delas. Além destas, existe ainda a possibilidade dos usuários utilizarem-se dele para lidar com a própria timidez no caso daqueles que têm dificuldades de aproximação nos encontros face a face ou ainda em outras situações como a de controlar a vida do parceiro, investigando suas práticas na Internet.

"Mulheres Confessam: só o anonimato da Internet poderia permitir tanta sinceridade" é o título de um livro publicado por Sonsoles Fuentes e Laura Carrión (2007) e nele publicam uma coletânea de sessenta depoimentos sobre fantasias sexuais de mulheres que responderam a um questionário enviado pela Internet. Não se pense que o livro trata do uso da tecnologia articulado às questões da sexualidade. Aqui a Internet serviu apenas como veículo de coleta dos questionários em virtude das vantagens que o anonimato propicia. Já no início as autoras avisam que durante o percorrer do livro é possível que a leitora "fique molhada"(sic). Daí para frente é uma coleção de crônicas escritas, supostamente por mulheres, sobre as mais diversas fantasias sexuais que facilitariam o atingimento do orgasmo. Porquê supostamente? Porque o fato de os

questionários serem sigilosos, anônimos e respondidos por intermédio do site criado para a pesquisa, não permite uma verificação cabal da autoria do texto. Aqui o anonimato está associado não só à criação de fantasias como à comunicação das mesmas, entrando como um facilitador, segundo o que se depreende já desde o título da pesquisa realizada pelas autoras citadas.

Referimo-nos acima à criação, ou re-sifnificação de certos vocábulos com a finalidade de comunicar idéias acerca de um tema recente na área de estudos e aqui sentimos a necessidade de definirmos alguns termos. Usaremos a palavra ciberespaço, já consagrada na língua corrente, para nos referirmos ao espaço virtual e o vocábulo Web como sinônimo de Internet, ou seja, a rede de comunicação virtual onde se "localiza" este espaço. A opção por esta terminologia e significações foi feita em virtude de que este trabalho pretende pesquisar representações dos usuários acerca da Internet, e não sua infra-estrutura tecnológica. As diferenças na definição destes termos implicam em filigranas técnicas que, para este trabalho, não são significativamente relevantes. Entretanto a título de ilustração transcreveremos resumidamente o que encontramos em Pierre Lévy:

Em resumo, o ciberespaço permite a combinação de vários modos de comunicação. Encontramos, em graus de complexidade crescente: o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, o hiperdocumento compartilhado, os sistemas avançados de aprendizagem ou trabalho cooperativo e, enfim, os mundos virtuais multiusuários. (LÉVY, 2000, p.104)

E mais adiante:

Note-se que a Internet é o conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, roteadores etc.) e programas (protocolo TCP/IP) usados para o transporte da informação. A Web (WWW) é apenas um dos diversos serviços disponíveis através da Internet, e as duas palavras não significam a mesma coisa. Fazendo uma comparação simplificada, a Internet seria o equivalente à rede telefônica, com seus cabos, sistemas de discagem e encaminhamento de chamadas. A Web seria similar a usar um telefone para comunicações de voz, embora o mesmo sistema também possa ser usado para transmissões de fax ou dados. (IBIDEM, 2000 p.255)

As características às quais o usuários atribuem significações e que constituem objeto para o trabalho referem-se: ao anonimato, à velocidade da informação e comunicação, à desterritorialização (ausência de fronteiras geográficas) bem como à percepção da diferença entre realidade e irrealidade. À exceção do anonimato, estas especificidades promovem uma compressão da noção espaço-tempo que são os determinantes da condição do ser humano de perceber e estabelecer a causa, efeito e origem de um fenômeno. Encontramos tanto em Lévy (1996, 2000), quanto em Baudrillard (1999, 2001), Castells (2003), Virilio (1999), Porto (1999) e Bauman (2004) algumas reflexões a respeito destas questões que detalharemos no próximo tópico.

Atualmente há diversas formas de interação social virtual dentro do ciberespaço, definidas pela categoria de Comunicação. Esta por sua vez difere daquelas classificadas pelo termo Informação. A diferença reside no fato de que para informar-se a respeito de qualquer assunto, um indivíduo pode acessar um site de notícias ou de trabalhos científicos sem necessidade de interagir com outro indivíduo. Já a comunicação é via de mão dupla no que tange à interação social como descrita no início deste trabalho, pois implica em ação recíproca: quem comunica, comunica algo a alguém e, em geral, na expectativa de receber uma resposta. Podemos dizer que este é o circuito elementar da reciprocidade. Dentro da Web a categoria de comunicação envolve: correio eletrônico (e-mail), as listas de discussão, grupos de notícias, salas de bate-papo (chats), sites de encontros e namoros e Icq. No ano de 2003 chegou ao Brasil um tipo de serviço que reúne e-mail, envio de fotos, Webcam e criação de comunidades por interesse, batizado de Orkut. Programas como o Skype e Messenger (este último apresentado por vários servidores) disponibilizam a transmissão de imagens por Webcam mas o bate-papo não é público; ou seja, a conversa se dá entre o usuário e aqueles amigos que constam de sua lista privada de endereços. Disponibilizam também a conversa por escrito e serviço de telefonia via computador.

O correio eletrônico como o próprio nome diz, é um serviço de troca de mensagens mas que não se processa em tempo real, sendo esta característica, reservada aos Icq's e salas de bate-papo. Os sites de encontros e namoros, reúnem os serviços de e-mail e bate-papo. Já os grupos de notícias e listas de discussão caracterizam-se por grupos de pessoas que trocam mensagens relativas a algum tema específico. Todos estes recursos são "virtuais" e a discussão sobre a virtualidade e realidade inerentes à comunicação eletrônica será o tema do próximo tópico.

2.2 Virtualidade, realidade, desterritorialização

A questão entre virtualidade e realidade é uma das que mais se debate no campo das discussões sobre a utilização da informática. O conceito de cada um destes termos é colocado de modo diferente pelos diversos autores e nos interessam na medida em que verificamos a preocupação dos usuários em estabelecer referenciais sobre a veracidade e a confiança que podem deduzir no relacionamento nos sites, já que não se tem de pronto, a situação do encontro face a face.

Lévy (1996) coloca três significações da palavra "virtual": a técnica ; a do senso comum e a filosófica. A primeira significação remete ao processo de digitalização da informação, utilizada no jargão dos profissionais da informática. A segunda refere-se à idéia corrente de que o virtual é imaginário, irreal opondo-se ao real que consiste na existência material ou tangível das coisas. O terceiro sentido origina-se de *virtus*, do latim, e significa aquilo que "existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal [...] o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas maneiras de ser diferentes". (IBIDEM, p.15). Se são maneiras de ser diferentes, então é porque existem; o virtual não é negação da existência, segundo esta significação.

É esta significação filosófica que dá a base para Lévy de toda sua refutação da oposição entre virtual e real. Todavia ele registra que o virtual com frequência, "não está presente", o que não significa que não exista.

Quando se discute os relacionamentos sociais pela Internet esta é uma das primeiras idéias a ser levantada, ou seja, o objetivo (ao menos supostamente) é o de trazê-los para a realidade material, como se eles já existissem virtualmente, estando apenas em potência ou ainda não presentes, não atuais. A questão acerca da diferença entre um e outro é levantada por Lévy num exemplo que faz sugerir que esta diferença não existiria, embora ele não o coloque explicitamente desta forma. Falando sobre as comunidades virtuais, diz:

Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas...Apesar de 'não presente', essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades...Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns 'realistas': ubiquidade; simultaneidade; distribuição irradiada ou massivamente paralela. (LÉVY, 1996, p.20-21)

Castells não discute especificamente este assunto, mas analisa a criação de identidades fictícias que a Internet permite, da seguinte maneira:

[...]na Internet o melhor que você tem a fazer é mostrar para todo mundo que é um cachorro, não um gato, sob pena de se ver imerso na vida íntima dos gatos. Porque na Internet você é o que diz ser, já que é com base nessa presunção que uma rede de interação social é construída ao longo do tempo. (CASTELLS, 2003; p.109)

Aqui, mais uma vez, percebemos que a linha divisória entre vir-a-ser e ser pode tornar-se muito tênue, como se aquilo que se diz ser, na Internet, fosse o que já se é, em potência, a realizar-se. Todavia em Goffman, (1983) encontramos que na vida social os indivíduos tentam representar-se a si mesmos perante os outros com base naquilo que supõem que o outro possa pensar, utilizando uma estratégia de controle das impressões. Embora o autor, na época deste

trabalho não houvesse analisado a Internet, porque a sociabilidade virtual ainda não existia, podemos pensar que nos sites de encontros o usuário preenche um perfil que será lido por outrem e, seja qual for a idéia que o indivíduo coloque a seu respeito na página do site, ele o faz já sabendo que outra pessoa terá acesso a ela e provavelmente construirá alguma impressão a respeito disso.

Independente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam.[...] Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir.(GOFFMAN, 1983, p.13-14)

Baudrillard (2001, p.56;69) embora não conteste o conceito filosófico da palavra virtual, aponta para o "assassinato do real" pelo excesso de realidade. Também para ele o virtual era porvir: "No passado esperava-se que o virtual virasse real: a realidade era a sua destinação". Já o real ele define como aquilo "que implica uma origem, um fim, um passado e um futuro, uma cadeia de causas e efeitos".

As características da Internet são justamente aquelas que abolem os elementos do Real definido por Baudrillard pois ocorre uma grande modificação na percepção espaço-tempo que é o condicionante da relação causa-efeito-origem. O tempo real da Internet é caracterizado justamente pela superposição da ubiqüidade e da instantaneidade ou, em outras palavras, pelo tudo-ao-mesmo-tempo apagando o passado e antecipando o futuro numa "realização virtual" aqui-agora. Este seria o ponto de desaparecimento ou de confusão entre a realidade e a irrealidade porque se apagam as diferenças temporais que contribuem para defini-las como tais, configurando o excesso de realização postulado pelo autor. Relacionando esta idéia com a sociabilidade amorosa no ambiente virtual, temos que um mesmo usuário pode conversar

simultaneamente com quantas pessoas quiser, de várias localidades geográficas diferentes, à medida que surgem as janelas de papo-direto de outros usuários, demandando a conversa.

Tamanini (2007) analisa esta questão dizendo que as cartas, os diários, no passado, exerceram e ainda exercem fascínio e sedução em todas as práticas de sociabilidade amorosa em diferentes temporalidades, afetando a subjetividade, porém,

O uso da tecnologia virtual nessa forma e para esse fim desloca as experiências alocadas em uma idéia de tempo longo, de esperas sonhadas, de expectativas alimentadas dia após dia e à demora de uma correspondência, para engendrar um tempo atual curto, sem 'noção de relógio', com acessos rápidos, poucos controles de olhares; embora com dinâmicas próprias de subjetividades 'controladas' pela presença e a demanda da relação virtual, seja no trabalho, em casa em longas madrugadas, pelas artimanhas do revela-esconde que essa modalidade exige. (TAMANINI, 2007, anotações de aula)

Paul Virilio, (1999), na mesma linha de Baudrillard, relaciona a virtualidade à compressão espaço-tempo produzida por uma aceleração da realidade e pela desterritorialização, onde a "instantaneidade abole definitivamente a realidade das distâncias...Na falta de um 'fim da História' assistimos ao fim da Geografia." (IBIDEM, p. 16) E mais adiante:

[...] a câmera [*live cameras*] permite descobrir EM TEMPO REAL o que acontece do outro lado do mundo no mesmo instante. Aqui, o computador não é apenas uma máquina em que se obtêm informações, mas uma *máquina de visão automática*, operando no espaço de uma realidade geográfica integralmente virtualizada. (VIRILIO, 1999, p.23, grifo do autor)

O autor atribui ainda ao excesso de imagens e de telepresença ou videovigilância, uma das condições da virtualidade:

[...] essa VISUALIZAÇÃO generalizada é o aspecto marcante daquilo que atualmente recebe o nome de VIRTUALIZAÇÃO. A famosa 'realidade virtual' não é tanto a navegação no CIBERESPAÇO das redes, mas antes a AMPLIFICAÇÃO ÓTICA das aparências do mundo real. (IBIDEM, 1999 p.21- grifo do autor)

A videovigilância, essa telepresença constante são tema de Foucault (1997) que nos alerta a respeito da violência e do poder disciplinar que o panoptismo exerce sobre o sujeito. Na

Internet, o indivíduo assujeita-se voluntariamente a ele, o que, à primeira vista, poderia parecer estranho. Contudo esta estranheza se esvai quando lembramo-nos de que estamos vivendo o tempo dos "15 minutos de fama", tão bem colocados por Andy Warhol.¹¹

A relação espaço-tempo não é obra de um aparelho de medidas. Ela é um constructo social. Se assim não fosse, o tempo hoje seria o mesmo que se contava em épocas passadas quando a medição do ritmo temporal estava relacionada aos ciclos da natureza, do trabalho ou das tarefas domésticas. (THOMPSON, 1998, p.269). Na vida cotidiana, quantas vezes ouvimos nossos avós nos dizerem: "no meu tempo...as coisas eram diferentes...", e com isso nos mostravam que não só as coisas eram diferentes mas também nos diziam que este tempo atual já não é o deles, porque já não se reconhecem nele e nem às representações que os construíram como sujeitos, sejam individuais ou sociais. Isto nos leva a dizer que esta relação espaço-tempo também contribui para a estruturação do ser humano em sua subjetividade e sociabilidade, bem como em suas representações de mundo. Os mitos, as narrativas, as tradições que localizavam o indivíduo em relação à cultura e aos eventos históricos que marcaram "seu tempo", modificaram-se neste 'espaço-(de)-tempo'. Na mesma proporção as relações de sociabilidade seja dentro da família ou fora dela também diferem daquelas que ele conheceu. Por este motivo as modificações nesta relação nos afetam diretamente. Esta questão é analisada a fundo por Stuart Hall em seu estudo sobre a identidade cultural na pós-modernidade e os efeitos da globalização sobre o ser humano:

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação* [...] a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. (HALL, 2000 p.70,77; grifo do autor)

¹¹ Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Andy_Warhol > Acesso em: jul 2006

Essas condições (compressão espaço-tempo) características da modernidade propiciariam que o ser humano viesse a ter dificuldades para discernir entre realidade e aparência real pois tanto a verossimilhança das imagens como a compressão espaço-tempo obnubilam a capacidade de análise e reflexão sobre as experiências. Para ilustrar esta situação Virilio cita Robert Houdin, grande ilusionista do séc. XIX:

O ilusionismo, diz ele, é uma arte inteiramente dedicada a tirar partido dos limites visuais da testemunha investindo contra sua capacidade de distinguir o real do que ela crê que é real e verdadeiro, levando-a, assim, a acreditar no que não existe. (HOUDIN, apud VIRILIO, 1999, p.87)

Esta comparação sugere que a virtualidade do ciberespaço, propositadamente ou não, tem a possibilidade de levar o usuário a crer naquilo que de fato não existe pelo efeito de uma ilusão. E se não existe, também não se pode considerar como um vir-a-ser que está somente em potência, aguardando sua atualização. Todavia Lévy (1996, p.180) objeta a isto dizendo que "a virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade". Contudo é pertinente lembrarmos que o próprio autor reconhece que: "[...] a dificuldade de analisar concretamente as implicações sociais e culturais da informática ou da multimídia é multiplicada pela ausência radical de estabilidade neste domínio" (IBIDEM, p.24)

À negação do impossível – Lévy afirma que "a diferença entre possível e real é, portanto, puramente lógica" pois "O possível é exatamente como o real: só lhe falta existência" - Lebrun responde a Lévy da seguinte maneira:

Pelo fato de manter a crença em que 'tudo é possível', ou em que 'nada é impossível' e assim permitir a evitação da confrontação com essa 'impossibilidade estrutural' e não mais dar testemunho do encontro com essa decepção fundamental, tudo se passa como se nossa sociedade não veiculasse mais a dimensão dos interditos fundadores...Assim fazendo, o laço social da impossibilidade que o discurso da ciência veicula poderia chegar até a tirar o ponto de estofa do arrimo, no entanto indispensável, do interdito na categoria do impossível. (LEBRUN, 2004, p.120)

A frase de Houdin, acima, nos lembra a estratégia usada pela publicidade com o objetivo de convencer o consumidor a acreditar naquilo que ela apregoa. Trata-se de um efeito de ilusionismo também propiciado pela dificuldade de se discernir o que é de fato atributo positivo do objeto ou serviço que está sendo vendido, daquilo que não passa de pílula dourada: ou seja, conhecido como propaganda enganosa.

Temos em Adorno e Baudrillard dois dos maiores críticos dessa dominação pela técnica de convencer, seduzir para consumir. Para ambos, joga-se com a capacidade de separar o joio do trigo, ou seja de poder avaliar entre o que é real e irreal, ou ainda com a capacidade de pensamento crítico do consumidor. Adorno coloca:

A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesmo [...] O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. (ADORNO, 1985, p.114 ;128)

E Baudrillard analisa da seguinte maneira:

O problema da 'veracidade' da publicidade deve pôr-se da seguinte maneira: se os publicitários 'mentissem' verdadeiramente, seria fácil desmascará-los - só que não o fazem – e se não o fazem, não é por serem demasiado inteligentes, mas sobretudo porque 'a arte publicitária consiste principalmente na invenção de enunciados persuasivos, que não sejam nem verdadeiros nem falsos' (Boorstin)... O que ela [a publicidade] diz não supõe verdade anterior (a do valor de uso do objeto), mas a ulterior confirmação por meio da realidade quotidiana através da adesão do consumidor ao seu discurso. Descobre-se que o verdadeiro e o falso são aqui inapreensíveis [...].(BAUDRILLARD, 1995, p.135)

No ambiente virtual, a estratégia do 'nem verdadeiro nem falso', citada acima, potencializa-se ainda mais pelo efeito da compressão espaço-tempo. Na televisão e no rádio, os anúncios se sucedem uns aos outros, mas de modo a formar uma série no tempo embora sem relação de conteúdo entre si. De todo modo fazem cadeia do tipo: um-um-um, e assim por diante. Quando entramos no ciberespaço esta potencialização se dá pelo fato de que ao abrirmos a página

de um provedor, há nela um grande número de quadros, cada um anunciando uma mercadoria ou serviço, simultaneamente. Alguns desses quadros são animados por movimentos das imagens e texto para capturar mais atenção para si. Ainda na mesma tela, espoucam, sobrepostos a ela, os pop-ups, que são anúncios instantâneos, interrompendo a leitura do que estava sendo visto antes. Desta forma, a miríade de estímulos é imensa, deixando ao "espectador" a tarefa de "analisar" tudo isso. Já se sabe que não existe tal competência, o que foi demonstrado por Herbert Simon (1965) com seu trabalho sobre a condição humana para lidar com grandes quantidades de informação. Entre a capacidade real e a irreal, pelo menos, podemos verificar que existe diferença. Nos sites de encontros e namoros depara-se com grande quantidade de informações e de perfis a acessar. No caso do Par Perfeito o usuário tem 5.000.000 de perfis à disposição, para acessar. Nas sociedades contemporâneas e nos aparatos tecnológicos criados por elas, há como que um excesso não só de informação e de opções disponíveis mas de controle, o que é descrito por Deleuze (1992) comparando as sociedades disciplinares mostradas por Foucault com as atuais instituições. Deleuze revela que na atualidade a organização disciplinar está sendo substituída pelas organizações que impõem um controle, que constitui o novo regime de dominação. Caracterizada por instituições que já não confinam os seres humanos em espaços fechados mas controlam-nos mesmo ao ar livre e à distância pela televigilância, utilizando uma tecnologia bem mais complexa e sofisticada do que as sociedades disciplinares, sobre essas sociedades, o autor dirá:

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. [...] As sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência e o ativo a pirataria e a introdução de vírus. (DELEUZE, 1992, não paginado)

Segundo Deleuze estas sociedades exercem a dominação de um modo não perceptível facilmente porque nelas tudo muda tão rapidamente que as formas se tornam quase voláteis. Um exemplo disso é a empresa que substituiu a fábrica . A empresa é: "uma alma, um gás" (IDEM) e compara seu modo de funcionamento ao da escola dizendo que enquanto na primeira, o modo de enquadramento do indivíduo é a introdução da rivalidade entre os funcionários, na segunda passa-se a estimular a

formação permanente e o controle contínuo substitui o exame. [...] Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica) enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal (DELEUZE, 1992, não paginado)

Assim, para Deleuze, a tecnologia reproduz os mecanismos de dominação criados pelas sociedades de controle tanto quanto nas sociedades disciplinares que, segundo o autor, tiveram seu apogeu no séc. XX.

Segundo Tamanini (2007) os controles de que fala Deleuze, são moldagens que podem ser transformadas continuamente, produzindo uma situação flexível de subjetividade que acaba sendo a chave do dito controle pois "as pessoas estão respondendo a uma dada subjetividade que abarca possibilidades de significados múltiplos, dinâmicos e permeáveis embora no seio de indivíduos fragmentados."

2.3 A sociabilidade na Internet

A sociabilidade na Internet é fato inelutável embora seja objeto de intensa discussão e controvérsia tanto entre os estudiosos quanto entre as pessoas comuns, usuárias ou não deste recurso. Abordamos a seguir aquilo em que consiste a sociabilidade no ciberespaço em suas diversas facetas. Ana Maria Nicolaci-da-Costa descreve o que ocorre no ambiente virtual de

modo bastante abrangente usando como referência tanto seus próprios estudos quanto os de outros autores:

Por ele [ciberespaço] circulam a informação e os bens imateriais. Como já foi mencionado, nele são também implementadas novas formas de vigilância, controle e poder. Mas isso não é tudo. Segundo diversos autores (Lévy, 1990/1993; Castells, 1996/2000; Rheingold, 1993, etc), o ciberespaço também é o espaço no qual são colocadas em prática diferentes formas e manifestações de solidariedade, de coesão social, de resistência, de movimentos políticos, de vida comunitária, etc. É, ainda, segundo outros autores (Turkle, 1995; Nicolaci-da-Costa, 1998; Leitão & Nicolaci-da-Costa, 2000; Abreu & Nicolaci-da-Costa, 2003; etc), um espaço que se tornou o palco (imaginário mas vivido como real) de novas formas de vida que abrangem praticamente todas as áreas do nosso cotidiano: trabalho, educação, lazer, informação, conversas intelectuais, bate-papos informais, sedução, paquera, namoro, solidariedade, etc. (NICOLACI-DA-COSTA, 2005a, p.369)

Nicolaci-da-Costa apresenta diversas facetas da utilização da Internet mas não se refere ao uso deste recurso para práticas ilícitas. Todavia o uso deletério da Internet é mais difícil de ser rastreado do que os atos escusos praticados no espaço real, o que é propiciado pelo anonimato. É um lugar cujas regras ainda não foram estabelecidas e onde se pode fazer ou dizer tudo o que se possa criar, como já apontamos anteriormente. Quanto à existência de algum tipo de regulamentação encontramos, nos sites de relacionamento, recomendações que avisavam os usuários no sentido de precaverem-se quanto a sua segurança, não divulgando dados pessoais, procurando realizar seus encontros no espaço da realidade em locais públicos e movimentados. Preveniam contra a veiculação de diálogos ou e-mails com palavras ou comentários ofensivos, advertiam que não é permitida a prática de atos ilícitos e solicitavam que os usuários denunciasses atos de pedofilia. Todavia são apenas recomendações sem qualquer efeito legal.

Solidariedade, trabalho, movimentação política, bate-papo, e namoros, convivem com práticas ilícitas ou outras, que embora não configurem ilegalidade, podem causar prejuízo. Isto tudo caracteriza a sociabilidade na Internet como um espaço que contém as mesmas ambigüidades das interações sociais na realidade, incluindo-se aí a interpenetração entre público e privado. A imbricação entre estes dois elementos se reproduz na Internet e podemos observá-lo

naqueles sites criados por pessoas que expõem suas atividades diárias, íntimas ou não, durante as vinte e quatro horas do dia, por meio de imagens captadas pelas webcams no interior de suas casas. Qualquer internauta pode acessar o site, caso ele não possua restrições (o que geralmente ocorre) e pode enviar comentários, à pessoa que se exhibe, quando o site disponibiliza este recurso, proporcionando a interatividade entre as pessoas. Aqui o sujeito, sob o olhar do outro, é quem apela a ser observado. Sobre este ponto, Virilio (1999) aponta a modificação da televigilância que anteriormente previa uma garantia contra a intrusão e passa agora à condição (desejada) de uma superexposição da intimidade que antes deveria ser protegida.

Com esse voyeurismo, a televigilância adquire um novo sentido: não se trata mais de se prevenir contra uma intrusão criminosa, mas de partilhar suas angústias, seus fantasmas, com toda uma rede, graças à superexposição de um lugar de vida. (VIRILIO, 1999, p.61)

A Internet existe e se movimenta à revelia do desejo individual, pois quando se cria uma tecnologia como essa, construída socialmente, já se tem uma série de representações e percepções politicamente informadas, coletivamente assumidas como necessárias e isso gerando desejos de consumo e já subjetivando o controle das vontades. Contudo, só entra nela quem quer experimentar aquilo que já é cultural, social e interpretado a luz de necessidades já estabelecidas como práticas de consumo sobre as emoções, a organização e a dinâmica das relações sociais. (TAMANINI, 2007). O tipo de recurso - informação ou comunicação e, no interior destes, suas diversas modalidades - que será utilizado pelo usuário também é motivado por escolha própria, como já o dissemos. Por este motivo ninguém entra num chat ou num site de encontros e namoros "sem querer". Conseqüentemente a sociabilidade na Internet constitui uma expressão inequívoca da reflexividade e da transformação da intimidade colocadas por Anthony Giddens (1993, 2002).

Temos um sujeito que faz escolhas que implicam certos riscos que ele não desconhece mas que aceita correr, porque isto faz sentido para ele, adquirindo uma significação particular para este indivíduo.

[...] ser humano é saber, quase sempre, em termos de uma descrição ou outra, tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo[...]As convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelo agente como parte do "seguir em frente" nas diversas situações de nossas vidas. A consciência reflexiva nesse sentido é característica de toda ação humana. (GIDDENS, 2002, p.39)

Quanto às modificações na esfera da intimidade ele aponta:

As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno. A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. Nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo todos nós naquilo que chamarei de *experiências sociais do cotidiano*, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar. (GIDDENS, 1993, p.18, grifo do autor)

A sociabilidade amorosa na Internet configura uma destas experiências interpessoais trazidas pelas mudanças na intimidade. Seja para encontros que objetivem apenas sexo ou encontros que visem um relacionamento afetivo e também sexual, ou ainda experiências sexuais solitárias, a Internet proporciona possibilidades de busca em diversas modalidades de sites. Há canais eróticos interativos, onde o internauta envia sugestões aos parceiros que protagonizam as cenas de sexo, como se fosse um filme em que o espectador pudesse interferir no roteiro em ato. Existem também os sites eróticos ao modo das revistas, onde o internauta apenas assiste às cenas ou fotos veiculadas. Além destes e objeto de nossa pesquisa, estão os sites de encontros e namoros. Também os chats de bate-papo podem ser usados desta forma, pois existem aqueles direcionados para conversas eróticas. Além destas formas diretas de busca podem ocorrer encontros amorosos casuais, no sentido de que o usuário não tenha acessado determinado programa com esta intenção precípua, mas acaba lá encontrando uma outra pessoa com quem

estabeleça afinidades e mais tarde possa resultar num encontro afetivo ou apenas sexual. Esta possibilidade pode ocorrer em qualquer recurso da Internet onde haja comunicação social entre os usuários.

Conforme a constatação de Giddens, hoje as mulheres comportam-se de modo diferente daquele tradicional, onde eram passivas e tinham que seguir regras rígidas de comedimento e recato. Nestes sites encontramos-las em grande número, numa busca ativa por um parceiro e que nem sempre visa o relacionamento amoroso tradicional, objetivando o lúdico, o prazer de brincar. Elas também buscam relações puramente sexuais, ou até mesmo que contemplem afetividade, sem no entanto envolverem compromisso pessoal de durabilidade ou fidelidade.

Na web, o processo de busca e encontro de parceiros acaba por ocorrer de modo inverso. Se na forma tradicional o início ocorria pela troca de olhares em presença do outro, em ambientes sociais do mundo real, no ambiente virtual a aproximação ocorre mediada pela tecnologia, onde os parceiros iniciam o diálogo por e-mail e depois trocando fotos, ou iniciando o bate-papo pelo chat do site. Em seguida passam a conversar por telefone e, como último passo do processo vem o encontro pessoal na realidade.

O tempo entre cada uma das fases é determinado pela expectativa individual porém deve contemplar a condição do outro sob pena de se interromper o circuito caso haja um forçamento sobre uma das partes. O jogo da coqueteria se dá pela capacidade argumentativa dos parceiros, pela curiosidade despertada em saber quem, afinal, é aquela pessoa que se descreveu de modo tal, a ponto de físgar o interesse, o que também é proporcionado pela habilidade de cada um induzir um certo enigma sobre si, e pela credulidade que cada um possa instigar no outro. Não há troca de olhares ou expressões corporais que possam dar qualquer indicação acerca daquele com quem se está falando. Mesmo com o uso da webcam, não se tem uma percepção adequada da expressão facial do interlocutor pois o recurso ainda apresenta imagens de baixa qualidade, - tanto em

função das máquinas quanto em função da velocidade da conexão - onde pequenos detalhes que denunciem uma intenção qualquer, não são suficientemente perceptíveis. Este processo que descrevemos constitui uma experiência para os usuários. Benjamin (1994) ao lamentar a extinção da narrativa oral, diz que ela é fruto da experiência: "o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros"(IBIDEM, p, 201). Depreendemos daí que uma experiência não se refere apenas à prova experimental científica ou à perícia obtida por meio de um aprendizado sistemático, mas concerne ao vivido, experimentado pelo próprio sujeito "tecido na substância viva da existência"(IBIDEM, p.200). A tecnologia, para Benjamin, é uma das causas da extinção da narrativa oral e do empobrecimento da experiência porque a reprodutibilidade técnica da escrita, ou seja, a invenção da imprensa, propiciou o surgimento de outra forma de comunicação, a saber, a informação sobre a qual ele diz:

Mas a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível 'em si e para si', [...] é indispensável que a informação seja plausível[...]os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. (IBIDEM, p. 202-203).

Se a utilização da tecnologia não é uma novidade na vida do ser humano, a utilização dos sites de encontros e namoros configura um modo diferente de busca, aproximação e relação ao outro. Estamos falando de uma prática, de uma experiência que é vivenciada não só por meio dos órgãos sensoriais ou de modo puramente intelectual mas que implica em trocas intersubjetivas que incluem motivações, estratégias de aproximação ou afastamento, critérios de escolha, expectativas, prazer, desprazer, representações acerca do que se experimenta e re-significações deste vivido. Todavia comunicá-lo, como foi observado na situação das entrevistas com os usuários, não lhes foi tarefa desprovida de esforço, como veremos no capítulo sobre as experiências dos entrevistados nos sites de encontros e namoros.

No capítulo que segue trazemos a discussão sobre as relações amorosas e suas modificações no último século, que propiciaram a formação das configurações que conhecemos hoje. Estas reflexões respondem ao que pareceu-nos como imprescindível acerca dos conteúdos que guardam ligações prioritárias com o tema da sociabilidade amorosa e suas relações com a tecnologia.

AMOR E TECNOLOGIA

3.1 Do amor...

Este capítulo foi dedicado a uma revisão da literatura sobre a sociabilidade amorosa. Descrevemos alguns aspectos do percurso que os conceitos e práticas, acerca dos relacionamentos amorosos, percorreram do século XX para o Séc. XXI. Não se trata portanto de fazermos uma discussão exaustiva sobre a subjetivação do amor e/ou da sexualidade engendrados pela cultura pois que sendo o tema muito amplo e complexo, tal análise tomaria uma amplitude que não caberia nos propósitos deste trabalho. O amor e a sexualidade, associados ou não, foram analisados no interior das relações amorosas, como elementos que a compõem. Esta opção visa atender ao objetivo principal deste trabalho que é estudo do relacionamento amoroso articulado à tecnologia e não o estudo do amor e da sexualidade.

O amor romântico inaugurado na Idade Moderna é o ideal de relacionamento entre homens e mulheres no início do século XX. (DEL PRIORE, 2005). Do amor se podia falar mas do sexo não, o que configurava a hipótese repressiva postulada por Foucault (2006). O sexo, a regulá-lo, estavam a moral, a Igreja, a família, a escola, enfim todas as instituições que Foucault (1997) denominou de disciplinares. Do velamento à liberdade de expressão, o séc. XX viu a sexualidade passar do represamento do desejo ao imperativo da performance sexual, seja em atos palpáveis ou, mais recentemente, em transas(ções) virtuais. Foucault (1985) já demoliu nossas ilusões contando o segredo sobre a "vontade de saber", ou seja, de que a hipótese repressiva, de repressiva tinha muito pouco. Tratava-se antes de uma estratégia das várias instâncias ou instituições disciplinares, de manter o poder pela discursividade acerca do sexo e da sexualidade.

Foucault (IBIDEM) estava falando de saberes e poderes que se entrecruzam com práticas institucionais capazes de engajar e disciplinar as condutas.

A idéia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociadora e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro. [...] Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. (FOUCAULT, 1985, p.13, 16)

As modificações ocorridas no século XX levam a crer que a sociedade enquanto pensava que transgredia um interdito acabou, na verdade, fazendo exatamente o jogo que lhe foi proposto pelo ardil de que Foucault falava. Prova disso é a pujança dos negócios que envolvem as "coisas" do amor. Do Viagra ao shampoo para deixar os cabelos sedosos ao toque, do sexo se fala, se vende e se faz. Estratégias estas intervindo sobre os indivíduos e portanto, se há um declínio das formas tradicionais, desenvolve-se no mesmo processo a transição para outras formas de se viver o amor, as emoções, os modelos de masculinidade e feminilidade. Os estudiosos de gênero, que citaremos abaixo, analisam a questão na mesma direção em que Foucault problematiza o tema, a saber, que o amor e a sexualidade envolvidos nas práticas amorosas, são determinados pelo discurso vigente em determinados contextos sociais e culturais.

Os estudiosos de gênero trazem uma diferenciação entre as categorias de sexo e gênero (BUTLER,2003; LOURO, 1999; MATHIEU,1991; e LAQUEUR, 1994) indicando que elas não coincidem como o pensamento biologicista definia, a partir de uma lógica binária e naturalizante. Para estes autores, tanto a categoria sexo quanto a de gênero são construídas culturalmente mas nunca dadas *a priori* pela biologia.

Guacira Lopes Louro (1999) diz que há várias formas de se viver a masculinidade e a feminilidade como identidades de gênero. A sexualidade é utilizada, nesse contexto, para se

referir às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais e como estariam relacionados aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põem em prática. "Gênero e sexualidade, são construtos sociais, culturais e históricos" (IBIDEM, p. 63-64). Assim, o sexo passa a ser visto não como um dado natural e biológico mas, sobretudo, como algo construído e editado ao plano cultural. Para Judith Butler (2003), o conceito biológico de sexualidade é um efeito dissimulado do poder e das normas heterossexistas, pois a categoria sexo é tão culturalmente construída quanto o próprio gênero: "a categoria sexo é politicamente investida, naturalizada, mas não natural" (BUTLER, 2003, p.164). O casal heterossexual e a família nuclear teriam sua origem numa naturalização desta investidura política do sexo e do gênero, ainda segundo a mesma autora.

O modelo de família nuclear, em que a mulher é a rainha do lar e o homem o provedor e protetor da fragilidade da esposa, vigorou sem grandes turbulências durante pelo menos até metade do séc. XX. O questionamento da condição de inferioridade da mulher perante o homem tornou-se vigoroso a partir dos anos 60, embora Simone de Beauvoir já houvesse lançado "O segundo sexo" em 1949. (ADELMAN, 2004)

No Brasil "o verdadeiro amor era com a dona-de-casa, rainha do lar, o complemento doméstico do marido" (DEL PRIORE, 2005, p.285). Mas para tornar-se rainha do lar, o namoro, que vinha depois do flerte ou *flirt* como se dizia na época, seguia regras muito definidas pelas quais a moça tinha que se mostrar recatada, ou seja, cuidar do linguajar, e dos modos, que não deveriam ser muito expansivos. Não devia consumir bebida alcoólica; contar piadas nem pensar! Para garantir a virgindade até o casamento, as 'liberdades' que o rapaz decidisse tomar, quanto aos beijos ou abraços, deveriam ser repelidas com tato e delicadeza mas de maneira firme, sob o risco de ser tomada por uma daquelas 'moças fáceis' e não do tipo 'moça para casar'. (IDEM.) A

moça de respeito havia que ser estóica, talvez no sentido mais literal do termo. E estes eram chamados de Anos Dourados...

Os anos 60 trouxeram mais mudanças ainda com o aparecimento da pílula anticoncepcional que agora permitia às mulheres escolherem se, e quando desejavam ter filhos. Em relação aos homens, se isto dava a elas mais autonomia, por outro lado, proporcionava a elas a ilusão de que a mulher poderia tornar-se, ainda mais do que antes, objeto de prazer. Isto porque antes do advento do anticoncepcional, sempre havia o fantasma para eles do "ter que casar" caso houvesse uma gravidez. A partir disso a reivindicação pela igualdade de direitos incluindo a satisfação sexual das mulheres e não apenas de seus maridos, bem com a reivindicação pelo direito ao aborto estavam definitivamente colocados. A dissolução do casamento que já era fato na Europa e nos EUA, chega ao Brasil na forma do 'desquite' que contemplava a separação do casal, mas não eliminava o vínculo formalizado no casamento civil e nem admitia outro casamento. As mulheres saíam muito mais estigmatizadas do que os homens deste processo e a vigilância sobre seu comportamento ulterior era implacável. (DEL PRIORE, 2005, p.295-296).

Da década de 70 em diante os relacionamentos tornam-se cada vez menos rígidos. A relação sexual anterior ao casamento acaba por tornar-se parte integrante do processo de namoro, já que a afinidade sexual passa a ter tanta importância para cada um dos parceiros quanto as afinidades intelectuais, entre outras. O surgimento da AIDS na década de 80 trouxe o temor de um retrocesso no percurso da chamada Revolução Sexual com a volta de alguns discursos que pregavam o retorno à fidelidade vitalícia e imperativa nos relacionamentos amorosos. Apesar da gravidade do quadro e do risco, a que qualquer pessoa está exposta, de contrair o vírus HIV, o 'fantasma' do discurso moralizante nem bem retornou para ser, logo depois, afugentado pelas pesquisas sobre os modos de transmissão e evolução da doença. (HEILBORN, 2004). A autora

adverte que a chamada Revolução Sexual deve ser olhada com cautela posto que mesmo com os movimentos contestatórios da rigidez moral, "o cenário da sexualidade muito se alterou no que diz respeito à família, mas não produziu um panorama de liberdade."(IBIDEM, 2004, p.9). Tal panorama é obnubilado por prescrições naturalizantes acerca dos gêneros. (BUTLER, 2003). Todavia Heilborn, (2004) admite que houve um "longo processo de autonomização da sexualidade" em relação à moralidade, principalmente nas sociedades ocidentais e este processo propiciou o questionamento e a separação entre moral e sexualidade e entre sexo e amor. Esta questão é também trazida por outros autores como veremos a seguir.

A modificação da moral é tratada por Lipovetsky (2005) em seu livro "A sociedade pós-moralista". Ao fazer uma análise da moralidade na pós-modernidade ele diagnostica que a moral desde o Iluminismo até a contemporaneidade passou de um pólo ao outro: "Após o ritual mágico do dever demiúrgico, eis a fase do minimalismo ético." (IBIDEM, p.27) Nesta colocação ele deixa entrever uma crítica mordaz ao radicalismo tanto do imperativo categórico do dever quanto à falta absoluta da implicação com uma responsabilidade ética. Mais do que isto, ele atribui esta condição a uma individualização cada vez maior do ser humano, à sociedade de consumo, e também a diversos fatores intelectuais, filosóficos, socioculturais que não detalharemos aqui em razão de fugirem ao objetivo precípuo da nossa discussão, que é o de articular moralidade e sexualidade e de que modo os dois conceitos se dissociaram. Nossa intenção é mostrar as mudanças pelas quais as relações amorosas passaram. Estas transformações são consequência de um processo social e histórico em que os relacionamentos amorosos e a sexualidade eram regulados por uma moral que os unia de modo indissociável. Assim, à medida que ocorreu uma mudança não só no conteúdo da moral, como demonstra Lipovetsky (IDEM), também o amor e a sexualidade foram dissociados provocando as modificações nas práticas amorosas, à quais

assistimos hoje. (GIDDENS, 1993; DEL PRIORE, 2005; HEILBORN, 2004; BOZON, 2004). Além disso, o trabalho de Lipovetsky (IDEM) traz alguns pontos sobre a questão do relacionamento humano cada vez mais mediado por objetos e do próprio indivíduo tomar o outro numa lógica que privilegia a satisfação individual, eximindo-se de levar a alteridade em conta. Trata-se de uma abordagem ampla e de uma posição que pode ser polêmica, partilhada também por Sennett (1998) e Bauman (1998). Na seqüência abordaremos idéias diferentes destas, colocadas por outros estudiosos pois não podemos esquivar-nos de contemplar a diversidade de pensamento entre os autores, sob pena de tomarmos de modo dogmático a posição de alguns em detrimento da de outros.

Para Lipovetsky, (2005) após o imperativo moralizante da era vitoriana até o início do séc. XX, surge com o movimento da contracultura, o slogan "é proibido proibir", pelo qual a palavra "dever" perde seu caráter de irredutibilidade da abnegação pessoal, para assumir uma conotação depreciativa. Falar em dever no sentido de abrir mão de si mesmo em prol do coletivo, tornou-se politicamente incorreto, piegas. Aqueles que ousam tomá-lo desta forma tornam-se motivo de chacota e alvo de opiniões que se destinam a inculcar culpa e vergonha neste que se insurge contra-a-cultura da liberdade individual.

A lógica pós-moralista é a *tendência dominante* de nossa cultura ética, porém não exclusiva. Por isso comporta também o aparecimento de fenômenos contraditórios, como o crescimento de movimentos caritativos e humanitários, a consolidação e o ressurgimento de ações explicitamente moralistas, voltadas particularmente contra o aborto ou a pornografia[...] o que desperta maior reprovação (e até indignação) não é a norma ideal, mas sim uma eventual reativação do conceito do dever absoluto, a tal ponto que o moralismo ficou sendo equiparado, socialmente falando, ao terrorismo e à barbárie. (LIPOVETSKY, 2005, p.27- grifo do autor)

Segundo o autor, esta moral atual, incentiva-se a solidariedade ao próximo, exorta-se que as pessoas dediquem mais tempo e importância aos filhos, ao cônjuge, aos amigos, deixando um pouco de lado a correria do dia-a-dia de trabalho e de reuniões constantes.

O grande número de movimentos sociais contestatórios surgidos nos anos 60, foi substituído, em parte, por movimentos em prol da solidariedade e da justiça social. "Assim somos ávidos por regras justas e equilibradas, mas não de renúncia pessoal" (IBIDEM., p.26) Estas condições e contradições caracterizam uma cultura que embora glorifique a autonomia subjetiva, ao mesmo tempo propõe limites constituindo o que o autor conceitua como "desordem organizadora". O bem-estar social só se efetiva pelo estado de bem-estar individual. Noutras palavras, se cada um está bem, todos estarão: 'se eu estou *ok*, você está *ok*'. O nirvana coletivo realiza-se pela condição de consumo de cada um: da cultura do Dom ao estado do Bem-estar. "A sedução tomou o lugar do dever, o bem-estar tornou-se Deus, e a publicidade é seu profeta."(IDEM). À medida que evolui o processo de reificação da vida humana também a representação de mundo torna-se cada vez mais coisificada, ou seja: menos simbólica e mais signíca, iconográfica e unívoca. Entre os homens e o mundo, estão os ícones midiáticos substituindo a metáfora da linguagem, e as relações dos seres humanos entre si, não escapam a isso.

Assim, as relações entre os homens ficam sendo sistematicamente menos simbolizadas e apreciadas que entre os homens e as coisas. Isto é a supremacia da correlação homem/objeto sobre a correlação homem/homem (característica da ideologia econômica moderna) foi incorporada às formas de representação da existência cotidiana. (LIPOVETSKY, 2005, p.31-32).

Esta nova moral dentre seus preceitos regulamentadores prega que cada um deve fazer o que for possível para atingir a sua felicidade desde que não cause prejuízo ao outro. A partir desta concepção de Lipovetsky poderíamos dizer que o outro só entra na conta na medida em que não o prejudicando, o primeiro sujeito (o eu) estaria de acordo com esta nova moralidade de

autonomia subjetiva e solidariedade ao próximo, simultaneamente. Se a moral foi apartada do pecado, do mesmo modo, a sexualidade foi separada da moral, no que Lipovetsky descreve como uma "autonomização da sexualidade no que tange à moral" (LIPOVETSKY, p.37). O liberalismo sexual consiste nesta operação de liberação da sexualidade em relação à moral e outorga a cada homem e mulher a liberdade de escolher e fazer o que julgar conveniente desde que haja consentimento mútuo. Vigente do séc. XVIII à primeira metade do séc. XX, a hierarquia entre os prazeres sublimes – intelectuais e afetivos – e os de ordem menos nobre como os carnavais, já não vigora mais. O prazer, o gozo, em todas as esferas, da intelectual à erótica já não estão mais submetidos à uma valoração hierárquica. "Perduram só as diferenciações de gosto ou de preferência individuais, que já não encontram guarida num sistema de classificação fechado" (LIPOVETSKY, 2005, p.39). Este autor traz ainda uma idéia sobre a questão da liberação sexual que vem ao encontro do pensamento de Heilborn (2004), acerca de que apesar das mudanças, não se obteve o panorama de liberdade desejado. Assim, segundo o autor, a despeito do liberalismo, a violência sexual não desapareceu e a questão do assédio sexual é paradigmática desta situação. Todavia, o que o assédio traz para a ribalta, além da publicidade sobre o tema, é um apelo a regras mais rígidas sobre o sexo e, no limite, um exagero de avaliação dos comportamentos: qualquer atitude, mesmo um comentário elogioso, pode ser tomada como assédio, dependendo do grau de suscetibilidade de quem o recebe. Para proteger o direito à sexualidade e dignidade das mulheres foram criadas regras que visam tornar os ambientes – seja no escritório ou no transporte coletivo – mais saudáveis ou respeitosos para com elas. As regulamentações também objetivam eliminar toda equivocidade nos modos de relacionamento, na tentativa de se obter uma sociabilidade asséptica entre os sexos (LIPOVETSKY, 2005). Quanto maior a liberdade sexual, maior a necessidade de regramentos para evitar os abusos e enquadrar a convivialidade dentro de padrões, socialmente saudáveis, o que constitui uma aporia que o autor descreve da seguinte

maneira: "Ditosos os nossos dias: a partir de agora, a moral sexual é livre, perdeu sua antiga rigidez. Isso não significa, porém, que se instalará um novo contexto social demarcado por um estilo de vida prazeroso e triunfalista." (IBIDEM, p.45)

As mulheres saíram do ostracismo, do mundo doméstico, do também chamado mundo feminino. Conquistaram o direito de legislar sobre seus corpos, de exercer uma profissão entre outras coisas. Estão no espaço público, competitivo e agressivo, antigamente dominado pelos homens, estes que buscavam na domesticidade privada, um refúgio para livrar-se do ambiente externo, sempre hostil. (DEL PRIORE, 2005). Quanto a esta questão A Edição Especial Veja Mulher (2006) traz uma análise dos últimos quarenta anos acerca do movimento feminista, suas reivindicações, suas conquistas, e os problemas encontrados para a efetivação de algumas mudanças que foram propostas mas não obtiveram realização. Assim, ao lado de uma realização sexual sem culpa, maior participação na vida política e intelectual, mediante a frequência às universidades, figuram ainda problemas tais como a maior possibilidade de um celibato involuntário para estas mesmas que estão entre as mais instruídas. Isto porque segundo Maureen Dowd, (2006) - uma das entrevistadas nesta Edição Especial de Veja e jornalista americana especialista em gênero na política, - os homens preferem relacionar-se com mulheres menos instruídas ou com aquelas que lhes são subordinadas profissionalmente, demonstrando que se as mulheres mudaram, os homens nem tanto. As mulheres queriam mudanças e as fizeram, responsabilizaram-se por elas porém o mal estar parece que fica por conta da expectativa de que os homens as acompanhariam neste percurso. E o que os obrigaria a fazê-lo? "Na prática, ninguém impede uma mulher de mergulhar completamente na carreira ou a obriga a ser responsável pela administração da casa" (IBIDEM, p.50), ou ainda a ter filhos quando não queira e a manter-se ao lado de um homem se não quiser. Hoje elas exercem o direito e a prerrogativa de

modificar suas vidas do modo como acharem melhor mas, por outro lado, isto não significa que a tarefa seja fácil. Acerca destas questões relativas ao nosso país, dentre uma série de estudiosos nacionais e internacionais entrevistados pela revista, está Maria Luiza Heilborn, um dos expoentes dos estudos de gênero no Brasil:

[...] a pesquisadora Maria Luiza Heilborn acha que os ideais feministas se restringiram a debates pertinentes aos menos abastados, principalmente em países como o Brasil. "Questões como violência doméstica e aborto afetam sobretudo essa camada. Não adianta querer que a patricinha da universidade se engaje nesse assunto" (HEILBORN, 2006, apud VEJA, 2006, p.53)

A revista traz a questão do relacionamento amoroso, e a adequação entre trabalho e vida doméstica como um dos pontos em que apesar das modificações ocorridas, ainda há muitas vicissitudes a resolver.

O amor livre e a vida em comunidade praticados pelos jovens *hippies* que se opunham ao tradicionalismo, ao *status quo*, na década de 60, foram a face mais visível dos movimentos sociais. O movimento contestatório conheceu o seu auge na década seguinte, nos anos 70, mas a idéia do amor livre e compartilhado socialmente entre diversos casais veio perdendo força desde aí. Este esvaecimento, segundo Lipovetsky, assinala uma recusa à volubilidade constante, "da permanente oscilação da excitação orgástica" (op. cit., p.47). Nem fidelidade vitalícia e nem amor livre: o portentoso número de separações e divórcios revela que o amor politicamente correto não admite uma vida conjugal feita de promessas impossíveis, de mentiras para salvar as aparências diante do grupo social que se frequenta, do sentimento de aprisionamento quando o furor passional arrefece. Ele também não admite uma volatilidade tão grande que leve às raias de uma inconstância paroxística. A fidelidade retorna à ordem do dia, porém redimensionada. Propõe-se a fidelidade durante o tempo que subsistir o amor, a atração mútua. Contudo esta fidelidade e estabilidade custam alto preço para homens e mulheres, cada vez mais acostumados à autonomia individual. Viver a dois ou em grupo, implica necessariamente em compartilhar, dividir, fazer

tratos e contratos. Coloca-se para cada um dos parceiros uma tarefa difícil e complexa de administrar diferenças, admitir intervenções do outro. Um outro que é visto muito mais como incômodo ou intruso quando a prioridade é a auto-suficiência. (LIPOVETSKY, 2005)

Richard Sennett, na mesma linha de Lipovetsky, considera que a sociedade contemporânea privilegia o individualismo em detrimento do coletivo. O homem está voltado cada vez mais para sua própria interioridade e trata "[...] em termos de sentimentos pessoais os assuntos públicos, que somente poderiam ser adequadamente tratados por meio de códigos de significação impessoal" (SENNETT, 1998, p.18). Cria-se assim uma interpenetração entre o público e o privado, tornam-se nebulosas as fronteiras entre a vida íntima e a vida pública. Para estes autores, no campo amoroso, passou-se do erotismo, que envolvia relações sociais, à sexualidade como expressão da identidade. O sexo seria uma revelação do eu e a sexualidade um estado onde o amor físico é tido como corolário da intimidade entre as pessoas. Em outras palavras, neste caso, trata-se de um desempenho, uma performance do eu, que remete ao pensamento de Goffman (1983) sobre os papéis que o indivíduo representa em sua vida cotidiana, aqui articulada ao desempenho amoroso e/ou sexual. A partir das idéias de Goffman, (IBIDEM) estes papéis conformariam determinados atributos culturalmente definidos sobre o masculino, o feminino, o amor e o sexo, num dado contexto social e histórico, revelando-se na expressão de modos de ser, de gestos e modos de vestir, assim como de atitudes e posturas corporais para andar, sentar, movimentar-se, incluindo ainda, a tonalidade de voz, a seleção de objetos, adornos e processos de sedução. Na contemporaneidade, exigente de atitudes performáticas que demonstrem que ao indivíduo não lhe falta nada, (BAUDRILLARD, 1995) a sexualidade não sairia incólume da armadilha, como demonstra Sennett (IDEM).

Na esfera da sexualidade, o narcisismo afasta o amor físico de qualquer compromisso, pessoal ou social. O simples fato de um compromisso por parte de uma pessoa parece,

para ele ou ela, limitar as oportunidades de experiências "suficientes" para saber quem ele ou ela é e encontrar a pessoa "certa" para complementar quem ele ou ela é. (SENNETT, 1998, p. 22 – grifos do autor)

A frase de Sennett sobre a dificuldade do indivíduo em lidar com o compromisso lembra-nos a busca de oportunidades e experiências diversas que caracteriza o homem "coleccionador de sensações" (BAUMAN, 1998) e de experiências amorosas que, neste caso, reduzir-se-iam a experiências nas quais nada, a não ser o próprio sexo, resulta do encontro entre os dois parceiros pois eles sabem de antemão que seus caminhos irão separar-se, cedo ou tarde. Bauman diz ainda, que à medida que o sexo foi sendo isolado de outras formas de relacionamento social, ele acabou por transformar-se num instrumento de privatização e mercantilização.

O sexo está sendo completamente purificado de todas as "poluições" e "corpos estranhos" tais como obrigações assumidas, laços protegidos, direitos adquiridos. Por outro lado, porém, todas as outras coisas das relações humanas são – afiadamente, vigilantemente, obsessivamente, às vezes de uma maneira atacada de pânico – purificadas mesmo das mais pálidas sugestões sexuais que permitam a mais leve possibilidade de condensar essas relações em permanência (BAUMAN, 1998, p.185)

O envolvimento sexual como consequência posterior do relacionamento afetivo, ou seja do namoro, já foi um dos fatores que entravam na conta da decisão pelo casamento, o que estava acorde com as regras de adiamento do desejo, pregadas pela normatização social. (DEL PRIORE, 2005). Atualmente ocorre o oposto pois que é preciso conhecer o parceiro sexualmente antes de se decidir por um envolvimento mais profundo ou pela coabitação, a fim de evitar os possíveis desencantos com a "pessoa errada". Nada de mais em evitar frustrações desnecessárias mas a questão é que esta justificativa, junto daquela que associa a manutenção da relação a uma prisão, pois restringe as oportunidades, vem se tornando o argumento principal para que os envolvimento não ultrapassem a experimentação sistemática. (LIPOVETSKY, 2005; SENNETT, 1998; BAUMAN, 2004)

A liberdade conquistada para escolher o parceiro, bem como a separação da sexualidade de qualquer laço afetivo, são a consequência da busca de homens e mulheres pela felicidade. Porém como tudo na vida, estas conquistas têm um custo que, na visão de Bauman se traduz do seguinte modo.

Primeiro, mediante a "purificação" da parceria, o amor erótico foi reduzido a sexo; depois, em nome da purificação das intenções sexuais impuras, a parceria é "purificada" do amor... (BAUMAN, 1998, p.189)

A estes novos tipos de relacionamento baseados numa escolha do sujeito pela busca da felicidade individual, que exigem igualdade sexual e emocional; libertos de compromisso pessoal ou implicação de laço afetivo, Giddens conceitua como "sexualidade plástica" e "relacionamento puro". Eles são a expressão mais evidente do processo da "transformação da intimidade" (GIDDENS, 1993). Para este autor o amor romântico produzia e reproduzia as relações de gênero, entendidas aqui, grosso modo, como a submissão feminina diante do poder masculino, no campo amoroso e sexual.

À medida que as mulheres saíram em busca da igualdade, tanto homens quanto mulheres precisaram rever seus papéis uns diante dos outros. O amor romântico foi cedendo espaço para relações não condicionadas à fidelidade, ao laço afetivo e à implicação pessoal em profundidade e permanência. Surgia o relacionamento puro que

Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente. (GIDDENS, 1993, p.69)

Esta definição ratifica as idéias de Bauman e Lipovetsky sobre a narcisificação cada vez maior dos relacionamentos. Porém Giddens analisa esta condição de modo diferente. Ao contrário dos dois primeiros, ele acredita que o relacionamento puro é uma forma de diminuir,

senão de eliminar o jugo masculino sobre as mulheres e a diferença entre os sexos no que tange à experiência, à educação e aos valores. Ao amor romântico que supõe a escolha de um único parceiro e se baseia muito mais no envolvimento emocional, Giddens contrapõe o "amor confluyente" que ao invés da busca da "pessoa especial" leva em conta o "relacionamento especial", que "não é necessariamente monogâmico, no sentido de exclusividade sexual", mas contempla o sentimento de confiança. No amor confluyente a exclusividade, a monogamia, só existem na medida em que os parceiros a desejem, isto é, o amor confluyente contempla a participação de outros parceiros num tipo de relacionamento pluri-conjugal, se é que podemos denominá-lo desta forma. (GIDDENS, 1993, p.73-74)

Michel Bozon (2004) trata deste tema apresentando também as diferenças entre o relacionamento amoroso tradicional e o contemporâneo em termos dos compromissos e expectativas pessoais em processo de transformação. O casamento por amor foi substituído pelo "juntos por amor" (IBIDEM, p.48) o que resultou numa diminuição dos casamentos oficializados, e da sua duração, em virtude do aumento da frequência daqueles que terminam em divórcio. Segundo o autor mudaram também as posições dos parceiros diante da conjugalidade, e da decisão de ter filhos. Muitos casais já coabitaram e tiveram filhos antes de decidir pela formalização do casamento, outros decidem manter a coabitação e ter filhos sem nunca desejarem formalização de qualquer espécie. Quanto à posição dos parceiros diante um do outro, ele coloca:

O que distingue o casal contemporâneo não é apenas a referência ao sentimento amoroso, mas também a importância crescente que nele possam ocupar – frente a um domínio conjugal em relativo declínio – os domínios e interesses individuais dos cônjuges, além do inédito papel assumido pela sexualidade para constituir e, depois, manter a relação conjugal.[...] A sexualidade, que antes era um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência do casal, formando a linguagem básica do relacionamento. Passou-se de uma definição institucional do casal a uma definição subjetiva e intersubjetiva, que coloca a relação sexual em primeiro plano (BOZON, 2004, p.48-49).

Estas modificações na relação com o outro estão ligadas a um novo posicionamento de cada sujeito em relação à própria sexualidade, configurando o que o autor denomina de "orientações íntimas". (IBIDEM, p.134)

Esses tipos de orientação íntima constituem verdadeiros quadros mentais, que delimitam o exercício da sexualidade, definem o sentido que lhe é atribuído e indicam o papel representado por ela na construção de si mesmo.(IDEM, 2004, p.134)

3.2 ... em tempos de Internet

A sexualidade plástica, o relacionamento puro, o amor confluyente, (GIDDENS, 1993) assim como o conceito de orientação íntima, (BOZON,2004) se aplicam bem ao tipo de relacionamentos que encontramos no ambiente virtual. Nos sites de encontros e namoros cada um pode relacionar-se simultaneamente com um sem número de pessoas, limitado apenas pela capacidade de resistência e habilidade dos usuários. Os parceiros podem encontrar-se no ambiente virtual e depois no ambiente da realidade ou manter o relacionamento, por meses a fio, apenas pela Internet, até que ambos ou um dos parceiros decida encerrar a relação, quiçá só então, encontrar-se face a face. Relatando suas experiências nos sites de encontros e namoros, Alice Sampaio diz:

[...] mas aprendi a primeira lição do internauta: quando a pessoa resolve desaparecer, não há David Copperfield que faça a mágica de trazê-la de volta. Você escreve, escreve e simplesmente não obtém resposta.[...] Talvez não exista frustração internáutica maior que essa. O endereço eletrônico, descobri, não é um "endereço" de verdade: é etéreo, quase invisível. E ainda pode ser bloqueado por seu dono. (SAMPAIO, 2002, p.15-16)

Após um primeiro encontro no ambiente da realidade pode haver continuidade, conforme as expectativas em relação ao parceiro vierem a cumprir-se ou não. O encontro na realidade é um momento bastante esperado mas também delicado pois que a possibilidade de idealizações e

fantasias vê-se muito reduzida, pois podem cair por terra as expectativas geradas *online*. Na aproximação face a face, no diálogo espontâneo, não é possível deletar a frase já escrita antes de clicar em "enviar"; não é possível mandar carinhas divertidas, imitando expressões faciais de alegria, surpresa ou tristeza. Se há desejo ele se revela e se há decepção, idem. A frase é dita, o lapso cometido. Há que se haver consigo mesmo na presença do outro, na medida em que este outro reage aos nossos atos confirmando ou não as representações sobre nossa auto-imagem, e vice-versa. (GOFFMAN, 1993)

Para aqueles que desejam experiências passageiras, a Internet representa uma ferramenta adequada já que é possível relacionar-se com várias pessoas e às vezes até com as mesmas com quem já se teve contato anterior, neste caso, mudando-se o apelido e o perfil (incluindo-se aí a identidade sexual), sem que o outro saiba que está falando com quem já "conhece", num jogo contínuo que recomeça a cada vez.

As pessoas, para o bem e para o mal, transformam-se em personagens, simulam identidades, adotam traços de personalidade conforme a conjuntura. O jogo de sedução pode ser recomeçado quantas vezes se desejar, com um novo personagem, uma nova imagem e um novo jogo argumentativo. (SEMERENE, 1999, p.32).

Efemeridade, sedução, jogo, velocidade, multiplicidade, em todos os aspectos da vida humana que incluem o relacionamento amoroso e também o sexual, articulados entre si, ou não. O momento atual caracteriza-se por um desenvolvimento alucinante da ciência e da tecnologia, com a promessa sempre reiterada de que o desconhecido, o até agora inexplicável, deixará de sê-lo, e isto, pela via do conhecimento científico, real, racional. Mais ainda, demonstrável pela técnica, realizável operacionalmente, incluindo-se aí o corpo e o comportamento humanos, seja na esfera individual ou social. Marilena Chauí (1990) desenvolve este tema tomando as mutações do pensamento humano pela via do desejo. Não mais haverá lugar para a incerteza, e a dúvida

durará o espaço de tempo necessário para acessarmos, com um "clique", a resposta advinda de um meio, paradoxalmente, virtual, impalpável.

Esta produção pantagruélica de informações, sobre tudo e sobre todos, torna-se indigesta sem que se tenha sequer tempo para percebê-la. Herbert Simon (2001), com seu trabalho sobre os limites da racionalidade humana ao lidar com quantidades imensas de informação, analisa, numa entrevista concedida a Jorge Rodrigues, em 2001:

Mais comunicação nem sempre é melhor. Nada na 'Revolução da Informação' – mais uma 'buzzword' – muda o número de horas disponíveis para o exercício da atenção humana durante o dia. Um bom desenho organizacional deve equilibrar as vantagens da transmissão da informação com os limites temporais que cada um de nós tem para absorver informação. O resto é discurso. (SIMON, 2001)¹²

As relações amorosas mediadas pela Web, parecem seguir o mesmo modelo criticado por Simon, na gestão organizacional. Zygmunt Bauman (2004) nos mostra isso em "Amor líquido – sobre a fragilidade das relações humanas". Neste trabalho ele fala não só da fluidez das relações, como da busca da satisfação imediata e da insuportabilidade da espera. Aponta que o medo do compromisso, implicado nas relações estáveis e duradouras, é um dos motivos que leva os indivíduos a lançarem-se neste verdadeiro *trottoir* telemático e denuncia que por trás da promessa de maiores possibilidades de encontros, o que existe é a dificuldade de sustentar as diferenças.

Acerca do impacto que a relação virtual poderá exercer sobre a estrutura social, Aaron Ben-Ze'ev (2004) , diz que haverá um "relaxamento das normas sociais e morais; esse processo não deveria ser considerado uma ameaça, pois não são as modificações *online* que põem em perigo os relacionamentos românticos, mas nossa falta de habilidade para nos adaptarmos a elas". Além disso, em seu estudo sobre as relações amorosas *online*, ele cunha um novo termo, "cybering", e considera que este tipo de interação facilita a realização do "ciberadultério" e da

¹² RODRIGUES, Jorge N. Mais comunicação nem sempre é melhor. Disponível em: <<http://www.janelanaweb.com.br>>. Acesso em: 20 set 2004.

"ciberinfidelidade", tornando ainda mais comuns e aceitáveis as relações extraconjugais. Todavia acredita que este tipo de relação que ele considera positiva sob vários aspectos, (o que já não ocorre em Bauman) não chegará a substituir completamente os relacionamentos reais.

A formação tradicional da família, a exemplo dos relacionamentos amorosos e/ou sexuais, também passou por mudanças neste último século e hoje toma diversos aspectos, quais sejam: famílias compostas pela mulher e seus filhos, sem a presença de um cônjuge varão; famílias recompostas onde homem e mulher provêm de uniões anteriores e trazem seus filhos para esta nova composição, com a eventual geração de um filho desta união; homens que ficam com a tutela dos filhos após a separação de um casamento anterior. Temos ainda a formação de famílias onde homem ou mulher solteiros adotam crianças ou geram filhos biológicos mediante reprodução assistida, mas neste último caso, deve haver coabitação, não necessariamente formalizada em casamento. Isto é o que diz a lei e não obrigatoriamente a prática. Ela é realizada (em alguns países) entre casais de homossexuais, seja entre homens, seja entre mulheres, e utilizada também por pessoas solteiras (TAMANINI, 2003). Finalmente, existem aqueles que buscam um parceiro eventual, com o único objetivo de procriação, resultando no que se apelidou de "produção independente". A sociologia da família não é objeto deste estudo por questões de exequibilidade mas como a constituição de uma família é uma das opções de quem busca um relacionamento, houvemos por bem colocar resumidamente algumas das possíveis configurações familiares contemporâneas. Se ela será influenciada ou não pelas relações de sociabilidade estabelecidas pela Internet, é tema para uma outra pesquisa.

O próximo capítulo traz o relato das experiências da utilização dos sites de encontros e a análise do que os entrevistados trouxeram não só em termos de relato, mas de representações, sentidos que elaboraram sobre a sociabilidade amorosa encontrada pela mediação eletrônica.

EXPERIÊNCIA DO RELACIONAMENTO AMOROSO NOS SITES DE ENCONTROS E NAMOROS

Apresentamos, neste capítulo, a análise das representações trazidas pelos nossos entrevistados, acerca de suas experiências com os sites de relacionamento amoroso.

Buscamos descobrir nestas representações o que elas revelam sobre o amor, a tecnologia e as relações de gênero que se constituem nas categorias – chave de nossa reflexão. Todavia estas categorias não são estanques, pois a experiência dos indivíduos implica em diferentes dimensões e representações que se imbricam. Podemos usar como exemplo desta imbricação a pergunta sobre real/virtual, em situação de entrevista, que contempla em seu bojo elementos do anonimato e uso construtivo e deletério do recurso virtual referentes à categoria Tecnologia. A mesma questão implica as categorias Amor e Gênero dado que nela estão inseridos também os elementos da confiança e expectativa em relação ao outro. Trata-se de uma medida que visa uma melhor organização para entendimento do trabalho e não uma dissociação dos temas tratados. Esta articulação será realizada após apresentarmos algumas reflexões sobre a situação da entrevista.

Dissemos em outra parte que no início das entrevistas havia um clima de artificialidade e dificuldade de fala. Era comum que o entrevistado hesitasse na resposta, ou se desculpasse quanto a possíveis inexatidões que não correspondessem à expectativa da pesquisadora, numa demonstração da preocupação com informações exatas e explicativas. Embora tenhamos assegurado aos entrevistados que não buscávamos definições, conceitos fundamentados teoricamente e solicitássemos que contassem a sua história, suas opiniões, idéias que construíram sobre sua experiência, ainda eram comuns comentários como "Não sei está certo, mas..." (G.H49) ou ainda "Veja, não sei se é isso que você precisa, é uma opinião minha, pode ser que não esteja correta." (A.M44). Aqui lembramos de Benjamin (1987) quando explica que a sabedoria bem

como a transmissão de uma vida construía-se pela narrativa oral das experiências do narrador. O autor analisa que a partir da modernidade a tradição oral foi desaparecendo e sendo substituída pela informação.(IBIDEM). As falas dos entrevistados denotam uma preocupação com a exatidão, com explicações racionalmente plausíveis, o que se pode explicar pelo fato de viverem numa época em que a objetividade, como demonstrou Weber (1972), apela a uma racionalização não só das condutas, como também de sua comunicação, o que se observou no caso da população pesquisada. Verificamos que, para nossos entrevistados, comunicar uma experiência como quem conta uma história, como lhes foi pedido, não foi tarefa fácil. Porém à medida que conseguiam desvencilhar-se dessa preocupação com a plausibilidade do que estava em pauta, a entrevista passou a ser revestida de um outro caráter, ou seja, de que, para alguns destes sujeitos, a própria entrevista trouxe oportunidades de reflexão, levando-os a pensar sobre si mesmos, suas ações e representações acerca de sua história e de suas experiências no campo amoroso. Constatamos isto por meio de comentários como: "Não tinha pensado nisso ainda"(G.H49) ou "É,...isto está servindo para eu me conhecer melhor" (A.M44); "Você vai me jogando perguntas e eu vou pensando mais coisas", ou ainda, "Está ficando interessante isto aqui [a entrevista] " e "Mas então porque será que eu fiz tal coisa?". (C.H.28).

Numa outra direção podemos também pensar que o titubeio, a atitude receosa, possa estar ligada às questões sobre o saber, (FOUCAULT, 2006) pois afinal, há em curso uma produção de saberes sobre o amor, a sexualidade, o sentir falta de alguém, que se refere ao próprio indivíduo que fala. Estes, como nos revelou o autor, eram assuntos tabu, tratados sob reservas e ressalvas, mas nunca deixados de lado. Por este motivo, os entrevistados poderiam estar receosos quanto a falar de si, sentindo medo de um possível julgamento por parte da entrevistadora.

A oportunidade para reflexão ocorreu de modo não intencional mas podemos acreditar que ela também foi responsável pela superação do sentimento de artificialidade e da preocupação

com definições pré-estabelecidas, proporcionando uma maior exposição dos entrevistados ao longo da entrevista.

Consideradas essas questões o primeiro ponto, sobre o qual desejamos trabalhar a partir do conteúdo das entrevistas, refere-se à experiência com a tecnologia

4.1 Tecnologia

4.1.1 Internet, sociabilidade e mercado

Entrevistamos 21 pessoas que utilizam a tecnologia com fins de sociabilidade e, se estas pessoas recorreram à tecnologia foi, obviamente e em primeiro lugar, porque o recurso existe. Isto fica mais claro quando nos lembramos dos relatos dos entrevistados, dizendo que a tecnologia é mais um recurso na busca de parceiros, além daqueles tradicionais, como freqüência a bares, restaurantes, entre outros. Trata-se de um instrumento criado socialmente e integrado não só às práticas institucionais, como individuais e/ou coletivas, marcando presença quotidianamente na vida das pessoas, seja no ambiente doméstico, de trabalho ou de convívio social. Pudemos observá-lo quando nossos entrevistados listaram uma série de outros usos além da sociabilidade amorosa, tais como: transações bancárias, utilização para pesquisa, comunicação com familiares distantes, busca de informações gerais, entretenimento, bem como o uso como ferramenta de trabalho. Deste modo verificamos que a tecnologia eletrônica permite uma série de possibilidades de uso. Também observamos que a partir de sua criação e modificação pelo uso social, ela foi gerando outras demandas num círculo de influências recíprocas entre a necessidade dos indivíduos e a construção de novos recursos que as atendessem. Nosso estudo revelou que dentro das expectativas dos sujeitos está aquela que se traduz pelo desejo de convívio social e

afetivo, seja na esfera familiar, de amizade ou amorosa. O sistema econômico que construímos, o capitalismo, não deixou de enxergar mais um filão mercadológico ao criar os sites de namoros que associavam esta necessidade de trocas sociais com a possibilidade de lucro (CASTELLS, 2003). Assim a tecnologia vem para oferecer o parceiro, as emoções, para aquele que ainda não os possui. Baudrillard (1995) explica que numa sociedade de consumo, esta se coloca diante do indivíduo como aquela mãe provedora de tudo o que falta aos sujeitos, incluindo elementos simbólicos como o laço social, os sentimentos, antes tidos como dons, agora metamorfoseados em bens. Este fato demonstra uma influência recíproca entre tecnologia, sociabilidade amorosa e mercado, tornando-se difícil determinar onde começa um e outro. Não se trata de uma relação de interdependência, posto que cada um destes elementos independe do outro para seu funcionamento mas a conjuntura atual propiciou um intercâmbio entre eles de modo a influenciarem-se reciprocamente e é o que estamos chamando também de imbricação entre tecnologia e sociabilidade amorosa, aqui associadas à lógica capitalista.

A manutenção dos sites em termos de *layout* e navegabilidade, ampliou ainda mais a movimentação mercadológica acarretando a emergência de novas profissões, como os *webdesigners*, e de novas empresas, (CASTELLS, 2003) como a *Usability*, cujo objetivo é eliminar tanto quanto possível o dispêndio de esforço intelectual e de tempo, para o usuário, no manuseio ou usabilidade do recurso. Isto tem como corolário que o internauta não desista da utilização do recurso e obtenha-se sua "fidelização" àquele site. Neste ponto gostaríamos de lembrar a análise de Adorno (1985) a respeito de que a racionalidade técnica constituiria uma forma de dominação pois prevê todas as reações necessárias para sua utilização, com a finalidade de que o indivíduo não tenha a necessidade de apelar a qualquer raciocínio próprio, ou análise crítica. Contudo esta seria uma dominação da qual o sujeito não se apercebe, porque sua atenção está voltada para a consecução do objetivo de busca de um parceiro. Porém o indivíduo acaba

contribuindo para seu próprio processo de dominação e controle, num exemplo da relação entre dominantes e dominados postulada por Bourdieu (2001) quando analisa a violência e o poder simbólicos. Isto se dá quando os sites enviam um formulário pelo qual o internauta faz críticas, sugestões e opina sobre a navegabilidade do site. As informações fornecidas nestes formulários servem, aparentemente, para facilitar a vida do usuário mas aquilo que não aparece reside no fato de se estar incrementando as páginas do site, no sentido de eximir o usuário de gastar tempo e esforço para utilizar o raciocínio lógico e crítico. O exemplo mais cabal deste tipo de estratégia pode ser encontrado nas seções de suporte técnico e ajuda, dentro dos sites, que já trazem inclusive as possíveis perguntas que o usuário poderia elaborar antecipando-se até mesmo ao que ele ainda não tenha pensado. Estas seções também são construídas com base em pesquisas anteriores sobre a utilização da ferramenta. Os sites de encontros e namoros trazem estas mesmas características que são encontráveis em qualquer outro site na Web.

4.1.2 Tecnologia e suas possibilidades: do lúdico às amizades; sociabilidades.

A fim de descobrirmos o que a tecnologia permite, suas possibilidades, formulamos a pergunta sobre quais foram os motivos que levaram as pessoas a dirigirem-se à Internet, com a finalidade de estabelecer laços sociais. As diversas razões levantadas deram-nos uma idéia não só do que estes usuários queriam, como também que possibilidades vislumbravam ao utilizarem este recurso.

Verificamos que dentre os 21 entrevistados, 8 deles, estabeleceram relacionamentos amorosos a partir da tecnologia. Quatro deles encontraram seus parceiros, por acaso, enquanto conversavam em chats e acabaram por interessar-se um pelo outro para além do relacionamento de amizade que se instaurou no início das conversas. Os outros quatro entrevistados encontraram

seus parceiros dentro dos sites de encontros e namoros. Isto significa que nestes casos a tecnologia permitiu efetivamente o estabelecimento da sociabilidade amorosa. Já o restante dos 12 entrevistados encontrava-se, no momento da entrevista, sem nenhum relacionamento em curso. Destes, alguns já não utilizavam os sites de encontros e namoros porque depois de conhecer o recurso avaliaram que ele não condizia com suas expectativas e valores, como relatou G.H49. Entre os demais, a justificativa se dava por motivos tais como: "foi uma brincadeira"(C.M39), ou "foi por curiosidade"(L.M46), ou ainda, "amigos me indicaram e resolvi tentar"(M.M47), "foram meus amigos que me inscreveram e aí resolvi ver do que se tratava.(H.H55)". Estas razões nos permitem dizer que a tecnologia voltada à sociabilidade amorosa pode ser utilizada tanto com um objetivo lúdico, uma brincadeira, quanto por exploração de novas possibilidades no campo amoroso, ou ainda apenas pela curiosidade em relação a alguma "coisa" nova de que se teve notícia. Utilizá-la ou não para os fins, não está determinado *a priori*. Enxergamos nisso a emergência do homo ludens (HUIZINGA, 1943), o jogo pelo jogo, a exploração do mundo e sua miríade de possibilidades, pela curiosidade.

Há ainda algumas alternativas que examinamos quanto aqueles que responderam que entraram nos sites apenas por curiosidade. Tentamos entender o porquê alguém investiria tempo (já demonstramos que navegar nestes sites demanda um bom pedaço de paciência e tempo), dinheiro, e ansiedade, para chegar em casa e ver sua caixa de e-mails, por pura curiosidade. Um dos entrevistados, que entrou por curiosidade porque os amigos o inscreveram, (H.H55) deixa o computador ligado o tempo todo (só desliga quando vai dormir, à noite) sempre em sua página do Messenger, que avisa constantemente quem são os contatos que estão online, se alguém saiu ou acabou de entrar, ou ainda se a caixa de entrada recebeu alguma nova mensagem. Uma mulher (M.M47) utiliza o mesmo expediente. Estas duas pessoas passam muito tempo sozinhas em casa (o primeiro está aposentado e a segunda desenvolve seu trabalho em casa) e o computador é uma

forma de "[...] ligação com o mundo lá fora. Às vezes pode aparecer alguém querendo conversar e daí eu tenho companhia."(M.M47), numa demonstração de que a tecnologia pode possibilitar a sensação de que não se está tão só assim. Nesta direção observamos a presença do sentimento de isolamento do indivíduo contemporâneo (BAUMAN, 2004; LIPOVETSKY, 1989; VIRILIO, 1999) e, embora a tecnologia não seja sua causa, comparece como seu efeito, reforçando-o, pois se ambos os entrevistados desejassem a companhia de alguém, teriam de buscá-la de outra forma; seja por telefone, também aqui a tecnologia, mas com outras características como já discutimos, ou seja presencialmente.

Outra entrevistada, (A.M44), diz: "Eu abro todos os dias, vejo se tem mensagem pr'á mim, vejo quem viu o meu perfil...". E mais adiante, a mesma pessoa responde: "Puxa, é, será que eu tô tão incompetente que eu não consigo achar ninguém por minha conta? [...] eu acho assim, que muita gente deve sentir vergonha."(A.M44). Note-se que o comentário dela, é muito parecido com o de um dos entrevistados que respondem à nossa questão sobre a dificuldade para os homens falarem sobre o assunto mas que neste ponto em particular, ou seja, admitir que se busca um parceiro, parece afetar também as mulheres. Falar sobre a subjetividade, de modo genérico, é uma coisa. Mas admitir uma carência, de modo preciso, parece que é outra e aí, também as mulheres são afetadas pois que fazem parte da mesma sociedade que impõe, a todos, a lógica do consumo como determinante de felicidade que se traduz pelo ter tudo, ausência de qualquer falta. (BAUDRILLARD, 1995). Se inicialmente a tecnologia, no caso desta entrevistada, comparece como possibilidade para encontrar aquilo de que sente falta, num segundo momento, acaba tornando-se motivo de vergonha. Parece então, também, tratar-se de uma questão de competência. Procurar por algo, é não tê-lo, e usar um intermediário para isso seria assinar um atestado de incompetência. É nesta conjuntura que a fala de nossa entrevistada adquire sentido

quanto ao fato de ser vergonhoso recorrer à Internet e admitir que se está em busca de um parceiro, ou que não se tem tudo.

Apenas um homem de 50 anos, e uma mulher de 52 anos, (não se trata de um casal) responderam, de pronto, que estavam buscando um relacionamento amoroso porque desejavam reconstituir uma família. Já haviam tido um casamento anterior, tiveram filhos e não queriam ficar sós, após a separação do primeiro cônjuge. Uma outra resposta foi a de uma mulher que se inscreveu simultaneamente em três sites de encontros e namoros e deu como seguinte motivo: "Prá ver até que ponto eu conseguia chamar a atenção de alguém."(C.M39). Um dos homens, (R.H28) procurou os sites para "esquecer uma antiga namorada"(sic). No caso daqueles que puderam responder prontamente sobre o desejo de compartilhar a vida com alguém, assim como o rapaz que queria buscar outra pessoa para esquecer a antiga namorada, observamos que as transformações da intimidade (GIDDENS, 1993) são vistas como fato inerente ao modo de avaliar os acontecimentos e conduzir-se em direção ao que lhes desperta o interesse. Para estes entrevistados, o que conta, é encontrar um parceiro não importando que isto ocorra na realidade física ou virtual.

A mulher que responde dizendo que queria ver se conseguia chamar a atenção de alguém, remete-nos a Goffman (1983) e às representações do eu diante do outro. A tecnologia aqui permite que o recurso seja usado pelo indivíduo para falar de si, dar-se a conhecer, atrair o olhar do outro, causar-lhe impressões e sugerir trocas ou não. Ainda podemos pensar que, se é para chamar a atenção, há um quantum de satisfação já desde aí, só pelo fato de que ela tenha recebido visitas ao seu perfil. Neste ponto podemos ver o indivíduo que instrumentaliza a relação com o outro para auferir seu bem estar, mas sem que o outro seja prejudicado, como Giddens (1993) revela. Isto é possibilitado pelo fato de que nossa entrevistada não precisa necessariamente entrar

em contato com quem visita seu perfil. O contato, seja por que meio for, poderia levantar expectativas e produzir reações no outro o que não ocorre se não houver aproximação alguma.

Os chats são mais valorizados pelos homens jovens em virtude da instantaneidade da conversa. Segundo os entrevistados, em uma pergunta você tem uma série de informações que levaria muito mais tempo para obter se tivesse que ler um perfil, ou trocar mensagens por e-mail. Verificamos aqui a busca pela velocidade, a pressa em obter resultados, característica da atualidade e que nos foi demonstrada por Baudrillard (1995) e Bauman (2004). Um deles disse que o chat exige uma maior habilidade para o imprevisto e, conseqüentemente para a conquista, já que não se tem muito tempo hábil para reflexão, elaboração e correções do que se diz ou escreve. "É ali, é na hora! Não dá tempo para ficar montando perfil, refletindo sobre o que vai colocar, ou sobre qual é a impressão que se quer causar no outro. O site de namoros permite a criação de máscaras e o chat, não" (R.H28).

Contudo na opinião deste mesmo entrevistado, único a trazer este tipo de observação, exatamente por essas características o site de encontros proporcionaria maior chance de se obter sucesso na busca pois ele é todo preparado para a consecução deste objetivo.

Estes entrevistados entraram nos sites e oito encontraram neles seus atuais maridos e mulheres, pois: "Depende de você saber escolher, tem que ter critério, pois afinal, na vida de modo geral, encontramos tanto pessoas boas, quanto não boas, bem intencionadas ou não."(S.M52). Esta justificativa nos leva ao encontro das questões sobre o indivíduo contemporâneo, (LIPOVETSKY, 2005; BAUMAN, 1999, 2004; GIDDENS, 1993) discutidas no capítulo sobre tecnologia e sociabilidade. Este indivíduo que tenta fechar-se para o olhar do outro social, e busca encontrar em si mesmo, instrumentos para lidar com o que aparece como preconceito ou ambivalência. Podemos aduzir também a isso, a expectativa de reduzir o tempo e o esforço na busca de um parceiro, o que também caracteriza a contemporaneidade: velocidade e

menor dispêndio de energia, como relata (N.M40) "Aquela coisa de você não ter que sair, se deslocar[...]. Então é uma coisa assim de comodismo eu acho". Encontrar pessoas com menor dispêndio de tempo e esforço é uma das promessas que encontramos nas páginas dos sites de encontros e namoros, como pudemos observar quando de nossa inscrição num deles.

Embora não fosse um dos objetivos do trabalho pesquisarmos os relacionamentos dirigidos às amizades, incluímos no roteiro da entrevista uma questão sobre a sociabilidade em geral, ou seja, sobre amizades que a Internet possa proporcionar. Tínhamos o intuito de ampliar a questão da sociabilidade neste ambiente e, caso estes laços fossem estabelecidos, se teriam a mesma dimensão qualitativa daqueles fundados no ambiente da realidade. Perguntamos se a Internet poderia ampliar o círculo social das pessoas, se isso havia ocorrido com o entrevistado, se este relacionamento havia sido levado para a realidade física e, finalmente, se ele tinha as mesmas características qualitativas do que os laços de amizade originados no ambiente da realidade, numa comparação entre os dois tipos de laços. Obtivemos que, na população estudada, as amizades estabelecidas pela Internet, não se mantêm da mesma forma que aquelas originadas no ambiente da realidade e nem guardam a mesma implicação pessoal de afeto, ou de esforço para manutenção do laço que as amizades feitas no ambiente físico, mesmo que tenham sido levadas para a realidade física. O tipo de relacionamento que ocorre mais freqüentemente é o da manutenção do laço no ambiente virtual, com a troca ocasional e esporádica de e-mails e mensagens entre as pessoas. O modo como se referem a essas amizades, dá a entender que seria mais um, na lista de contatos, a quem repassar mensagens ou correntes: "Lá uma vez ou outra ela manda uma mensagem, um anexo, e eu reencaminho outro" (G.H49). "Às vezes a gente se encontra no MSN, e aí...'como vai? Tudo bem?' e pronto" (C.H28). Uma de nossas entrevistadas (G.M50) relatou que fazia parte de uma comunidade virtual, que se encontrava sempre num mesmo chat. Conta que "rolava um papo legal" (sic) e havia até a instauração de uma sensação de

solidariedade quando uma das mulheres que freqüentava o chat passou por uma difícil situação pessoal e acabou partilhando-a com as pessoas que compunham esta comunidade. Nossa entrevistada relata que houve uma série de comentários de incentivo e de motivação dirigidos àquela mulher, como numa amizade estabelecida no ambiente da realidade física. Esta comunidade era composta por pessoas de várias partes do nosso país. Nunca chegaram a encontrar-se no ambiente da realidade e a comunidade, inexplicavelmente (segundo nossa entrevistada) saiu do ar, sem mais nem menos. "Um dia, não tinha mais ninguém lá. E eu não sei o que aconteceu." (G.M50). Este último exemplo traz à baila a análise dos autores que apontam o fenômeno da desterritorialização que ocorre na Internet, (VIRILIO, 1999; BAUDRILLARD, 1999; LÉVY, 1999; CASTELLS, 2000) pelo qual pessoas de diferentes locais geográficos, podem se encontrar, trocar idéias, diferenças culturais e solidariedade, como apontou Nicolaci da Costa (2005 a). Ao mesmo tempo, são círculos sociais que podem esvaír-se sem a menor explicação deixando uma sensação de vazio e fragmentação dos laços (LIPOVETSKY, 1989; BAUMAN, 2004) que nossa entrevistada relatou quando perguntamos como se sentiu com a interrupção do grupo. No ambiente da realidade física, do mesmo modo, as amizades também podem esvaír-se e isto, segundo Bauman (2004) vem ocorrendo com freqüência cada vez maior, traduzindo-se como uma característica da contemporaneidade. Nossos entrevistados quando solicitados a fazer uma comparação entre sua vida social no ambiente físico e no ambiente virtual, comentam que mesmo na realidade física é difícil, na atualidade, manter uma amizade como "antigamente" (sic), o que eles descreviam como um relacionamento presencial mais freqüente, em que as pessoas se implicavam mais em visitar umas às outras, e que proporcionava um envolvimento afetivo entre os componentes do laço. Atribuem esta modificação ao fato de que quando sobra algum tempo para o lazer, preferem ficar em casa, seja por cansaço, seja por comodismo mesmo, como disse N.M40. Sobre as amizades que estabelecem no ambiente virtual,

colocam que elas são mais precárias ainda do que as da realidade, pois quando se mora em cidades distantes, o encontro pessoal fica muito mais difícil devido ao deslocamento e no que isto implica e, mesmo morando na mesma cidade, quando nunca se viu com quem se está conversando, na opinião deles: "como é que você vai gostar de alguém, ter envolvimento afetivo com quem nunca viu? É igual no site de namoro; enquanto não se conhece pessoalmente, a gente pode ficar curioso, mas se apaixonar, é outra história." (N.M40). Assim temos que as amizades estabelecidas tanto no ambiente virtual quanto no ambiente da realidade física têm em comum o fato de serem difíceis de se manter por muito tempo. Podemos dizer que fazer amizades é mais uma das possibilidades que a tecnologia permite porém aquelas que são passíveis de serem levadas para a realidade, havendo o encontro pessoal, têm maior chance de fundar um laço afetivo.

4.2 Gênero

4.2.1 Concepções sobre a expressão das emoções, intelectualidade e poder econômico

Relatamos anteriormente que tivemos dificuldades em obter a adesão dos homens para a entrevista. Diante disto reportamo-nos aos usuários do sexo masculino, já entrevistados, solicitando (via e-mail) que enviassem suas opiniões a respeito do porquê os homens são mais refratários a participar de uma pesquisa como esta. Aqui cabe um esclarecimento: optamos pela alternativa do envio de e-mail, porque estes homens já tinham colaborado em dispor de seu tempo, abrindo um espaço em seus compromissos para receber a pesquisadora. Consideramos que seria pouco razoável pedir-lhes novamente outro espaço em suas agendas para acrescentarmos mais uma pergunta. Assim, não se trata de que a utilização do e-mail atendessem a

uma crença de que a tecnologia proporcionaria maior exposição da expressão dos sentimentos das pessoas, (FUENTES ; CARRIÓN, 2007) posto que eles já haviam se colocado e seguiram o mesmo percurso que os demais entrevistados, ou seja, um certo titubeio no início da conversa e depois uma expressão mais livre. Suas respostas vieram de acordo com a idéia de que, para os homens, é mais difícil não só lidarem, como exporem questões a respeito de sua subjetividade.

Deixemos falar os próprios entrevistados.

Não gostam de se expor, parece que eles se assustam quando é preciso falar sobre suas experiências de relacionamento, perdem a espontaneidade [...] talvez receio da cobrança ou da presença [da pesquisadora] ou ainda preconceito de ter que usar um saite (sic) de relacionamento. (G. H49)

Talvez medo de se sentirem menos 'machos' perante os amigos????...a auto-estima fica em baixa se descobrirem que não foi uma conquista real, e sim através da ajuda de terceiros, como agências ou sites... Pura ignorância, nada mais...pois já se expuseram diante de um sites, mas o machismo fala mais alto (E. H50)

Será que não tem uma pontinha de 'machismo' nesta atitude? Se for revelada a procura destes sites a terceiros, acredito que irá ferir o orgulho de alguns homens que de certa forma se sentirão 'inferiorizados' [...] Deve-se ressaltar porém que isso acontece, na minha opinião, ainda mais quando alguns homens buscam parcerias amorosas nestes sites. (V. H28)

Entendo sua dificuldade em conseguir a confissão pessoal dos meus semelhantes...Participei de sua pesquisa somente para atender ao pedido da M. [esposa]. Talvez o gênero masculino tenha essa atitude comportamental em seu rol de diferenças (S.H45)

Robert Connell (1995, p.190) quando discute a internalização de uma identidade masculina, a partir de valores sociais ideais para a configuração da masculinidade refere que aos homens seria vedado deixarem-se influenciar pelas emoções: "A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, freqüentemente, a repressão de seus sentimentos." A evolução deste ideal através dos tempos mais recentes nos é relatada por Pedro Paulo de Oliveira (2002) quando fala da construção social da masculinidade em sua passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

A interação de dinâmicas sócio-formadoras [...] possibilitará, ou mesmo estimulará, através da introjeção de imperativos morais, a emergência da personalidade burguesa, caracterizada pelo autocontrole e pela contenção das violentas expressões emocionais, típicas da nobreza de espada. (OLIVEIRA, 2002, p.5)

Assim podemos verificar, na recusa de alguns homens que convidamos, desde o ponto de partida da pesquisa empírica, elementos tradicionais atuando mesmo fora da relação particular amorosa, pois que se tratava de uma relação profissional, entre uma pesquisadora do sexo feminino, que solicitava aos homens que falassem sobre seus sentimentos. Todavia os homens que participaram das entrevistas mostram uma diferença em relação aos demais dado que puderam deixar de tomar em conta que ter emoções e falar delas não representou uma ameaça à masculinidade. Dispuseram-se, ainda, a explicar e justificar a atitude dos que se negaram a participar da pesquisa. O relato deles deixa claro que os homens ainda estão presos a certos valores tradicionais o que não significa que todos, sem exceção, pensem da mesma maneira. Há diferenças entre eles assim como há diferenças entre as mulheres :

O homem não está inseguro porque as mulheres mudaram. Ele está inseguro porque a ordem simbólica binária (estruturalista) está sendo rompida e as mulheres (assim como eles) são diversas, ambíguas, não podem mais ser classificadas como burras, ou inteligentes ou capazes, incapazes, ou mandonas, ou machonas, em realidades estanques – isso faz com que eles não as reconheçam. Mas também com que não se reconheçam porque igualmente estão pluralizados. (TAMANINI, 2007)

Tamanini refere-se também à questão intelectual como interferente nas relações entre homens e mulheres e, em nossa pesquisa, pudemos verificar como nossos entrevistados lidam com a questão.

O grau de qualificação intelectual e cultural foi um dos elementos que tanto homens quanto mulheres citaram como relevantes na busca de um parceiro. Embora saibamos (TAMANINI, 2003) que em geral os homens brasileiros preferam mulheres com um grau cultural

inferior ao deles, pois segundo a autora o número de separações também é determinado pelo incremento da qualificação acadêmica das mulheres, pudemos verificar que em nossa amostra, os homens colocam como um valor positivo a paridade intelectual entre homens e mulheres. Pelo menos em dois dos casos entrevistados as mulheres tinham um grau acadêmico maior do que seus parceiros e ambos eram casais que se encontraram pela Internet. Mais do que isso, um desses casais encontra-se na faixa etária superior a 50 anos, portanto fora do que se espera quanto aos valores tradicionais sexistas no que se refere ao grau intelectual para esta faixa etária. Este assunto é abordado num artigo intitulado: "Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher?" (BORGES, 2005). Neste trabalho a pesquisadora mostra que ainda hoje, apesar das mudanças ocorridas com as mulheres no campo profissional, a inteligência e a formação cultural delas é vista, pelos homens, como desencorajadora do desejo por uma mulher e que por isso eles preferem aquelas com um grau de instrução inferior ao deles. A autora não relata nenhuma exceção a este fato e por este motivo nos referimos a estes dois casais entrevistados como pessoas que apresentam uma condição de exceção ao que se esperaria em relação ao modelo hegemônico. Os achados também trouxeram que dos outros casais formados pela intermediação da tecnologia, ambos, homem e mulher, tinham o mesmo grau acadêmico, ou seja, terceiro grau completo. Cabe aqui a constatação feita por uma entrevistada que aponta que os homens já conseguem aceitar, com menor resistência, uma mulher intelectual e profissionalmente bem situada, quiçá num grau até maior do que seu companheiro mas o que eles têm dificuldades para elaborar é a iniciativa das mulheres no campo da sexualidade, o que eles vêm tomando como competitividade.(A.M44).

Um outro elemento interveniente nas relações entre homens e mulheres, é o do *status* econômico de cada um. A renda financeira pouco variou entre as duas categorias tal como na questão da formação intelectual. Segundo Del Priore (2005) o poder econômico também conta como um quesito interferente nas relações entre homens e mulheres na figura do marido

provedor mas esta condição vem se modificando com a participação cada vez maior das mulheres na economia doméstica, quando não se tornam elas próprias, provedoras do sustento familiar. A diferença econômica entre os pares do casal conjugal também é um dos elementos que interferem na relação de amor e poder entre os gêneros. (LOBATO, 1997). Nossa pesquisa demonstrou que embora os homens ainda prefiram "pagar a conta do restaurante" (H.H55) o fato de a mulher ganhar mais do que o marido num dos casos estudados, não foi empecilho para que a conjugalidade se estabelecesse. Neste caso específico, a mulher tem uma receita acima de R\$3.000,00 e a do marido situa-se entre R\$1.000,00 e R\$3.000,00. Outro elemento que ainda permanece como reprodução das relações de gênero tradicionais, é o fato de que para os homens a beleza física precede a capacidade intelectual e as mulheres apresentam uma inversão desta preferência, ou seja, o físico conta, mas vem em segundo lugar, perante a capacidade intelectual e a confiança no parceiro. Estas questões são analisadas sob a ótica da valorização do feminino e do masculino, relacionadas à tecnologia, mais adiante.

4.2.2 Táticas e práticas de aproximação

Sobre os modos de aproximação e iniciativa em relação a alguém que despertasse interesse, algumas entrevistadas relataram uma visão preconceituosa por parte dos homens, a respeito das mulheres que eles encontram nos sites. Tratava-se de homens que se dirigiam às mulheres que encontram nestes sites como "fáceis", não sérias, ou seja, aquelas a quem se propõe o lugar de puro objeto de satisfação sexual, que faz com que elas sintam-se depreciadas, como por exemplo:

Se alguém quer falar comigo e o papo for legal, tudo bem. Por isso que nem sempre a gente conversa; porque a conversa é quase sempre a mesma: "É casada? Quantos aninhos? Você está aqui à procura do quê?" Sabe? Não é uma coisa, ou então: "Eu tenho Webcam, você quer fazer sexo por ... pela Internet?" Então, dependendo da abordagem, eu nem respondo e a maioria é assim. Difícil ter um papo-legal, mas tem. (M.M47)

Quatro delas relataram que foram abordadas por homens que propunham encontros sexuais virtuais, de modo velado ou explícito, iniciando já as conversas com perguntas do tipo "O quê você está vestindo? Você está de camisola?" (S.M52). Esta última entrevistada entrou nos sites, escondida do filho de 23 anos, que fazia críticas severas dizendo que esses sites "são lugares para programas, de gente que não é séria."(S.M52). Ela completa esta parte do relato dizendo que na sua opinião, esta visão sobre mulheres é mais característica dos homens brasileiros. Esta questão sobre uma "brasilidade masculina", é trazida tanto por Nolasco (2006), numa entrevista à jornalista Ciça Vallerio, quanto por Tânia Salem (2004) num estudo intitulado "Homem...já viu né?: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular". Estes dois autores revelam que o homem brasileiro segue as representações sobre masculinidade e feminilidade características dos homens latinos, que por sua vez, têm uma visão sexista mais fixada aos valores hegemônicos tradicionais da masculinidade. Embora se refira a homens da classe popular, a amostra da autora reúne também aqueles de classe média, que caracterizam a população deste nosso trabalho. Outra entrevistada (M.M52), casada oficialmente, tanto no âmbito civil quanto no religioso, com um homem que conheceu pelos sites de encontros mantém até hoje em segredo o fato de tê-lo conhecido pela Internet pois isso seria inaceitável para sua família, que acredita que a Internet seria um espaço para atitudes moralmente reprováveis. Segundo M.M52, informar a família sobre este fato, não iria mudar em nada sua decisão de casar-se com este homem. Trata-se para ela, de evitar situações de conflito dado que sua família é muito fixada a padrões de moralidade extremamente rígidos quanto ao que se espera do

comportamento de uma mulher ou o de um homem, e nada vai mudar estes valores. Encontramos em Del Priore (2005) uma análise pormenorizada deste tipo de moralidade, em especial no Brasil, quando a autora explica de que forma a "moça de família" devia comportar-se e que o caso de nossa entrevistada ilustra muito bem.

Ainda sobre a forma de abordagem dos homens em relação à mulheres, em nossa amostra, encontramos que os homens têm menos dificuldades em admitir que estão em busca de uma parceira e são mais diretos na busca. Nas palavras de E.H.50: "Eu estava divorciado e queria uma parceira. Não sou de ficar saindo pela noite. Então busquei os sites de namoros que proporcionam uma busca mais orientada mais dirigida para aquilo que eu queria." Este entrevistado era um homem extremamente objetivo em suas respostas; preciso e pragmático, estabelecia critérios muito claros e descartava ou escolhia os perfis segundo esses critérios, sem chegar a lê-los por inteiro, caso encontrasse alguma coisa que fugisse a eles. Este foi um motivo de queixa de algumas entrevistadas, dizendo que os homens são muito objetivos e mais ansiosos por quererem passar logo do site para o encontro na realidade. Elas, diferentemente, levam bem mais tempo tentando conhecer melhor a pessoa que está do outro lado da tela, prolongam tanto quanto podem as conversas seja pela Internet, seja por telefone, antes do encontro pessoal. Tanto podemos pensar numa reprodução da ordem tradicional no modo de agir de homens e de mulheres, ou seja, reproduzindo a ordem binária de valores para a feminilidade e masculinidade (BUTLER, 2003) quanto podemos pensar que no caso delas, esta medida representa uma proteção justamente pelas mudanças pelas quais as mulheres vêm passando, no sentido não só de tomar a iniciativa quanto de expor-se aos riscos que isto implica.

Quando perguntamos qual a intenção (relacionamento sério, relacionamento casual, amizade/diversão, sexo) que elas declararam em seus perfis, todas disseram que fizeram a escolha por 'relacionamento sério', embora nem sempre tivessem a intenção de fundar um compromisso.

Por que alguém que busca um recurso só por curiosidade e diversão optaria com exclusividade pela opção relacionamento sério?

Sabemos que uma das expressões utilizadas para designar estes sites é "vitrine virtual" e expor-se numa vitrine não deixa de ter contigüidade com a idéia de mulher aventureira, que se dispõe ao sexo sem compromisso ou vínculo, o que de acordo com a visão tradicional, é moralmente digno de reproche. Quando uma mulher não opta por "relacionamento sério", poderia estar sinalizando que não é séria. Uma delas relatou que um dos homens com quem conversava, dizia-lhe que não acreditava que ali fosse encontrar alguma mulher com quem pudesse realizar sua expectativa de um relacionamento amoroso e em seguida pergunta a ela o que foi que a levou a inscrever-se no site. Do mesmo modo, um dos rapazes entrevistados, (C.H28) refere-se às mulheres como sérias e não sérias; ou ainda contando que um amigo trata a noiva de modo mais respeitoso do que as moças que ele contacta pela Internet, estas últimas procuradas só para "dar uns pulinhos". Simmel (2002) quando analisa a aventura pode nos ser útil para entender que estas mulheres que se dirigem aos sites sem intenção precípua de um compromisso, podem estar procurando por diversão, fantasia, uma vivência avultada, e não aventureira no sentido estereotipado da mulher depreciada, que se oferece ao puro gozo masculino. Ao contrário disto, nosso entrevistado aqui reforça a idéia de reprodução da ordem patriarcal, no aspecto em que há as mulheres para casar e aquelas para dar uns pulinhos, segundo demonstra o estudo de Del Priore (2005).

Outra categoria de resposta, quanto às práticas nos sites, é trazida por um entrevistado que nos conta que nos chats são os homens que mais tomam a iniciativa de chamar uma mulher para a conversa. Já nos sites de encontros, na experiência deste homem, não existe esta diferença. Esta opinião é única. Nenhum dos demais entrevistados aludiu a ela, mas quando se considera que o chat reproduz a instantaneidade da conversa face a face, pode-se pensar que nele se

reproduzam alguns elementos tradicionais de gênero, nas quais a mulher espera que o homem tome a iniciativa. Já nos sites de encontros e namoros, percebemos que as mulheres tomam a iniciativa mas sempre pelo envio de e-mails. Nenhuma delas relatou que tomou a iniciativa de chamar alguém que estivesse *online* para o papo-direto. Quando isto ocorria, a abordagem era sempre feita pelo homem, mesmo que se tratasse de uma usuária pagante e tivesse o direito de tomar a iniciativa de chamar um homem para o papo-direto. Louro (1999) nos revela como a construção social do feminino e masculino pode determinar condutas e relações de poder entre homens e mulheres.

[...] Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram – e são – produtoras de "marcas. Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido "gravados" em suas histórias pessoais. (IBIDEM, p.25)

A modalidade de relação sexual virtual, ao modo do sexofone, que não chega a realizar-se no espaço da realidade, não foi relatada por nenhum dos entrevistados e só podemos considerá-la como uma possibilidade a mais. O fato de os entrevistados não terem tocado nesta questão – pelo menos como agentes desta modalidade a não ser no caso das mulheres, que foram tomadas como objetos de propostas deste tipo - poderia estar atendendo algumas condições socialmente sancionadas como a de preservar uma imagem moralizadora de si mesmo, diante da pesquisadora, ou ainda, obedecer à histórica dissociação entre amor e sexualidade, já que o tema proposto para a pesquisa trata do amor na Internet. Se se fala de amor, cai-se no ideal romântico no qual a nobreza dos sentimentos elevados deve sobrepor-se à paixão dos sentidos. (VEYNE, 1989; ROUGEMONT, 2003; DEL PRIORE, 2005). Aqui é digno notar a contradição que se coloca quando os usuários, como dissemos acima, impõem como condição essencial, a presença de fotografias nos perfis, revelando que a atração física, como projeção da sensualidade, conta de forma significativa.

4.3 Sociabilidade amorosa

4.3.1 Estado civil: configurações e concepções sobre os relacionamentos

Abordaremos agora o tópico sobre o estado civil dos entrevistados pelo qual descobrimos que esta circunstância tem uma interpretação específica atribuída pelas pessoas que participaram da pesquisa. Esta foi uma das questões que provocou maior grau de equívocos e explicações por parte dos entrevistados que mantêm um relacionamento em curso. Aqui vale uma nota: os entrevistados acima de 40 anos que têm parceiros, sejam casados oficialmente, ou não, já tiveram um casamento anterior. Nos três casos de entrevistados na faixa etária que vai de 28 a 40 anos, com relacionamentos em curso, oficializados ou não, a relação é de primeiras núpcias (se podemos chamar assim). Todos os entrevistados que encontraram parceiros pela Internet asseguram que não a utilizam mais com a finalidade de buscar relacionamentos. Utilizam-se dela para outros fins, como trabalho, transações bancárias, entre outras, numa demonstração do quanto a tecnologia já ocupa diversos espaços na vida quotidiana (CASTELLS, 2003; NICOLACI DA COSTA, 2005 a).

Os entrevistados que estão atualmente sem nenhum parceiro respondiam sobre o estado civil de maneira direta, inequívoca e que coincidia com a situação jurídica. Aqueles que encontraram seus maridos e mulheres na Internet, referiam-se aos seus relacionamentos definindo como se sentem e situam-se em relação ao parceiro, sem levar em conta, de modo rígido, as definições legais vigentes. Assim, quando se perguntava sobre o estado civil, respondiam com esta condição particularizada ou subjetiva. Um dos entrevistados cujo estado civil é o de solteiro e vive há cinco anos com uma moça em regime classificado como união estável, já que não existe união formal, definiu-se como casado sem o menor indício de dúvida, para depois esclarecer a situação em termos de oficialização. Num outro caso, o entrevistado ao invés de definir por uma

palavra apenas, disse: "moro com M, só não somos casados" (S.H45). Uma das mulheres solteiras (N.M40) diz que namora seu companheiro, há três anos (neste caso não há coabitação). Isto vem corroborar a idéia de que hoje as pessoas, em determinados âmbitos da vida pessoal, levam mais em conta suas condições subjetivas não só quanto à escolha do parceiro, como quanto ao modo de defini-la socialmente. Também é o que permite a configuração de diversos tipos de relacionamentos entre duas pessoas assim como a formação de famílias diferentes do modelo hegemônico tradicional. Heilborn (2004) refere-se a estas mudanças como resultado dos movimentos sociais que promoveram algumas transformações nas relações entre os gêneros mas também como consequência de um processo de "autonomização da sexualidade, característica generalizada das sociedades ocidentais do final do século XX [...]". (IBIDEM, p.10). Michel Bozon (2004), nesta mesma obra, dedica um capítulo a estudar de modo mais detalhado estas novas configurações onde coloca que elas são fruto da "passagem de uma sexualidade estruturada através de controles e disciplinas externas aos indivíduos a uma sexualidade organizada através de disciplinas internas" (IBIDEM, p. 119-120). Mais adiante ele utiliza as noções de "reflexividade e orientações íntimas" com o objetivo de explicar que na contemporaneidade os indivíduos, cada vez mais, tentam dar uma significação própria ao tipo de relação que vivem com o parceiro. Assim:

A nova normatividade sexual se apóia sobre controles internos, elaborados dentro das redes de amigos e confidentes ou diretamente na interação entre os parceiros, em seguida praticados e interiorizados pelos indivíduos. [...]. A atitude cada vez mais *reflexiva* que os atores adotam sobre suas condutas acarreta um aumento das demandas de significação e de interpretação dirigidas à atividade sexual. [...]. A diversificação contemporânea das trajetórias sexuais e conjugais se desenvolve paralelamente a uma diversificação das maneiras pelas quais os indivíduos atribuem um sentido à sexualidade e o inscrevem em sua biografia – o que chamamos de suas *orientações íntimas*. (IBIDEM, 2004; p. 137-138)

Os estudos citados acima deixam mais aclarado o motivo pelo qual a definição do estado civil, na população pesquisada, não corresponde necessariamente à categorização legal. Noutras

palavras esta é mais uma das transformações ocorridas nos costumes e formas de representá-los que os sujeitos podem expressar e que já faz parte das concepções sobre a intimidade, de nossos entrevistados.

4.3.2 Do amor em tempos de Internet: amor, sexualidade, gênero e tecnologia.

Se fosse preciso circunscrever em apenas uma palavra o que percebemos na experiência dos entrevistados, usaríamos o termo ambigüidade. Isto porque eles se debatem o tempo todo com uma experiência em relação ao amor, construída no ambiente físico - quando a Internet ainda não era usada como instrumento de busca de parceiros - calcada sobre determinados elementos simbólicos e imaginários elaborados para esta realidade. A tendência é transpô-la tal e qual para o ambiente virtual que, embora constitua uma outra realidade, já não é a mesma. Deste modo, há momentos em que eles dizem que não há diferença entre a experiência na realidade física e na virtual para logo depois concluírem que não existe correspondência unívoca ponto a ponto, de modo absoluto. Esta condição foi observada em nossa análise do campo empírico mas não a encontramos como tal nos autores citados. Poderíamos encaixá-la dentro das idéias de Bauman (1999) e Giddens (1993) quando eles se referem à ambivalência trazida pela modernidade, mas que nestas obras ainda não se referem à questão amorosa no ambiente virtual. Mesmo em seu livro "Amor Líquido", Bauman (2004) fazendo comparações entre o amor tradicional e o buscado no ambiente virtual, critica a velocidade e a efemeridade das relações virtuais mas não chega a abordar a questão pelo ângulo da ambigüidade entre a construção da experiência tradicional e aquela vivida no ambiente da virtualidade.

Observamos um esforço contínuo de apagamento de diferenças entre a realidade física e a realidade virtual quando os entrevistados diziam que o que ocorre na realidade física também se

encontra na virtual, o que vem ao encontro do pensamento de Lévy (1999); p. ex.: "Na Internet existe tudo. As mesmas pessoas que usam a Internet, usam [...] as mesmas pessoas que andam na rua também usam a Internet." (C.H28). Isto é verdade, mas até certo ponto, como já dissemos acima. Poderíamos atribuir esta tentativa a um mecanismo que nossos entrevistados constroem, e aqui há unanimidade, para tentar lidar com a ambigüidade que insiste em colocar-se diante deles. Costumavam utilizar o verbo 'conhecer' quando travavam contato com alguém no ambiente virtual e logo em seguida tinham que discriminar este 'conhecimento' num encontro pessoal ou virtual. Nesta mesma vertente, dentro da discussão sobre presença/não presença, realidade/virtualidade, amor de verdade/ amor virtual verificamos que, para a maioria dos entrevistados, virtual não significa irreal. Em outras palavras, apesar de existirem programas eletrônicos que simulam um usuário de carne e osso do outro lado e, por conta disso, os sites colocarem mecanismos de segurança para poderem reconhecer se quem responde é um ser humano ou um programa inteligente, nossos entrevistados não se colocam esta questão. Para eles, há uma pessoa do outro lado, e sua preocupação reside em saber se ela está ou não dizendo a verdade sobre si mesma. Um homem disse que ao pedir uma fotografia de uma moça, fê-lo do seguinte modo: "Mande uma foto, mas não daquelas da tua primeira comunhão e nem do baile de debutantes" (H. H55). Já lhe tinha acontecido de 'conhecer' uma mulher pela fotografia do site, e, ao encontrá-la pessoalmente, topar com uma pessoa "parecida com a da foto, mas já bem retocada" (H.H55). Quanto a questão da sinceridade, da honestidade daquilo que se diz ou escreve nos sites, tanto os homens quanto as mulheres demonstraram a mesma preocupação porque como eles definiram, o amor implica fundamentalmente em confiança, como veremos adiante.

Os entrevistados da faixa etária acima dos quarenta anos não se referem à utilização da Internet como algo positivo quanto à criação de fantasias e personagens. (NICOLACI DA

COSTA, 2005 a). Ao contrário, estão preocupados com o fato de que se pode confundir fantasia, com mentira e má-fé. Todos estes foram categóricos em dizer que se descrevem com sinceridade e não mentem em seus perfis. Afinal de contas, o objetivo é chegar ao encontro pessoal. Utilizam os apelidos por medida de segurança e omitem aquilo que acreditam que pode colocá-los em risco. Mas não mentem pois supõem – ou pelo menos assim o desejam – que sejam tratados da mesma forma pela pessoa com quem estejam conversando do outro lado. Apenas um dos entrevistados, na faixa etária abaixo de 30 anos, vê a possibilidade da criação de outras identidades, no sentido de papéis diferentes que se pode criar para fugir do que se coloca como regramento social, que veremos no próximo tópico, logo abaixo.

Observamos que os sujeitos não questionam a realidade tangível do outro no momento em que fazem os primeiros contatos, e mantêm a conversação mas na hora de mandar embora, de "dar um del" como se diz na gíria ou, mais academicamente, interromper a relação, o outro perde massa corpórea, materialidade, sentimentos e se esvai. Foi unânime a resposta de que dar um fora na Internet é muito mais fácil, menos carregado de culpa do que na realidade física, conforme Bauman (2004, p.13) "os relacionamentos virtuais parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear". Para nossos entrevistados: "O que tem de diferente na Internet é o botão de desligar, né?...você talvez não tenha a mesma imputabilidade, [...]. Se eu dou com os burros n'água eu bloqueio a pessoa e na próxima conversa eu não vou ter esse peso. Com o tempo, a outra pessoa esquece e pronto." (C.H28). Uma moça refere-se a isso de forma pouco diferente: "Ah, logo ele encontra outra, tem tanta gente aí nessa rede..!"(S.M26). Verificamos que na hora de interromper um relacionamento nossos entrevistados não levam em conta de que podem ter, de fato, provocado um sentimento significativo no outro e revelam que neste ponto especificamente não há ambigüidade e a diferença entre a realidade do ambiente físico e a realidade virtual é bem-vinda.

O anonimato participa daquela ambigüidade de que já falamos. Ele ao mesmo tempo ameaça e protege. É uma proteção no sentido de que impede que o outro, mal ou bem intencionado, tenha acesso direto ao usuário, começando pelo uso de apelidos e não do próprio nome de quem está utilizando o recurso. Este fator é unanimidade entre os usuários entrevistados. Assim, proteção e desproteção parecem estar muito próximos, donde a sensação de ameaça. Esta condição é propiciada pela compressão espaço-tempo, pela negação do impossível, pela multiplicação de estímulos e informação afetando a capacidade crítica do indivíduo, que são próprios do mundo contemporâneo e que discutimos quando falávamos sobre a tecnologia e sociabilidade (BAUDRILLARD, 1999; LEBRUN, 2004; VIRILIO, 1999). Ao mesmo tempo, um único de nossos entrevistados, fez uma articulação desta característica do anonimato associada à possibilidade da criação de uma identidade, segundo ele, mais verdadeira, além de permitir coisas que na realidade física as pessoas não se permitiriam em virtude do comprometimento que a relação face a face propicia, e das regras sociais colocadas de modo explícito. O encontro face a face supõe uma condição de controle da situação (GOFFMAN, 1985) e é isto que escapa na realidade virtual:

Você não fala algumas coisas ao vivo na primeira conversa, que você fala na Internet [...] Você pode inventar muita coisa, viver outros papéis. Aqui fora não. Eu não posso ser eu, fazer tudo aquilo que eu gostaria de fazer por conta da repreensão moral, ética. A idéia é que na Internet você tem um pouco mitigado o olhar do outro, a presença do outro. (C.H28)

Mais adiante com esse mesmo entrevistado vimos que esse olhar do outro está, na verdade, dentro de cada um pela internalização das regras sociais. A respeito de uma "cantada" mal dada numa moça, pela Internet, diz que o olhar do outro, no caso a moça, não teria o mesmo peso. "Vai ter em mim, é claro que não vou poder me livrar dessa experiência, mas aquela pessoa

não vai haver uma ligação, ainda mais se eu não quiser [...]. E ainda posso tentar a mesma cantada com a outra, quem sabe, dê certo." (C.H28)

Ainda sobre a realidade virtual versus realidade física, um outro entrevistado coloca:

A gente tá se envolvendo muito com esse mundo [*online*] que tá tomando realidade. Não dá nem para dizer que não é real, porque é real [...] Porém é um tipo de realidade sem as normas da realidade do mundo físico, daqui. Não se tem leis na Internet.[...] Tem alguns países que criam, mas é para países específicos. Internet não tem um país, não é de nenhum país. [...] Quando o ser humano não tiver mais capacidade de entender quais são as normas daqui e quais são as normas de lá, aí é que tá o perigo. (R.H28)

Podemos verificar que o uso do anonimato, ou da Internet de modo geral, nas relações sociais, seja para o bem, seja para o mal, é um dos bons exemplos da interação entre o indivíduo e a sociedade, e da ordem simbólica que regula estas relações. O tipo de uso que se faz dela é determinado pela internalização, ou não, das normas sociais na estrutura subjetiva de cada um.

Passaremos a analisar as questões sobre a masculinidade e a feminilidade que, como colocamos anteriormente, estão imbricadas nas relações entre os gêneros, determinando condutas, modos de pensar e práticas tanto sociais quanto individuais, relacionando-as à tecnologia.

Masculinidade, feminilidade. O que é ser um homem? O que é ser uma mulher? O que é que fisga o teu desejo numa mulher? O que é que te atrai num homem? Estas foram as questões que colocamos para tentar entender as representações acerca destas questões para homens e mulheres.

Todos os homens (sem diferença de faixa etária) apontaram mudanças ocorridas no comportamento feminino no que diz respeito a elas tomarem mais iniciativas quando da aproximação em direção a um homem que lhes interesse. Não colocaram esta circunstância como um critério de rejeição em relação à mulher que inicie uma aproximação, embora ainda, preferam que sejam eles a tomar a iniciativa.

[...] está partindo do interesse que ela tem, uma vontade que ela tem; então eu não vejo mal nenhum . Eu acho que é uma outra forma, talvez mais adaptada, talvez um pouco mais burilada de elas procurarem algo que elas têm desejo. Se elas têm desejo de procurar uma amizade ou alguma outra coisa, então porque não ela ir tomar a iniciativa de fazer isso? Mas nessa parte eu ainda sou um pouco mais antigo. (G.H49)

Aqui temos um exemplo claro da ambivalência ou ambigüidade da qual falamos acima, mas agora numa dimensão que engloba a relação entre o homem e a mulher e não entre o indivíduo e a tecnologia. A iniciativa da mulher pode não representar estranheza mas também pode colocar em dúvida a masculinidade. É interessante notar que apesar das mudanças no comportamento feminino atestada tanto pelos homens quanto pelas mulheres, no jogo amoroso ainda se valoriza uma série de elementos das relações tradicionais. Eles preferem tomar a iniciativa, abrir a porta do carro, buscar que sejam bonitas (o padrão de beleza aqui é sempre muito subjetivo), que sejam mulheres sensíveis, entre outros emblemas tradicionais. Contudo, estes homens também dizem que a bagagem intelectual e o grau de cultura, deve ser semelhante entre os pares. Conforme vimos com Tamanini, (2007) trata-se por parte dos homens de um não saber ainda lidar com as mudanças das mulheres e com o que lhes é de direito porque são seres humanos e não porque pertencem a tal ou qual categoria de gênero.

Nos sites observamos que a maioria dos homens coloca em seus perfis que prefere mulheres independentes do ponto de vista financeiro. Mas aí já fica a pergunta: será porque eles não tomam mais como um elemento de depreciação da sua virilidade ou seria porque uma mulher que não se sustente estaria apenas procurando alguém para sustentá-la? Esta questão surgiu-nos a partir da leitura dos perfis nos sites, e foi corroborada quando nossas entrevistadas disseram que este é um dos requisitos que os homens colocam como valor positivo numa mulher. Os homens que entrevistamos respondem que não se importam em dividir a conta do restaurante (especialmente os da faixa etária abaixo de 30 anos). Todavia, deixar tudo por conta da mulher,

aí já não é aceitável, nem para eles e nem para elas. A condição financeira, um dos elementos mais significativos na relação entre amor e poder, motivo de hesitação de algumas mulheres, no momento de decidir-se pela separação, (LOBATO, 1997; DEL PRIORE, 2005) é também um dos elementos que trazem posicionamentos ambíguos tanto para os homens quanto para as mulheres.

Os homens acima dos 40 anos opinam que é fator de valorização que uma mulher tenha uma condição financeira independente. Eles gostam disso porque confere à mulher uma imagem de capacidade para a vida e mais ainda de quem tem condições de ir buscar o que deseja. Entretanto mesmo que estejam com uma mulher que tenha o mesmo padrão financeiro eles pagam a conta sem pestanejar. Se a mulher se oferece para dividir, pode criar-se uma situação delicada, especialmente nos primeiros encontros. Para as mulheres, o homem que toma a iniciativa, paga a conta no restaurante, manda flores e porta-se de modo decidido, determinado, tem um nível acadêmico e cultural elevado, ganha mais pontos do que aquele que divide a conta, mostra-se indeciso ou inseguro seja no que for, ou tenha um padrão intelectual e financeiro menor do que o da mulher. Algumas delas quando percebem isto, ou "deletam" de imediato o perfil ou se o encontro foi na realidade, negam-se a continuar o relacionamento. Cinco das nossas entrevistadas, contando sobre como escolhiam o perfil de um homem para quem mandariam um recado contam que se dirigiam àquele cujo texto dava a impressão de que era um homem que tem uma auto-estima elevada sendo este tipo de homem que lhes chama a atenção. Com isso elas revelam que o homem seguro e confiante é aquele que ganha mais pontos em detrimento dos demais: "Nossa! esse cara se 'acha' mesmo, hein!" (S.M52) e "Mas que cara mais descolado!!" (A. M44)

A igualdade de direitos das mulheres nos campos político, social, profissional e das relações familiares é inquestionável por parte deles. Mas isto não significa competir, rivalizar com os homens, reproduzindo seus comportamentos e atitudes agressivas e viris. Novamente aqui

se repete, segundo Tamanini, (2007) um equívoco de leitura por parte dos homens. Para a autora, as mulheres não visam algum tipo de competitividade com os homens,

[...] porque as mulheres em geral, e no quadro das carreiras, das ciências, da vida, do trabalho, [...] estão assumindo apenas o que sempre lhes coube e o direito que lhes foi negado, tratando-se muito mais de uma construção de si. (IBIDEM, anotações de aula)

Dois dos entrevistados manifestaram-se, quanto a esta situação, de forma bastante precisa:

[...] as mulheres estão querendo fazer a mesma coisa que os homens e, justamente, naquilo que elas erram: na agressividade excessiva e na competição". (C.H53)

[...] Eu não gosto das mulheres que saem imitando os homens : tornam-se agressivas, fumam feito chaminé. Feminilidade é tentar se entender e se aceitar como diferente dos homens e não querer ser igual a eles de algum jeito.(R.H28)

Note-se que este último entrevistado diz: "ser igual a eles", o que não é o mesmo que negar que se tenha direitos iguais. Duas das mulheres entrevistadas utilizam este mesmo termo, "competição" do seguinte modo:

O que eu penso é que o homem não tolera é essa competitividade sexual das mulheres. Eu acho que essa competitividade profissional, essa coisa assim, eu acho que tudo isso ele até consegue elaborar.[...] Ele não lida com isso, com o ser usado, ser corneado, com direitos iguais: 'Ah? então você pulou a cerca? Já que você aprontou, então eu também vou. Vou pagar com a mesma moeda.' Ele não tolera isso". (A.M44).

Hoje em dia, a mulher tem que ser profissional, tem que ser mãe, tem que ser sexual, e isso assusta o homem porque elas competem no mercado profissional e eles percebem que não têm controle sobre isso. Ela sabe o que ela quer e sabe se impor. (L.M46).

Esta imagem virilizante e competitiva que se formou no imaginário masculino e também no feminino, talvez tenha a ver com a atitude de algumas mulheres, mas não todas, já desde o início dos movimentos pela conquista de igualdade de direitos. É famosa a referência à queima de sutiãs relatada por Adelman (2004) e que trouxe um estereótipo da mulher agressiva e que não

hesitaria em "tocar fogo no circo" quando vai a busca daquilo que deseja e que, no caso do direito, não lhe é devido; é uma condição do próprio fato de ser-se humano e não de se ter nascido homem ou mulher.

A mídia, tem uma grande influência no imaginário social e tem contribuído para fixar ainda mais esta imagem violenta e predadora das mulheres. Só nos meses de fevereiro e março deste ano (2007), surgiram duas reportagens que reforçam a nossa tese. A Revista Nova (Fev.2007) traz uma matéria com a chamada "O século 21 é nosso. Tá tudo dominado!"

A matéria é ilustrada por uma fotografia tirada de baixo para cima, de uma mulher que, pela perspectiva do espectador, ficou gigantesca. Mais do que isso, ela está trocando uma passada e tem-se a impressão de que vai esmagar o leitor com um sapato de salto bem alto. A reportagem é escrita num tom triunfalista e depreciador em relação aos homens, com frases como: "o número de profissionais de batom com curso superior incompleto já é 33% maior que o de engravatados com o mesmo nível de instrução [...]. Informação é poder. E nós temos". No mês seguinte, encontramos na Revista Época (Março/2007) uma reportagem que é a contradição por excelência, quando a tentativa era justamente a de eliminar esta imagem da mulher plenipotente, masculinizada, e que não precisa de nada nem ninguém porque consegue tudo sozinha. Traz na foto de capa uma mulher com um charuto aceso na mão e, no conteúdo, a reportagem sobre a "Mulher Alfa", que é aquela que conquistou a igualdade de direitos, em todos os campos, bem como de expressão cultural e política e que nem por isso tornou-se virilizada porque gosta de arrumar-se, valoriza as diferenças sem tentar imitar os homens, gosta de ser valorizada pela beleza e precisa de um companheiro. Enfim, a 'nova' feminilidade em pessoa, com mais qualidade de vida, entre outras vantagens. Em tempo: a reportagem esclarece que o termo "Alfa" foi retirado da teoria evolucionista darwiniana que dava ao macho padrão da espécie, considerado

como o mais forte e adaptado às condições hostis ambientais, este código de classificação. Desta maneira, já desde a denominação, desde a linguagem social e simbolicamente construída, esta mulher está associada à imagem viril.

Ora, tais reportagens apenas reforçam esse estereótipo que os nossos entrevistados apresentaram, pois nada mais virilizante pelos padrões tradicionais do que a dominação pela botina ou pelo uso de um enorme charuto. A mídia, por vezes, perde a noção do desserviço que presta, na ânsia de superar escores mercadológicos. Pior do que isto, algumas mulheres acabam por identificar-se com essas imagens, espelhando-se nelas. Num almoço em família, a autora deste trabalho teve a oportunidade de presenciar a conversa de um grupo de mulheres acerca desta última reportagem. Elas elogiavam muito a matéria e, interessando-me por ela, pois eu a desconhecia, pedi que indicassem qual era a fonte. A resposta que me deram: "É da última Revista Época, aquela que tem a mulher com um charuto na capa". Em outras palavras, o que ficou mais registrado, foi a imagem, mostrando a força que têm não só as imagens como a influência que a mídia exerce sobre o público. (ADORNO, 1985). Talvez por isto os homens entrevistados, em nossa pesquisa, definiram a feminilidade pela oposição à atitude viril pois quando se pedia que caracterizassem uma mulher feminina, a resposta vinha pela negativa, ou seja: ser feminina, não é reproduzir o modelo masculino.

"A mulher tem que ser feminina, diferente do homem" (G. H49) e junto disso, vinha sempre uma enfática valorização da diferença que pressupõe, depois de todo esse processo de reflexão, a feminilidade segundo as representações tradicionais de sensibilidade e intuitividade por oposto à racionalização e objetividade, características da masculinidade. Em nenhum momento a feminilidade foi associada à fragilidade. Tampouco a oposição à objetividade e racionalidade intelectual foi associada à incapacidade intelectual. Pelo contrário, foi nas questões sobre atração e aproximação às mulheres que surgiu a capacidade intelectual e bagagem cultural

como atributos muito valorizados. Isto a ponto de serem estes elementos aqueles que decidiriam a continuidade das relações que, no caso presencial, começassem pela valorização da aparência física. Em outras palavras, de nada adiantaria que o encontro inicial se desse pela beleza física da mulher, pois se não houvesse afinidade cultural, o relacionamento não ia adiante. No caso dos relacionamentos pela Internet, em que não houvessem fotografias no site, este quesito contava maior valorização ainda, e era avaliado pelos textos que as pessoas escrevem sobre si mesmas. Assim, temos que se a beleza física funciona como o primeiro elemento de atração, ela perde importância quando a mulher demonstra um grau cultural muito dissimilar ao do homem e, pior ainda, mostra-se viril ou rivalizante.

Ainda quanto às representações sobre feminilidade, vimos que os homens vêm-se diante de um dilema, pois quando a caracterizam pelos elementos tradicionais, não lhes resta mais do que aceitar a mulher viril como a definição atual de feminilidade, o que para eles tem conotação inaceitável. Heilborn (2004) indica que embora os homens não estejam fora do cenário das mudanças que atingiram as mulheres, eles ainda "comparecem de maneira menos espetacular" (IBIDEM, p.10)

Quanto à masculinidade, foi menos polêmica, pois que os homens mudaram pouco em comparação com as mulheres, o que não significa que isto lhes seja confortável. Pelo contrário. Um deles, disparou a seguinte resposta, quando mal terminava de enunciar a pergunta sobre o que é a masculinidade: "Cobrança"(A.H36).

Tanto homens quanto mulheres definiram a masculinidade segundo os padrões que a caracterizam tradicionalmente, mas com algumas ressalvas, quais sejam: no caso dos mais jovens, frisam que os homens já estão vislumbrando que não perdem em virilidade se valorizarem seus próprios sentimentos. Já quanto aos homens mais velhos a novidade ficou por conta da crítica veemente a todo e qualquer tipo de violência, seja física ou psicológica ou de recusa de

direitos às mulheres. O impasse fica sempre no momento das relações amorosas onde eles equilibram-se sobre o fio de uma navalha, tentando descobrir de que modo agir com as mulheres sem perderem-se quanto a si próprios no que concerne à construção da própria masculinidade. As mulheres neste ponto também não mudaram tanto quanto o fizeram em relação a si mesmas. Não defendem a violência ou dominação, mas o que as atrai como emblema de masculinidade ainda é a imagem de homem forte: "Tem que ser alto. Baixinho, nem pensar" (L. M46). "Tem que ser culto, inteligente, determinado, de bem com a vida, romântico"(A.M44). "Tem que ter uma conversa decente, ter um grau intelectual igual ou superior ao meu e ter renda financeira igual ou maior que a minha"(L.M46). Mas a unanimidade ficou por conta de que um homem tem que saber conversar sem ser grotesco ou vulgar, em outras palavras, um cavalheiro.

A respeito da questão da ambigüidade um dos exemplos mais interessantes é aquele em que perguntamos sobre a representação acerca do amor virtual. Diga-se de passagem, que muitos deles classificavam a pergunta sobre o amor como a mais difícil de ser respondida. Primeiramente descreviam o amor como o entenderam até o momento em que a tecnologia surgiu em seu campo de experiências, referindo-se a ele como "amor de verdade" (G.H49) e que se define por um conjunto de elementos e não por uma palavra apenas. Dada esta amplitude podemos dizer que, para estes entrevistados, amor é um conceito que surge de uma elaboração calcada nas experiências que construíram ao longo da vida.

Amor é uma palavra que a gente usa para determinar várias coisas. Eu acho que eu amaria uma pessoa quando eu tivesse com ela essa sintonia que eu busco, a cumplicidade, essa força mútua. (C.H.28)

O amor real é aquele que você constrói no cotidiano mesmo. No dia a dia. Eu acho que minha felicidade não depende do outro. Eu acho que quando a gente está bem, tudo dá certo. Eu acho que o relacionamento amoroso é muito do investimento que você faz, do teu interesse em se dedicar à pessoa. Para você estar assim com alguém, existe toda uma disponibilidade que você se propõe a fazer. (N.M.40)

Pr'a mim é esse companheirismo, é essa sensação, é esse respeito, essa necessidade de ficar junto, esse jogo limpo, essa parceria da vida que se faz. O amor é basicamente isso, um sentimento de gostar de alguém, de querer estar com alguém mas que é especial e não qualquer cara. (A.M44)

O conteúdo dessas falas revela concepções, sobre várias facetas do amor, que indicam mudanças nas formas tradicionais de concebê-lo, bem como apontam quais são as condições para que o amor se instaure. Vê-se de início, que o amor não é algo dado *a priori*. É construído no dia a dia, numa parceria que implica em trocas de afeto, respeito, sinceridade, confiança e companheirismo. Em segundo lugar, o amor dispensa a alienação e a dependência em relação ao outro, substituindo-as pelo desejo e prazer de estar junto de determinada pessoa e não de qualquer uma. Isto implica em que cada um possa, antes, estar bem consigo mesmo sem atrelar a própria felicidade à presença do outro em sua vida. Esta concepção vai na direção contrária de que seja preciso encontrar a outra metade para sentir-se inteiro, corolário da tradição binarista (BUTLER, 2003) de que os opostos se atraem para fazer a completude. Por último, se o amor implica buscar um outro e depende do investimento que se possa fazer pela relação, é preciso que haja alguma força que dê a partida em direção à procura; força esta que nasce da carência, da 'necessidade' da companhia de outra pessoa. Neste sentido, a presença de uma falta é a condição que determina a busca.

Quando definiam o amor virtual, diziam que seria o amor vivido apenas no ambiente da virtualidade, sem chegar ao encontro pessoal. Neste momento refletindo sobre a própria idéia que informaram sobre o amor, concluíam que ele não seria experienciável exclusivamente no ambiente da Internet, pois, pela sua definição de amor, é condição *sine qua non* que houvesse encontro pessoal. Um dos homens que encontrou sua atual mulher (casaram-se oficialmente) pelos sites de encontros, define: "o amor virtual é o amor por si mesmo. Enquanto está só na

Internet pode-se manter a imagem ideal do outro que eu construí para mim. Sair para o encontro na realidade é correr o risco de perder o ideal que eu construí" (C. H53)

A solução para o impasse fazia-se pela reflexão de que a Internet pode possibilitar a busca de um parceiro mas não a construção de uma relação amorosa de acordo com as representações e expectativas de cada um dos entrevistados. Mesmo para aqueles que se casaram, a utilização da tecnologia ficou restrita às primeiras aproximações até o encontro pessoal e a decisão de que a convivência pessoal teria continuidade, atendendo à condição de que só se constrói um relacionamento em presença, face a face, ou, para usar o termo de um de nossos entrevistados, (G.H49) "Olho no olho, [...] Amor, pr'á mim, só passa a existir a partir do momento que as duas pessoas estão juntas, na realidade", ou ainda:

O virtual é uma coisa mais distante; você não pega. Você pode construir uma fantasia; deixa de ser real. O amor real é aquele que você constrói no cotidiano mesmo. O amor virtual é aquela idealização que você gostaria, aquela coisa que você até acredita, mas que talvez não seja verdadeira. Que não tenha como comprovar, como mensurar.(N.M.40)

Temos também:

A Internet é uma ponte para isso, o companheirismo, respeito, jogo limpo, parceria da vida que se faz, de gostar e querer estar com alguém, sabe? Eu não acredito em amor virtual por que seria um relacionamento que se mantém só virtualmente. Mas eu não sei se isso acaba acontecendo porque eu acho que um dia os dois acabam se conhecendo realmente, pessoalmente (A.M44)

Estes relatos demonstram que estes entrevistados não levam em conta que, mesmo o amor que se vive no ambiente da realidade também comporta uma dose de idealização, principalmente quando referido ao modelo romântico (DEL PRIORE, 2005). Podemos dizer que se eles não a levam em conta, não quer dizer que ela não esteja presente. Ocorre que na convivência presencial, os parceiros podem pensar que, pela sensação de controle que se tem do olhar e das expressões/impressões que fluem de um ao outro (GOFFMAN, 1983) poder-se-ia também controlar de modo absoluto as percepções idealizantes. Até certo ponto isto não deixa de ser

verdadeiro, mas não de modo absoluto. Consideramos que o relacionamento durante o período de tempo que se mantém no virtual, pode manter por mais tempo a idealização, já que não se tem o controle das impressões (IDEM) de que falamos acima e o entrevistados sabem disso. Assim o fato dessa idealização ser apontada com mais frequência quando se leva em conta o virtual, pode ser atribuído à condição de que aqui a diferença imponha-se de modo mais significativo quando ela surge no ambiente da realidade, na hora do encontro presencial. É justamente aquilo que eles chamam de diferença, quando na convivência do dia a dia, surgem valores, princípios e práticas que não coincidem ponto a ponto na experiência e nas expectativas de cada um dos parceiros, só que talvez seu aparecimento leve menos tempo para ser detectado em virtude do convívio ser presencial.

Finalizaremos nossa análise com a apresentação e discussão das expectativas de homens e mulheres sobre o relacionamento amoroso. Neste ponto procuramos analisar o que homens e mulheres estão buscando quanto ao relacionamento amoroso e de que forma os relacionamentos se estruturam atualmente. A pergunta que fizemos foi: o que os homens e mulheres estão buscando quanto ao relacionamento amoroso?

Sobre este ponto, numa resposta à jornalista que o entrevistara perguntando sobre o que os homens buscam nas mulheres, a fala de Nolasco (2006) traz quase um resumo daquilo que encontramos na nossa pesquisa, com relação ao que os homens entrevistados disseram. Segundo o autor citado:

Alguém que possa acolhê-lo amorosamente, para que se sintam seguros na relação. Inteligência e articulação são valores importantes, mas, mais do que isso, querem uma mulher que curta as mesmas coisas que ele, que tenha afinidades. Claro que o corpo é levado em consideração. Mas a valorização apenas desse quesito está associada, geralmente a relações superficiais. (IBIDEM, 2006, não paginado)

A superficialidade e a efemeridade das relações são detectadas pelos entrevistados, assim como a maior chance de desencontros do que de encontros. Mesmo aqueles entrevistados que

encontraram seus atuais parceiros pela Internet e estão vivendo uma relação satisfatória segundo suas expectativas particulares, atestam que no mundo atual está muito difícil de as pessoas conseguirem encontrar parceiros e estabelecerem relações que lhes dêem algum tipo de satisfação.

A maioria atribuiu esta condição ao fato de que hoje as pessoas estão muito centradas em si mesmas, pouco disponíveis para abrir mão seja do que for em relação a si próprias de modo a contemplar as diferenças que, invariavelmente, surgem em qualquer relacionamento. Vimos que autores como Sennett (1998), Bauman (2004) e Lipovetski (2005) já registram há algum tempo esse processo de exacerbação do individualismo. Estes desencontros freqüentes, ainda segundo nossos entrevistados, vêm causando frustração, decepção, e medo de aproximar-se ou de permitir que o outro se aproxime. Estas percepções costumam ser sempre projetadas no outro e aí se forma um círculo vicioso. O outro não me entende, porque faria eu um esforço no sentido de compreendê-lo? E o que tem isso a ver com a Internet? Tudo e nada. Se dentro dela não há diferença em relação ao que ocorre na realidade física, em que pese o maior número de pessoas com as quais se possa fazer contato, elas são as mesmas com quem se cruza na rua ou num barzinho.

Todo mundo busca a mesma coisa. O legal, o relacionamento estável, a companheira, amiga, que seja pros bons momentos, maus momentos, que seja alegre, que seja disponível, que seja bonita, que seja independente! A mesma coisa que eu peço todo no sentido masculino, o homem pede assim, também. [...] ao mesmo tempo que todo mundo procura um compromisso, procura um vínculo legal, ao tempo o povo todo tem medo, tá longe, [...] medo das decepções, pelas frustrações. [...] Antes eu achava que era só a mulherada que era sofríiiiiida! Traííí'da! Não! A homarada também tá num grau assim, sabe? Tudo com medo. Agora? Agora o povo tá lá [na Internet]. Então você veja, o povo tá sozinho em casa, numa sexta-feira, meia-noite e meia, quentinha, gostosa e podiam estar batendo papo. Eu tô sozinha aqui, ele tá sozinho lá e é isso que eu digo que é o desencontro (A. M44)

A Internet não é a causa dos desencontros ou do isolamento das pessoas, mas seu efeito. (DELEUZE, 1992; CASTELLS, 2003). Como apontaram alguns entrevistados, no ambiente

virtual pode-se também manter a imagem que se constrói do outro, de acordo com o que se espera, produzindo-se um redobramento narcísico. O desencontro, o mal-estar, começam quando a alteridade desmente a idealização, impondo a diferença.

Diante do desejo de encontrar um parceiro, e das decepções com que se depara, talvez num site de encontros se possa achar aquele ou aquela que se busca. Torna-se mais uma alternativa, principalmente para aqueles que conhecem alguém que encontrou um companheiro neste meio. Assim, apesar dos preconceitos e dos riscos nossos entrevistados decidiram recorrer aos sites de encontros e namoros.

Os relacionamentos descritos por Giddens (1993), que implicam no bem estar mútuo, na confiança e na negociação das diferenças e não mais na obrigação moral de fidelidade e duração vitalícia é o que caracterizam a descrição dos nossos entrevistados quanto ao que eles projetam como sendo o que homens e mulheres buscam num relacionamento.

Verificamos que 'dar certo' para um relacionamento define-se pelo bem estar ao lado de determinada pessoa, enquanto dure o relacionamento, independente do tempo que se permaneça junto, desde que tenha havido implicação pessoal de ambas as partes. Esta implicação pessoal é tida como o oposto da superficialidade, embora a efemeridade possa estar presente. Esta definição é mais freqüente nos homens de faixa etária inferior a 30 anos. A superficialidade, para eles, é caracterizada pela ausência da implicação pessoal e investimento na relação. São as relações caracterizadas pelo "ficar", ou só para passar o tempo.

Os homens e mulheres acima dos 40 anos, consideraram o relacionamento estável como o tipo de relação desejável e exitosa. Quando se pedia que o definissem, eles o faziam não pela determinação de um tempo preciso, mas pela oposição ao troca-troca freqüente de parceiros. A estabilidade depende fundamentalmente, para eles, do respeito às diferenças, a uma atitude tolerante frente aos conflitos que permeiam a vida conjugal. Esta estabilidade também está ligada

à implicação pessoal pela manutenção do relacionamento, que é definida pela capacidade de investimento que cada um pode dispor para este fim.

A confiança e o respeito são elementos fundamentais e é o conjunto de todas estas características que determina o grau de compromisso e a duração da relação. Não mais a obrigação moral ou social de atrelar o relacionamento e suas expectativas de êxito à formalização do casamento civil e/ou religioso. Quando esta formalização ocorre, é por uma condição de desejo particular daquele casal. Aqui cabe ressaltar que todos os homens entrevistados, que já haviam tido uma experiência anterior de casamento oficializado, não viram razão para não desejarem estabelecer uma nova relação baseada nestas características que, embora impliquem numa certa condição de fidelidade, estabilidade e tempo, em nada se assemelham às queixas de aprisionamento tão comuns no discurso de ex-casados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do relacionamento amoroso por si só já traz a complexidade de toda construção humana. Aliado a um novo instrumento como a tecnologia virtual, ainda marcada por sua característica de novidade, portanto carregada de representações pessimistas e outras alvissareiras, torna-se um trabalho de montagem e remontagem de elementos que mais se desencaixam do que tomam forma harmônica. Pesquisar as formas de sociabilidade amorosa que podem surgir dentro de um ambiente como a Internet foi nosso objetivo principal. Levamo-lo a cabo por meio do levantamento dos motivos que levam as pessoas a buscarem a tecnologia para um relacionamento amoroso; da descrição das representações que estão sendo elaboradas acerca destes relacionamentos intermediados pela tecnologia; da verificação da vigência ou não da reprodução das relações de gênero calcadas no modelo hegemônico bem como mediante a averiguação dos tipos de relacionamentos amorosos que a tecnologia pode permitir. Complementando estes objetivos pesquisamos ainda a interferência da ideologia de mercado, estratégias de dominação e controle que se imiscuem em todas as áreas da vida humana, incluindo a da sociabilidade amorosa. A consecução destes objetivos foi realizada utilizando-se a pesquisa empírica que foi buscar nas práticas experienciadas pelos usuários dos sites, possíveis respostas para as questões que surgiram a respeito do tema.

Pudemos observar que a tecnologia não traz novos conteúdos para os relacionamentos amorosos. Pelo contrário nela se reproduzem, em especial, os elementos das relações de gênero calcadas nos modelos tradicionais de sociabilidade amorosa. A novidade, é o fato de que os sites de encontros e namoros abrigam características diferentes das encontradas noutros recursos tais como o telefone e o correio convencional. Nestes últimos, a voz e a caligrafia, atuam como marca identificatória contribuindo para diminuir a desconfiança e a necessidade de proteção em relação ao

outro que o anonimato no ambiente virtual produz. Além disso, a noção de tempo, ou seja, de lida com a espera e expectativa também marca diferença entre estes recursos.

Verificamos que os relacionamentos amorosos contemporâneos já não seguem mais valores como coabitação, oficialização seja civil ou religiosa, ou durabilidade vitalícia. Os casais se formam e se mantêm de acordo com critérios como confiança, respeito, afeto, satisfação sexual e implicação mútua na manutenção da relação. O uso da tecnologia não trouxe tipos de relacionamentos amorosos que não tenham a possibilidade de ser realizados no ambiente físico, pelo menos no que tange à experiência de nossos entrevistados. Na Internet, segundo estas experiências, nada se constrói em termos de relações amorosas que atendam às expectativas de conjugalidade satisfatória definida pela população pesquisada.

Constatamos que as representações dos homens sobre as mulheres e vice-versa, contemplam as mudanças ocorridas após os movimentos sociais que foram buscar a igualdade de direitos, bem como maior autonomia e expressão femininas, em todos os campos da vida humana. Contudo, apesar da constatação destas diferenças, em termos práticos, pouco mudou na relação entre homens e mulheres, pois as representações do que se deseja em relação ao parceiro ainda contemplam os valores tradicionais da masculinidade e da feminilidade. Aliadas a isto as características da subjetividade contemporânea, como o maior centramento em si mesmo, acabam provocando um distanciamento e receio de aproximações entre homens e mulheres, ensejando o uso da tecnologia como intermediador, pelo menos no início das relações. Caso elas se mostrem diferentes da expectativa do sujeito, a tecnologia também permite o rompimento delas a qualquer tempo sem que se tenha que dar conta ao outro de motivos ou justificativas, já que a distância que ela permite, torna este evento menos carregado de sentimentos que gerem culpa ou dívida. Neste sentido a tecnologia permite o estabelecimento de relações efêmeras, marcadas pelo individualismo do sujeito contemporâneo. A instantaneidade dos chats traz a velocidade buscada principalmente pelos mais jovens que já nasceram num mundo marcado pela velocidade e efemeridade não só das coisas

materiais, como também das relações humanas, no campo amoroso. Aqui verificamos que a tecnologia virtual é somente mais um instrumento na busca por parceiros e apenas reproduz as características da sociedade contemporânea no que tange à efemeridade e velocidade, porém não marca diferença qualitativa nos laços estabelecidos. Quando se fala em relacionamento amoroso na Internet, a criação de fantasias ou personagens é tida como indício de má fé por parte daquele que lança mão delas, sendo esta a opinião quase unânime, excetuando-se apenas um dos homens entrevistados. Ainda de acordo com esta população, qualquer evidência de falta de sinceridade é fatal para o estabelecimento de uma relação, e isso mais ainda num ambiente que carece de muito mais esforço e empenho para que se estabeleça a confiança no outro, base do relacionamento amoroso, na contemporaneidade. Nesta vertente, o anonimato é um elemento que ora contribui para a proteção do sujeito, ora para sua desconfiança. No caso da amostra pesquisada não é o anonimato, a principal razão da busca da tecnologia para o encontro de um parceiro embora, como já dissemos, ele possa contribuir para isso no caso daqueles que tenham dificuldade numa aproximação face a face. A razão principal é o desejo de se encontrar um parceiro para um relacionamento amoroso que não exija necessariamente contemplar os critérios das relações tradicionalmente sancionadas pela sociedade.

Nosso estudo possibilitou confirmarmos que a sociabilidade na Internet, não está livre das estratégias de controle e dominação praticados pela lógica do mercado capitalista. Ao contrário, imbricam-se cada vez mais na teia da vida humana, determinando, construindo desejos e expectativas de consumo e simultaneamente oferecendo sua satisfação. No campo da sociabilidade vende-se junto com as emoções, a possibilidade de encontrar o parceiro desejado, de maneira rápida, segura e com satisfação garantida.

O estudo da sociabilidade amorosa na Internet não se esgota neste trabalho pois que sendo uma prática que apenas está iniciando, certamente ensejará a necessidade de se averiguar que mudanças ainda estão por vir, à medida que esta tecnologia sofra re-significações pautadas pela utilização e experiência dos usuários deste instrumento.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta**: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. 2004. 229 f. Tese (Doutorado) - Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Linha Estudos de Gênero – UFSC/CFH, Florianópolis, 2004.

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger. (Org.) **História da vida privada** : da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3

_____. **História social da família e da criança**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARROS, Myriam L. de; GOLDMAN, Sara. **Bate-papo intergeracional na Internet**. Cadernos Pagu, Campinas, n.13, p. 37-62,1999.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito ironias da era do virtual e da imagem. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com imagem e som: um manual prático**. tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEN – ZE'EV, Aron. **Love online**. Londres: Cambridge University Press, 2004.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Obras escolhidas: **magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, Maria de Lourdes. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.13, n.3, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em out.2006

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____, A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 119-153

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

CAMPENHOUDT, Luc Van. QUIVY, Raymond; Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000

_____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto. **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 19-66.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v.20, n.2, p.185-206, jul/dez 1995.

CORRÊA, Mônica C. A bomba informática: entrevista concedida por Paul Virilio.

O Estado de São Paulo, 2002. disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/ext/frances/viriliop.htm>.> Acesso em 03 mar 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Disponível em:

<<http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/mídias/controle.pdf>.> Acesso em: jun 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2006. v.1

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise do conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FUENTES, Sonsoles; CARRIÓN, Laura. **Mulheres confessam**. tradução Miriam Ibanez. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. (Org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: el juego y la cultura**. México: Fondo de Cultura Economica, 1943.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese dos indicadores sociais – 2003**. In: Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro: 2004.

LAQUEUR, Thomas. **La construcción del sexo. Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud**. Madrid: Cátedra, 1994.

LEBRUN, Pierre. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. S.P., Barueri: Manole, 2005

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

LOBATO, Josefina P. **Amor, desejo e escolha**. Rio de Janeiro: Record-Rosa dos Tempos, 1997.

LOURO, Guacira L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARQUES, Vivian. Tá dominado! Tá tudo dominado! **Nova Cosmopolitan** São Paulo: Abril, n.2, ano 35, p. 122-125, fev. 2007.

MARX, Karl. **Introdução à crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 2005 (Os Pensadores).

MATHIEU, Nicole-Claude. Identité sexuelle/sexueé/de sexe? Trois modes de conceptualisation du rapport entre genre et sexe. In: MATHIEU, Nicole-Claude. **L'Anatomie politique: categorisations et ideologies du sexe**. Paris: Cote Femmes, 1991. p.227-266 (Tradução para fins didáticos de Marlene Tamanini. Anotações de aula; 2005/2006)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.

_____. Hermenêutica – Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, Suely F. (Org.) **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003. p.83 – 107

NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg; TAMANINI, Marlene. **Emoção, razão, tecnologia e sociabilidade amorosa**. In: VI Reunión de Antropología del Mercosur (RAM), 2007, Porto Alegre/RS/Brasil. In: REZENDE, Claudia Barcellos; BRIGEIRO, Mauro. GT 19 Antropologia das Emoções: relações sociais e subjetividade. Anais...Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. CD – Rom, ISSN 1981 - 7088.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília: [s.n.] v.21, n.3, p. 365-373, set/dez 2005(a).

_____. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. In: **Psicologia e Sociedade**, v.17, n.2, p. 50-57, maio/ago 2005(b).

_____. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. A qual dar crédito?. In: **Estudos de Psicologia**, Natal: [s.n.] jan.2002, vol.7, n.1, p.25-35.

OLIVEIRA, Pedro Paulo M. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

OLIVEIRA Zuleica Lopes Cavalcanti de. A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis? In: ARAUJO, Clara; SCALON, Celi . (org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p.123 -147

PEW INTERNET & AMERICAN LIFE PROJECT. **On-line Dating**. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Online_Dating.pdf>: Acesso em: 01 mai 2006.

PICANÇO, Felícia Silva. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. In: ARAUJO, Clara; SCALON, Celi . (org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV 2007. p.149 – 172.

PIERRET, Janine. Elementos para reflexão sobre o lugar e o sentido da sexualidade na sociologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.) **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 49-68

PORTO, Sérgio Dayrell. (Org.) **Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na Internet**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

RODRIGUES, Jorge N. **Mais comunicação nem sempre é melhor**. Janela na Web. Disponível em: <<http://www.janelanaweb.com.br>> Acesso em: 05 set 2004.

ROUGEMONT, Denis de. **História do amor no ocidente**. 2 ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003

SALEM, Tânia. "Homem...já viu né?": representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luiza. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SAMPAIO, Alice. **Amor na Internet**: quando o virtual cai na real. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHWANDT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento em pesquisa qualitativa: teorias e abordagem**. 2 ed. São Paulo: Artmed; Bookman, 2006, p. 193-217.

SEMERENE, Bárbara. Abrindo as portas dos salões virtuais. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **Sexo, afeto e era tecnológica**: um estudo de chats na Internet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. **Sobre la aventura**: ensayos filosoficos. Barcelona: Ediciones Peninsula, 2002.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 (Grandes Cientistas Sociais)

_____. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TAMANINI, Marlene. **Novas tecnologias reprodutivas conceptivas à luz da bioética e das teorias de gênero**: casais e médicas no Sul do Brasil. 2003. 363f Tese (doutorado) – Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC/CFH, Florianópolis, 2003.

_____. Anotações de aula. jan/set 2007.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Editora Polis, 1987

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALLERIO, Ciza. Homens em foco. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 2006. Caderno Feminino

VEJA MULHER. São Paulo: Abril, Edição Especial, n.65, jun.2006.

VELLOSO, B.; SANCHES, M.; MENDONÇA, M. Quem é essa nova mulher? **Época**, São Paulo, n. 462, p. 90-98, 26 mar 2007.

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1972.

WIKIPEDIA. **Preservativos**. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>> Acesso em: 14 out 2006.

ZORDAN, Paola B.M.B.G. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**.

Florianópolis, v.13, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> . Acesso em: 6 out. 2006.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CASTAN, Nicole. O público e o particular. In: CHARTIER, Roger. (Org.) **História da vida privada 3**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DAUPHIN. Cécile. Mulheres sós. In: PERROT, Michelle & FRAISSE, Geneviève (Org.) **História das mulheres no ocidente**: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

DUBY, Georges. (Org.) **História da vida privada**: da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v. 2

_____. Amor e sexualidade no ocidente. **Revista L'Histoire/Seuil**. Tradução de Ana M^a Capovilla, Horácio Goulart e Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1992. Edição Especial

DURKHEIM, Émile. Sociologia e Filosofia. Tradução de J.M. de Toledo Camargo. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

_____. Divisão do trabalho anômica. In: RODRIGUES, José Albertino (Org.) **Émile Durkheim**: sociologia. 2 ed. São Paulo: Ática, 1981 (Grandes Cientistas Sociais)

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____ **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980 [1 ed. 1930]

GANDILLAC, Maurice. O amor na Idade Média. In: NOVAES, Adauto. **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GAY, Peter. A paixão terna. In: _____. **A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud** São Paulo: Companhia das Letras, 1988-1990. v.2

GOULEMONT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: CHARTIER, Roger (Org.) **História da vida privada**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3

- JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- MCFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra: 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PERROT, Michelle. (Org.) A família triunfante. In: **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.4
- PERROT, Michelle (Org.) Sair. In: **História das mulheres no ocidente**: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1994. v.4
- PRÓ-MÚSICA DE CURITIBA, **Carmina Burana**: cantiones profanae. Curitiba: Musas, [19 -] Libreto.
- RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger (Org.) **História da vida privada**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v3.